



Universidade de Brasília - UnB

Instituto de Letras - IL

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP

Programa de Pós-Graduação em Linguística - PPGL/ Mestrado

**Brasileirismos Terminológicos:  
estado de verbos em ação e processo**

Bruna Elisa da Costa

Brasília

2008

BRUNA ELISA DA COSTA

**Brasileirismos Terminológicos:  
estado de verbos em ação e processo**

Dissertação apresentada ao Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, como parte dos requisitos para obtenção do Grau de MESTRE EM LINGÜÍSTICA, pela Universidade de Brasília.

**Orientadora: Professora Doutora Enilde Faulstich**

Brasília

2008

## **BANCA EXAMINADORA**

Professora Doutora Enilde Faulstich LIP/UnB

Presidente

---

Professora Doutora Orlene Lúcia de Sabóia Carvalho LIP/UnB

Membro efetivo

---

Professora Doutora Aparecida Negri Isquerdo UFMS

Membro efetivo

---

Professora Doutora Patrícia Vieira Nunes Gomes INEP/MEC

Membro suplente

---

## AGRADECIMENTOS

---

A conclusão dessa etapa não teria sido possível sem a ajuda, direta ou indireta, de muitas pessoas. Gostaria de registrar meu reconhecimento e sincera gratidão a todas elas.

Em primeiro lugar, agradeço à querida Professora Doutora Enilde Faulstich, por ter orientado este trabalho, por me apoiar e incentivar com sabedoria e carinho desde a graduação, e por ter sempre me guiado com muita paixão pelos caminhos da pesquisa acadêmica.

Agradeço, também, a todas as professoras e professores com quem convivi no Programa de Pós-Graduação em Linguística da UnB pelas aulas e discussões enriquecedoras, aos funcionários da Secretaria de Pós-Graduação do LIP, Renata e Bruno, pela atenção e generosidade diária, e a todas as amigas de orientação, Alessandra, Cristiane, Flávia, Giselle, Marcela e Michelle, pela convivência, amizade e companheirismo.

Agradeço, especialmente, aos meus pais, minha família, meus amigos e ao Rafael Moreira, pelo amor e pela paciência em todos os momentos.

Finalmente, agradeço à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Linguística por ter acolhido este projeto e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo apoio financeiro para o desenvolvimento deste trabalho.

*Às minhas irmãs Mainí e Denise e à Nina*

<b>Resumo</b> .....	viii
<b>Abstract</b> .....	ix
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	1
<b>DELIMITAÇÃO DO TEMA</b>	
O que são brasileirismos? O que são brasileirismos terminológicos? .....	3
<b>CAPÍTULO 1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS</b>	
1.1. Considerações sobre Terminologia .....	13
1.2. Sobre a definição terminológica .....	25
<b>CAPÍTULO 2 DISCUSSÃO TEÓRICA</b>	
2.1. A caracterização do verbo como termo .....	36
2.2. A classificação sintático-semântica dos verbos .....	47
<b>CAPÍTULO 3 PERCURSO METODOLÓGICO</b>	
3.1. Seleção dos brasileirismos terminológicos no NDA .....	52
3.2. Pesquisa da classe dos verbos selecionados no DUP .....	54
3.3. Pesquisa da ocorrência dos verbos selecionados em textos no <i>Google</i> .....	55
3.4. Fundamentos para a elaboração do vocabulário de verbos .....	57
<b>CAPÍTULO 4 ANÁLISE DOS DADOS</b>	
4.1. Análise de 51 verbos classificados como brasileirismos terminológicos .....	59
4.2. Resultados da análise .....	142

<b>CAPÍTULO 5 APRESENTAÇÃO DO VOCABULÁRIO DE VERBOS .....</b>	<b>148</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>159</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>161</b>
<b>REFERÊNCIAS DAS URLs .....</b>	<b>167</b>

Esta dissertação, desenvolvida no âmbito dos estudos do Léxico e da Terminologia, teve como objetivo investigar e analisar uma categoria nova proposta por Faulstich (2004), a de brasileirismos terminológicos. Propomos um recorte baseado em categorias gramaticais, das quais elegemos o verbo como o nosso objeto de pesquisa. Os dados que serão analisados constituem 51 verbos que pertencem a 19 áreas de especialidade distintas, compilados do Novo Dicionário Aurélio Século XXI, versão eletrônica. A presente dissertação teve como objetivo, ainda, a elaboração de um vocabulário de verbos que classificamos, segundo os critérios adotados nesta pesquisa, como brasileirismos terminológicos.

Para analisar aspectos sintático-semânticos desses 51 verbos, buscamos suporte teórico na Gramática Funcional com o modelo de predicação de Dik (1997), além da Gramática de Valências para o português de Borba (1996). Propusemos a classificação desses verbos por classes, considerando a dicotomia entre língua comum e linguagem de especialidade. Assim, pretendemos discutir o enriquecimento lexical que os brasileirismos representam no interior de um quadro de natureza terminológica.

Ao confrontar, em cada matriz valencial, a seleção dos argumentos realizada pelos verbos na língua comum e nas linguagens de especialidade o que se constatou foi que a especialização do verbo em um domínio refletirá, não apenas nos aspectos semânticos, mas também, muitas vezes, nos aspectos sintáticos. Por isso, buscamos uma classificação sintático-semântica desses verbos na análise que propusemos nesta dissertação.

A classificação dos verbos por classes permitiu que mudanças de classe, possivelmente sofridas por eles no percurso da especialização, fossem investigadas, o que resultou na constatação de que, dos 51 verbos analisados nesta pesquisa, apenas 5 mantiveram-se na mesma classe e com a mesma seleção argumental. Dos outros 46, 10 foram considerados estritamente terminológicos e 36 apresentaram algum tipo de mudança, seja ela de classe, seja ela na seleção argumental feita pelo verbo.



This dissertation, developed within the theoretical principals of Lexical Studies and Terminology, is a syntactic-semantic account of a new category proposed by Faulstich (2004), terminological *brazilianisms*. We propose an analysis based on grammatical categories from which we chose the verb as our object of study. The data, compiled from the electronic version of the Novo Dicionário Aurélio (NDA), consists of 51 verbs that belong to 19 different specialized areas. This dissertation also intends to present a vocabulary of verbs that, according to our criteria, are considered to be terminological *brazilianisms*.

In order to analyze syntactical and semantical aspects of the 51 verbs, we looked for theoretical support in the basic principals of the Theory of Functional Grammar and the abstract underlying structure of the clause (Dik, 1997); we also based our study on the principals of Valency Grammar (Borba, 1996). We propose a classification of these verbs in different classes, considering the dichotomy that exists between common language and specialized language. With this study, we intend to discuss the lexical enrichment that *brazilianisms* represent within a terminological framework.

In comparing each valency matrix it is observed that the argument selection and verb specialization in a domain will reflect, not only in the semantic aspects, but also in the syntactic aspects. Therefore, we looked for a syntactic-semantic classification for the verbs analysed in this dissertation.

The verb classes allowed us to observe changes in classes, possibly suffered by the verbs in the course of specialization. The analysis resulted in the realization that, from the 51 verbs taken, only 5 remained in the same class with the same argument selection; 10 were considered strictly terminological in nature; and 36 presented some kind of modification, either in class, or in argument selection.

Esta pesquisa, desenvolvida no âmbito dos estudos do Léxico e da Terminologia, pretende investigar uma categoria nova proposta por Faulstich (2004), a de brasileirismos terminológicos. Essa categoria foi atestada com base no Novo Dicionário Aurélio Século XXI (2004), versão eletrônica, (doravante NDA) e o repertório de brasileirismos terminológicos compilado desse dicionário é constituído por mais de 1000 termos (Costa, 2006). Para fins desta dissertação, consideramos um recorte baseado em categorias gramaticais, das quais elegemos o verbo como o nosso objeto de pesquisa. Os dados que vamos analisar são 51 verbos, que pertencem a 19 áreas de especialidade distintas.

Pretendemos discutir o enriquecimento lexical que os brasileirismos representam no interior de um quadro de natureza terminológica. Além de abordar aspectos da dinâmica entre língua comum e linguagem de especialidade, este trabalho se orienta, ainda, dentro de um projeto mais amplo de Faulstich, a Elaboração de um Dicionário de Brasileirismos Terminológicos. Por isso, além da análise dos 51 verbos, propomos a elaboração de um vocabulário de verbos que, de acordo com os critérios adotados nesta pesquisa, são classificados como brasileirismos terminológicos.

Esta dissertação é dividida em 5 capítulos, além da Introdução, da Delimitação do Tema, das Considerações Finais, das Referências Bibliográfica e das Referências das URLs.

Na sessão destinada à delimitação do tema, delinearemos nosso objeto de pesquisa e discutiremos os conceitos de brasileirismo na literatura e o conceito de brasileirismo terminológico proposto por Faulstich (2004).

No capítulo 1, no qual apresentamos os Pressupostos Teóricos da pesquisa, discutiremos em **1.1. Considerações sobre Terminologia**, aspectos relevantes sobre a caracterização dos termos, bem como a dinâmica entre língua comum e linguagem de especialidade. Em **1.2. Sobre a definição terminológica**, apresentamos e discutimos aspectos da definição terminológica com o objetivo de subsidiar a elaboração do modelo de definição que pretendemos aplicar ao nosso vocabulário de verbos.

No capítulo 2, destinado à Discussão Teórica, propomos em **2.1. A caracterização do verbo como termo**, já que, em Terminologia, normalmente os termos são considerados na forma nominal. Buscamos contemplar a categoria do verbo em Terminologia e, para isso, discutimos aspectos da natureza dos verbos e o modelo de predicção de Dik (1997). Em **2.2. A Classificação sintático-semântica dos verbos**, apresentamos a discussão das idéias de Borba (1996) e Chafe (1979), nas quais nos baseamos para classificar, por classes (ação, processo, ação-processo, estado), os verbos que compõem os dados desta pesquisa.

No capítulo 3, apresentamos os Procedimentos Metodológicos adotados para a coleta e análise dos dados. Em **3.1. Seleção dos brasileirismos terminológicos no NDA**, introduzimos os procedimentos usados para a coleta dos 51 verbos considerados nesta pesquisa no Novo Dicionário Aurélio. Em **3.2. Pesquisa da classe dos verbos selecionados no DUP**, introduzimos os procedimentos de pesquisa dos 51 verbos selecionados no Dicionário de Usos do Português do Brasil (doravante DUP) (Borba et alii, 2002), com o objetivo de determinar a que classe pertencem. Em **3.3. Pesquisa da ocorrência dos verbos selecionados em textos no Google**, apresentamos os procedimentos de pesquisa dos 51 verbos considerados em textos extraídos do *Google*. Em **3.4. Fundamentos para a elaboração do vocabulário de verbos**, apresentamos os procedimentos adotados na proposta do vocabulário de verbos que desenvolvemos, e os fundamentos que permearam a sua elaboração.

No capítulo 4, destinado à Análise dos dados, apresentamos: **4.1. Análise de 51 verbos classificados como brasileirismos terminológicos**, e **4.2. Resultados da Análise**.

No capítulo **5. Apresentação do vocabulário de verbos**, apresentamos a proposta do nosso vocabulário de verbos classificados como brasileirismos terminológicos.

Nas Considerações Finais da pesquisa, apresentamos a conclusão das idéias e discussões propostas, além de orientações para futuras pesquisas e investigações.

Os autores citados nesta dissertação são referenciados ao longo do texto e, quando necessário, em notas de rodapé, que explicitam o ano da obra consultada e a página. Todos os autores citados constam das Referências Bibliográficas, e todos os sítios da internet consultados para a extração dos termos encontram-se listados em Referências das URLs.

### **O que são brasileirismos? O que são brasileirismos terminológicos?**

Nesta sessão discutiremos a propriedade dos brasileirismos sob dois pontos de vista, o da tradição, que focaliza brasileirismo na linha histórica como palavra que surge no Brasil e outro que, com base no primeiro, tipifica o brasileirismo como terminológico, por considerar que há brasileirismos que são termos, em função da especificidade de significado que adquirem no uso.

Ao prosseguir na linha que historia a Língua Portuguesa no país, podemos afirmar que a autonomia do Português do Brasil (PB) é uma questão amplamente discutida na literatura. Segundo Coelho (2003: 155), os brasileirismos podem ser considerados como índice lingüístico de emancipação política e de identidade do povo brasileiro. Uma revisão dos conceitos de brasileirismo já formulados na literatura revela os aspectos históricos e políticos que a sua caracterização envolve. As diferentes definições de brasileirismo mostram que, muitas vezes, os conceitos propostos aproximam-se mais da noção de identidade nacional do que da elaboração de uma entidade lingüística.

Oliveira (1999) analisou aspectos do léxico inventariado no Dicionário Aurélio como brasileirismo e demonstrou a fragilidade e incoerência da sua classificação. A autora notou a não especificação dos critérios utilizados na categorização dessas unidades, a inconsistência das questões de etimologia, além da falta de rigor no tratamento dos verbetes. Segundo Oliveira (1999: 64):

Vamos encontrar problemas a serem elucidados com relação à modalidade brasileira do português. Um dos mais importantes diz respeito ao que se deve entender por *brasileirismo*, quais critérios devem ser adotados para classificar um vocábulo como *brasileirismo* ou, ainda, se devemos continuar nomeando essas particularidades léxicas, verificadas no português do Brasil, de *brasileirismos*.

Essa reflexão é importante para esta pesquisa porque o conceito de brasileirismo, discutido na literatura desde 1824 com Visconde da Pedra Branca, foi adotado, também, na prática lexicográfica, objeto de nossa análise. Ao lado das várias marcas de uso registradas nos dicionários (Gír.: gíria, Desus.: desuso, Pop.: popular), está a marca Bras., indicativa de

brasileirismo. Moreira (2005: 23) apresenta uma visão lexicográfica dos brasileirismos e registra que eles “foram documentados e registrados em dicionários e vocabulários, que os concebiam como um subconjunto das unidades léxicas do PB”. No entanto, há dificuldade em se definir, de fato, a natureza lingüística do que chamamos de brasileiro, além de saber o que o dicionário registra sob a marca Bras.

Adotamos como documento de recolha de dados para esta pesquisa, o NDA Século XXI (2004), versão eletrônica, que apresenta em *Abreviaturas e Siglas*: “Bras. = Brasileiro”, porém não elucida os critérios dessa classificação no prefácio da obra. No Aurélio, ao consultar o verbete *brasileirismo*, encontramos as seguintes acepções: “Palavra ou locução própria de brasileiro”; “Modismo próprio da linguagem dos brasileiros”; “Idiotismo do português do Brasil”; “Caráter distintivo do brasileiro e/ou do Brasil”; e “Sentimento de amor ao Brasil; brasilidade”. Todas essas acepções assinalam o caráter particular do brasileiro como um traço próprio e característico do que é brasileiro.

As primeiras considerações sobre os brasileirismos foram motivadas pela necessidade do registro de vocábulos que, no contexto da colonização portuguesa, constituíam uma diferenciação do português europeu (PE). João Ribeiro (1897, *apud* Pinto, 1978: 333) apresenta a seguinte definição de brasileiro: “é a expressão que damos a toda casta de divergências notadas entre a linguagem portuguesa vernácula e a falada geralmente no Brasil”. Esse aspecto é discutido por Oliveira (1999: 64), que nota que “Em se tratando de critérios, o caráter contrastivo com o português europeu vem sendo utilizado ao longo dos tempos por vários estudiosos, o que irá refletir-se, naturalmente, no conceito de *brasileirismo*”.

Em nota bibliográfica sobre brasileirismos<sup>1</sup>, Ribeiro (1920: 43) cita inúmeros autores que, no século XIX, “quando já se presentiam os alvares da independência”, registravam o léxico que representava “as vozes brasilicas”. O autor dá destaque a Visconde da Pedra Branca, a quem é atribuído o primeiro documento que registra os brasileirismos. Segundo Ribeiro (1920: 44), ele é o responsável pelo “primeiro documento de natureza theorica sobre a questão dos brasileirismos”, que em 1824 registrava:

---

<sup>1</sup> Publicada, também, em *A Língua Nacional* (1921) e outros estudos lingüísticos sob o título ‘Antiguidade dos Brasileirismos’.

## NOMS QUI ONT CHANGÉ DE SIGNIFICATION

Mots	Signification en Portugal	Signification au Brésil
Faceira.....	Grosse Mâchoire	Coquette
Arrumamento.....	Action d'arranger	Parade
Chacota.....	Chanson grivoise	Moquerie

## NOMS EN USAGE AU BRÉSIL ET INCONNUS EM PORTUGAL

Mots	Signification
Pabulo .....	Fat, suffisant
Quindins.....	Minanderies, petits soins
Yaiá.....	Demoiselle

O fragmento acima (Visconde da Pedra Branca, 1824 *apud* Ribeiro, 1920: 45) foi criticado por Ribeiro (1920: 48), que chamou a atenção para o fato de que o autor não estabeleceu distinções entre as origens tupis, africanas ou européias das palavras, o que, segundo ele, foi responsável por gerar a “aparente confusão do seu excerpto de vocabulos”. Esse é, também, um dos aspectos abordados por Faulstich (2004): “estudar brasileirismos na Língua do Brasil é penetrar em um universo de ambigüidades conceituais em que se misturam pontos de vista bastante diferenciados, no que diz respeito à formação de tais expressões”.

A autora, depois de arrolar uma série de definições de brasileirismos presentes na literatura, discute a falta de precisão no estabelecimento da origem dos brasileirismos:

Como demonstrado, as definições correntes de brasileirismo relacionam essas unidades lexicais a fontes etimológicas difusas – indígenas, linguagem portuguesa vernácula e a falada geralmente no Brasil, vocábulos ou locuções da língua portuguesa falada pelos brasileiros, palavras portuguesas que adquiriram novo ou novos significados no Brasil, palavras de uso exclusivamente regional, brasileirismos de origem ameríndia, termos e expressões que habitualmente só empregamos no linguajar descuidado.

Ainda sobre a questão das origens, podemos citar o conceito de brasileirismo de Rodrigues (1958: 1-54), que considera apenas as origens ameríndias e registra que “é do tupinambá que procede a maior quantidade de brasileirismos”. Mas são poucos os autores que abordam, de forma clara, a questão dos brasileirismos no que se refere as suas origens. Esse caráter difuso das fontes etimológicas pode ser atestado nos dicionários de língua comum. No NDA (2004), são classificados como brasileirismos unidades lexicais originadas nas línguas indígenas, línguas africanas, línguas modernas e no latim. O traço

considerado para o uso dessa marca recobre, somente, a questão do significado: são considerados brasileirismos unidades lexicais que denotem alguma particularidade de significado adquirido no Brasil. Sobre a classificação de brasileirismo do Dicionário Aurélio, Biderman (2002: 80), destaca que:

De um modo geral, Aurélio classificou como brasileirismos os signos que nomeiam os referentes da fauna e da flora do Brasil. Frequentemente trata-se de indigenismos (...). A proeminência dada por Aurélio aos brasileirismos em seu dicionário pode ser atribuída à problemática que povoou os debates sobre a identidade do PB desde a segunda metade do século XIX até a primeira metade do século XX e ao ideal lingüístico e lexicográfico de sua geração.

Segundo Coelho (2003: 158), o léxico constitui o argumento decisivo na diferenciação das estruturas lingüísticas do PB e do PE e, além de individualizar as línguas, também contribui para a constituição da noção de identidade nacional brasileira. Assim, a questão dos brasileirismos encontra-se também integrada à questão da autonomia do PB e assume dimensão política e social.

A respeito das diferenças entre o PB e o PE, Oliveira (2002: 83) destaca o papel dos brasileirismos:

A categoria de brasileirismos se sobressai como um lugar de especificidade lingüística brasileira: na lexicografia, são publicados dicionários de brasileirismos. Cândido de Figueiredo, por exemplo, inclui em seu *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, expressões consideradas brasileirismos. Para ele são brasileirismos os termos que vêm do Tupi, e termos que outrora foram utilizados em Portugal e que os brasileiros "reabilitaram".

O caráter histórico e político das questões sobre a língua no Brasil é evidenciado na obra de Houaiss (1985), intitulada *O Português no Brasil*, que discute “o estatuto indígena, o estatuto negro e o estatuto branco” na formação do português do Brasil. O autor busca saber se há, de fato, uma língua brasileira proveniente da língua portuguesa. Para responder a essa questão, discute os conceitos de unidade e diversidade. Para Houaiss (1985: 11):

Na prática, podemos dizer que nossa língua aqui considerada é a *vernacula* – a que se aprende em casa a partir do nascimento – para a grande maioria (...). Essa unidade do nosso vernáculo comum é, porém, convivente com duas diversidades: a diversidade de línguas e a diversidade de dialetos.

Sobre a diversidade, Houaiss (1985: 12) considera que “O nosso vernáculo comum é uma unidade que, pela diversidade da língua, se contrapõe às mais de 120 línguas indígenas subsistentes entre nós, bem como às línguas – em geral européias, mas também asiáticas das minorias migratórias”. Além desse universo de diversidade de línguas, o autor

considera também a convivência com “rica diversidade de unidades menores, todas – no uso brasileiro – entre si intercomunicantes”, uma referência às diferenças regionais do PB.

Ribeiro (1921) <sup>2</sup> discute a questão do que chamou a língua nacional em um momento da história em que se fazia necessária a afirmação de uma identidade e, também, de uma unidade lingüística nacional. A esse respeito, o autor declara que: “parece, todavia incrível que a nossa Independência ainda conserve essa algema nos pulsos, e que a personalidade de americanos pague tributo à submissão das palavras”.

Para Serafim da Silva Neto (1957) <sup>3</sup>, a natureza e estrutura do PB encontram-se estabelecidas em três bases: (i) a base demográfica, “composta pelos colonizadores portugueses, indígenas e as populações africanas, além dos emigrantes, especialmente italianos, alemães e japoneses (a partir do século XIX)”; (ii) a base social, “que depende do contato e interação das forças demográficas supracitadas; da organização da sociedade, com a existência, ou não de escolas, academias, jornais, publicações”; e (iii) a base literária, “que é o português literário trazido ao Brasil e divulgado, desde o início, pelos jesuítas e demais interessados na instrução colonial”.

Com o estabelecimento dessas três bases para o PB, torna-se clara a noção de integração que se supõe entre os elementos humanos da colonização brasileira e os elementos lingüísticos. Segundo Silva Neto (1957) <sup>4</sup>, “essas são as bases humanas que deram suporte às bases lingüísticas do português do Brasil”. Essa noção da formação do PB ajuda a compreender como os brasileirismos foram situados, nesse cenário, como expressões peculiares do PB que divergem do PE, e que se originaram no que Silva Neto chamou de “bases demográficas”, ou seja, a língua portuguesa, as línguas indígenas e as africanas.

Sobre a formação do PB e a sua relação com o PE, Celso Cunha (1981: 19) destaca que: “O Português do Brasil é uma modalidade regional, ou melhor, continental de uma língua conhecida, o português, modalidade não estática, ao contrário, a seguir sua deriva, a

---

<sup>2</sup> A edição consultada e citada é a de 1979, página 51.

<sup>3</sup> A edição consultada e citada é a 4 edição, de 1986, página 521.

<sup>4</sup> A citação é da 4 edição de 1986, página 522.



fazer-se ininterruptamente na boca dos que a utilizam como sua forma normal de comunicação e expressão”. Mattoso Camara Jr. (1975: 71) fala do Português do Brasil como “uma língua transplantada da Europa para a América” e dá destaque ao processo de colonização portuguesa. Segundo Camara Jr. (1975: 81):

A língua está de tal modo ligada à sociedade e à cultura, que a diferenciação cultural e social entre a população européia e a congênera americana, desde a época em que uma representava a metrópole e a outra a colônia, determinou uma dicotomia lingüística (...). Talvez o quadro mais exato da dialectologia portuguesa ampla, compreendendo um e outro lado do Atlântico, seja a de dois grandes dialetos, o lusitano e o brasileiro, que por sua vez se diferenciam numa multiplicidade de subdialetos.

Ao considerar a questão dos brasileirismos inserida em uma questão maior, a da consolidação do PB, é que podemos entender a dificuldade em se estabelecer bases lingüísticas para a definição de um conceito de brasileirismo. Silva Neto (1957)<sup>5</sup> inscreve a discussão dos brasileirismos na questão da linguagem regional brasileira, e destaca o emprego familiar e regional de algumas expressões do português arcaico. Para o autor, os brasileirismos eram concebidos como regionalismos brasileiros: “Muitos ‘brasileirismos’ há até com raízes latinas! Vezes há, é certo, que a palavra já não pertence à língua comum de além-mar, nem mesmo está documentada nos textos; mas deve ter existido no passado, ou viçar, ainda nalgum canto”.

Ao contrário da definição já citada de Ribeiro, que em 1889 fala em “toda a casta de divergências”, Silva Neto concebe os brasileirismos, de forma explícita, no nível do léxico, ao considerar que “muitos ‘brasileirismos’ há até com raízes latinas”. Fica claro que, para o autor, outras origens seriam consideradas mais comuns para essas expressões, como podemos supor com a expressão “muitos ‘brasileirismos’ há até com raízes latinas!”. O aspecto mais comum entre as concepções dos autores citados no que se refere aos brasileirismos é aquele que particulariza o PB em relação ao PE. Sobre esse aspecto, Faulstich & Strehler (1998) postulam que “o brasileirismo é fruto de um enriquecimento lexical diferenciado em relação à comunidade lusófona” e, quanto as suas origens, assumem que:

Para que brasileirismo adquira uma noção precisa, devem ser classificadas como brasileirismos apenas palavras locuções e outras estruturas sintagmáticas criadas e formadas

---

<sup>5</sup> A citação é da 4 edição de 1986, página 180.

no Brasil, com base em formantes já existentes no vernáculo, abandonando-se o ponto de vista de que adstratos e substratos são brasileirismos porque fazem parte do uso brasileiro do português.

Com base nessa proposta, Faulstich & Strehler (1998) elaboraram a definição de brasileirismo que adotamos nesta pesquisa segundo a qual, com base no NDA, para ser considerado brasileirismo, um item lexical deve obedecer aos seguintes critérios:

- (i) apresentar marca de uso *Bras.* (categorização de brasileirismo);
- (ii) ter etimologia latina.

O critério (i) garante o caráter distintivo do item lexical, aspecto que, notadamente, é o mais concordante entre as noções de brasileirismo na literatura em geral e na Lexicografia. O critério (ii) garante que o item lexical tenha origem no latim, fundo lexical da língua portuguesa, do qual o PB se originou, o que desfaz as possíveis ambigüidades quanto às fontes etimológicas dos brasileirismos. Essa definição de brasileirismo, considerada boa, fundamentou uma nova categorização, a de brasileirismo terminológico, proposta por Faulstich (2004), com base em análise no NDA, que observa: “Os dados analisados nos permitem constatar que há uma certa quantidade de brasileirismos cujo quadro conceitual é mais de natureza terminológica do que de língua comum”. Esses itens lexicais são registrados no dicionário com a marca de brasileirismo seguida de marca de área de especialidade.

Para os brasileirismos terminológicos, admite-se que também representem um enriquecimento lexical em relação ao PE, mas que essa peculiaridade se realiza em função de um contexto terminológico. Faulstich (2004) define brasileirismo terminológico como “palavra, locução e outra estrutura sintagmática criada e formada no Brasil, que tenha significado autônomo e esteja encerrado num conceito de especialidade, que possibilite reconhecer a área a que pertence”, e postula que, para ser considerado brasileirismo terminológico, um item lexical deve:

- (i) apresentar marca de uso *Bras.* (categorização de brasileirismo);
- (ii) ter etimologia latina;
- (iii) e apresentar marca de área de especialidade.

A categoria de brasileirismo terminológico foi atestada por Costa (2006), com base no NDA – que registra mais 26.000 itens lexicais como brasileirismos –, dos quais pelo menos 1000 são terminológicos. Esses itens estão distribuídos em diversos domínios de especialidade, especialmente na botânica e na zoologia, mas também em outras áreas, como capoeira, futebol, música, folclore, economia, política, marinharia, esporte, culinária, jornalismo, televisão, turfe, automobilismo, jurídica e medicina. Apresentaremos alguns exemplos de brasileirismos extraídos do NDA e que, de acordo com os critérios de Faulstich (2004), são terminológicos:

**abóbora**, nf. Zool. 1. Borboleta diurna, heliconídea, gênero *Eucides*, com asas de cores vivas sobre fundo escuro.

**aferventado**, nm. Cul. 1. Prato típico, em geral de restos de aves, carne, etc., assados, cozidos posteriormente com carnes defumadas, batatas e legumes e servido com pirão feito com o caldo do cozido.

**afogado**, adj. Nataç.1. Diz-se do indivíduo que tem pouca ou nenhuma habilidade para nadar.

**boi**, nm. Folcl. 1. Bailado popular cômico-dramático, organizado em cortejo, com personagens humanos (Pai Francisco, Mateus, Bastião, Arlequim, Catirina, Capitão-Boca-Mole, etc.), animais (o Boi, a Ema, a Cobra, o Cavalo-Marinho, etc.) e fantásticos (a Caipora, o Diabo, o Morto-Carregando-o-Vivo, o Babau, o Jaraguá, etc.), cujas peripécias giram em torno da morte e ressurreição do boi.

**cabeçada**, nf. Cap.1. Golpe traumatizante em que o capoeirista se lança de cabeça contra o adversário, visando a atingir o plexo ou o rosto, tal como um aríete; arpão de cabeça.

**cadeira**, nf. Cap. 1. Posição básica em que os pés estão paralelos e as pernas semifletidas e na qual o capoeirista tanto pode esquivar-se de um golpe como contra-atacá-lo.

**ciúme**, nm. Bot. 1. Designação comum a arbustos ornamentais, da família das asclepiadáceas, de flores exóticas e aromáticas, vermelhas, róseas, lilás ou violáceas, e cujos frutos têm sementes arredondadas, castanho-claras, de filamentos sedosos, e com propriedades consideradas medicinais.

**descer**, vb. Rel. 1. Manifestar-se (um orixá, um espírito, uma entidade, etc.) na mente ou no corpo de (uma filha-de-santo, um médium, etc.). 2. Manifestar-se [uma entidade (1)] na mente ou no corpo de alguém.

**madrinha**, nf. Rel. 1. Mãe-de-santo, nos candomblés de caboclo.

**sedução**, nf. Jur. 1. Crime consistente em iludir mulher virgem, maior de 14 e menor de 18 anos, valendo-se da sua inexperiência ou justificável confiança para manter com ela conjunção carnal.

**vermelho**, nm. Zool. 1. Designação comum a várias espécies dos lutjanídeos, especialmente o peixe actinoptérigo, perciforme, *Lutjanus aya*, de coloração vermelha tendente ao róseo, mais clara no abdome, mancha negra no meio do corpo e na parte anterior. Atinge até 1m de comprimento, e sua carne é boa. Ocorre em toda a costa do Brasil. 2. V. piolho-vermelho.

O conceito de brasileirismo terminológico implica que temos dois tipos de especializações. Uma delas é delimitada pela noção de brasileirismo, que representa uma peculiaridade do PB em relação ao PE, marcando uma diferenciação entre o português do Brasil e o português europeu. A outra é delimitada pela noção de terminológico, que dá à unidade lexical o estatuto de termo, marcando, assim, a oposição entre língua comum e linguagem de especialidade. Neste trabalho, o segundo aspecto será abordado, como veremos nas discussões e reflexões propostas no decorrer dos capítulos.

É importante elucidar que a classificação de brasileirismo terminológico não é dada pelo NDA (2004), ou por nenhum outro dicionário de língua portuguesa. Ela foi proposta com base na observação de diversos brasileirismos inscritos em áreas de especialidade. O

NDA (2004), portanto, será usado como fonte para que esses termos sejam pesquisados e extraídos. É importante elucidar, também, que esta pesquisa é realizada com base em um dicionário de língua comum, não em um inventário ou dicionário terminológico. A esse respeito, Krieger (2000) nota como os termos revelam naturalidade ao léxico comum da língua: “tanto é assim que cresce o número de sentidos terminológicos nos verbetes da lexicografia da língua comum”. Esse aspecto foi atestado nesta pesquisa, entretanto, não importam apenas os aspectos que aproximam os termos do léxico comum e revelam a sua naturalidade, mas, também, os aspectos que diferenciam os termos e as palavras do léxico geral. Sobre essa questão, Cabré (1992: 77) discute:

Com efeito, enquanto em uma compilação terminológica a presença de substantivos é quase exclusiva e a de verbos, adjetivos e locuções muito escassa, em um dicionário de língua geral são representadas todas as categorias da gramática: substantivos, verbos, adjetivos, advérbios, artigos, pronomes, preposições e conjunções, e, finalmente as interjeições.

O repertório de brasileirismos terminológicos que foi compilado do NDA (2004) é, de fato, composto majoritariamente por nomes e se concentra em áreas de especialidade distintas. Diante disso, propomos um estudo dessa nova categoria de brasileirismos terminológicos com base no recorte de categorias gramaticais. Adotamos a categoria do verbo como a unidade de análise desta pesquisa e, com isso, pretendemos contemplar uma categoria pouco estudada no âmbito da Terminologia e investigar a relação do verbo, na frase, com outros elementos que compõem a oração. Nessa perspectiva, apresentaremos a análise desses verbos enfocando a dimensão da língua comum e das linguagens de especialidade.

Pretendemos discutir, ainda, a questão da definição terminológica, pois este estudo também se orienta dentro do projeto de Faulstich de elaboração de um dicionário de brasileirismos terminológicos. Esse projeto pretende apresentar termos, de diversas áreas de conhecimento especializado, que não estão sistematizados em dicionários brasileiros. Assim, com base nas reflexões propostas, pretendemos elaborar o nosso vocabulário de verbos classificados como brasileirismos terminológicos.

### 1.1. Considerações sobre Terminologia

Algumas considerações importantes sobre Terminologia<sup>6</sup>, concebida como a disciplina do estudo dos termos, dizem respeito à natureza das terminologias e seu estatuto no interior do sistema da língua. Em linhas gerais, as particularidades que distinguem termo e palavra no sistema. Inicialmente, importa delimitar os dois planos, o da língua comum e o das linguagens de especialidade. Para cada um desses planos, Sager (1998/1999: 43) assume, intuitivamente, que há uma “referência especial” para os termos em oposição a uma “referência geral” para as palavras.

Segundo Correia (1998: 59), uma língua dada apresenta uma multiplicidade de registros distintos com características próprias. A língua comum corresponde ao subsistema lingüístico mais neutro, usado na comunicação informal e no cotidiano dos falantes de uma mesma comunidade lingüística. Já as linguagens de especialidade são entendidas como “subsistemas lingüísticos que compreendem o conjunto de meios lingüísticos próprios de um domínio particular do saber (disciplina, ciência, técnica, profissão, etc.)”.

Com base nessa distinção e reconhecidos os dois planos, o da língua geral e o das linguagens de especialidade, cabe discutir o estatuto das unidades pertencentes a cada um deles. Cabré (1992: 76), caracteriza a Terminologia em face da Lexicologia a partir das unidades de base de cada uma das disciplinas, a palavra e o termo:

A lexicologia se ocupa do estudo das palavras; a terminologia, do estudo dos termos. Termo e palavra são unidades, ao mesmo tempo, semelhantes e divergentes. Uma palavra é uma unidade descrita por um conjunto de características lingüísticas sistemáticas e dotada da propriedade de <<referir-se a>> um elemento da realidade. Um termo é uma unidade de características lingüísticas semelhantes dentro de um domínio de especialidade. Desse ponto de vista, uma palavra que pertença a uma área de especialidade seria um termo.

Para Cabré (1998/1999: 14), os termos não estão isolados do sistema da língua e, portanto, estão completamente integrados ao léxico. Mas a autora nota, no que se refere às particularidades dos inventários terminológicos em comparação aos dicionários de língua

---

<sup>6</sup> Terminologia, grafada com letra maiúscula, refere-se a disciplina de estudo dos termos, e terminologia, com letra minúscula, ao conjunto de termos de uma área de especialidade.

comum, alguns fatores que dariam suporte à idéia de que termo e palavra são unidades diferentes. Cabré (1992: 77) cita a freqüência dos processos de formação dos termos, que não é a mesma para os processos de formação das palavras do léxico geral; além do alto rendimento, em terminologia, das construções sintagmáticas fixas. A esse respeito, Sager (1998/1999: 42) assume que o termo é “como uma palavra e por isso constitui parte do léxico das línguas”, mas, quanto ao significado, nota que:

Os termos compartilham muitos, mas não todos os tipos de significados com as palavras. Como as palavras, e sendo itens pertencentes ao léxico de uma língua, os termos apresentam relações de sentido como sinonímia, antonímia, e relações de significado como homonímia e polissemia. É, porém, no nível da referência (ou denotação) que diferenças consideráveis podem ser identificadas.

Para a caracterização dessas diferenças, Sager (1998/1999: 42) apresenta duas justificativas:

- (i) as coisas às quais os termos se referem: o “o quê”;
- (ii) e a natureza dessa referência: o “como”.

Segundo o autor, uma perspectiva que considere a realização dos termos no discurso dará conta apenas de notar a naturalidade com a qual terminologias estão inseridas no léxico geral da língua, o que não responde a questões teóricas sobre a natureza da referência dos termos. Para Sager (1998/1999: 45), a invenção do que ele chamou de “a classe dos termos” é uma contribuição humana consciente ao desenvolvimento da linguagem e a natureza da referência dos termos deve ser investigada para que, de fato, se estabeleça em quais bases termo e palavra<sup>7</sup> se distinguem.

Na conhecida passagem ‘Como os nomes são dados às coisas’, Bréal (1897)<sup>8</sup> indaga se “as palavras criadas pelos letrados e eruditos têm maior exatidão”, e responde que “não é preciso pensar muito”:

Num sentimento de patriotismo, um químico francês, tendo descoberto um novo metal, o denominou *gallium*; um sábio alemão, não menos patriota, retruca pelo *germanium*. Designações nos dizem tão pouco sobre o fundo das coisas quanto os

---

<sup>7</sup> Consideramos o termo como uma unidade terminológica, e palavra como uma unidade da língua comum. Ao estabelecer as distinções entre termo e palavra, pretendemos abranger as diferenças entre língua comum e linguagens de especialidade.

<sup>8</sup> A edição consultada e citada é a de 1992, página 125.

nomes de Mercúrio ou de Júpiter dado a planetas, ou os de *ampère* ou *volt* recentemente dados a quantidades em eletricidade.

Segundo Bréal (1897), há nomes eruditos que foram dados por engano, mas nota que eles têm “o mesmo uso que os outros”. Bréal resume suas idéias no seguinte fragmento:

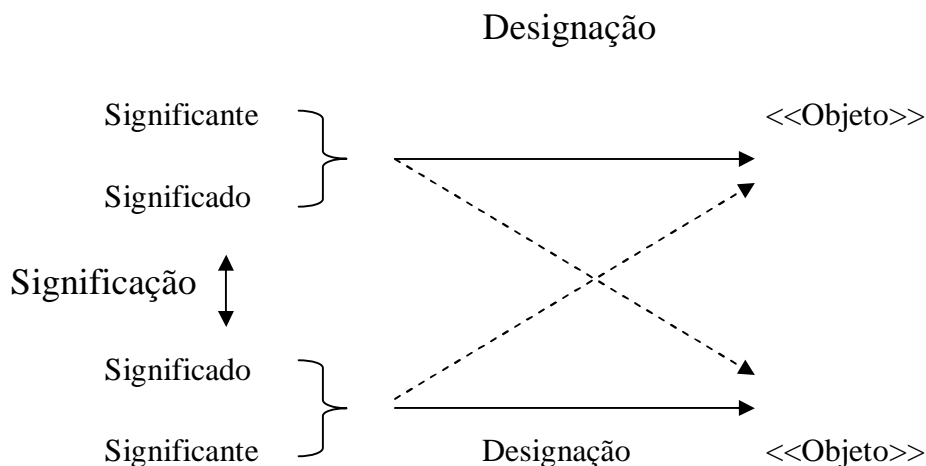
Quanto mais a palavra se distancia de suas origens, mais está a serviço do pensamento: segundo as experiências, que fazemos, ela se restringe ou estende, se especifica ou se generaliza. Acompanha o objeto ao qual serve de etiqueta através dos acontecimentos da história, subindo em dignidade ou descendo na opinião, e passando algumas vezes ao oposto da aceção inicial. Quanto mais apta a esses diferentes papéis, mais se tornou completamente signo.

Foi com base na noção de “etiqueta que acompanha o objeto” e na natureza da referência que Coseriu (1977: 96) assumiu uma postura divergente da dos autores citados (Sager, Cabré 1998/1999) e defendeu que: “as terminologias científicas e técnicas não pertencem à linguagem nem às estruturas léxicas do mesmo modo que as <<palavras usuais>>”, e ainda, que “constituem utilizações da linguagem para classificações diferentes (e, em princípio, autônomas) da realidade ou de certos aspectos da realidade”. Segundo Coseriu (1977: 99), essas considerações valem, também, para as “terminologias e nomenclaturas populares que podem ser diferentes das classificações científicas; entretanto, são uma forma da ciência: não são <<estruturas da língua>>”.

Os argumentos de Coseriu (1977: 96) de que, nas terminologias, “as palavras são efetivamente os <<substitutos>> das <<coisas>>”, e “as delimitações científicas e técnicas são delimitações na realidade objetiva como tal, e não delimitações na intuição da realidade, como as estruturações lingüísticas”, se fundamentam nas diferenças que Coseriu (1977) delimitou entre significação e designação. Para ele, as terminologias seriam operações de designação, que denotariam a relação entre os signos lingüísticos e os objetos da realidade e, por isso, estariam inscritas no universo extralingüístico. Já as relações de significação, que se dão entre os significados dos signos, estariam, por natureza, inscritas no universo lingüístico. Essas relações são ilustradas na figura 1 proposta por Coseriu (1977: 163):



**Figura 1. Relações de significação e designação**



A concepção de Coseriu (1977) sobre as terminologias só pode ser compreendida na perspectiva em que o autor as inscreve no universo da designação e do discurso. Diferentemente das “unidades usuais”, que estariam no universo da significação e da língua propriamente dita. Por essa razão, suas idéias só podem ser discutidas e contestadas no interior desse paradigma. Um dos aspectos discutidos por Coseriu (1977: 131), que distinguiria designação e significação, é o caráter potencialmente metafórico da designação, enquanto “a significação não é (metafórica) do ponto de vista sincrônico e distintivo (pode ser metafórica do ponto de vista etimológico e, por conseguinte, no sentido <<associativo>>, se a etimologia, verdadeira ou falsa, está presente na consciência dos falantes)”.

Não é possível, entretanto, afirmar categoricamente que a natureza da metáfora pode ser distinta para os processos de designação e de significação. O próprio Coseriu (1977: 189) reconhece a dificuldade de distinguir entre os conhecimentos de mundo, que atuariam no processo de designação e os conhecimentos lingüísticos, que operariam no processo de significação: “devido à universalidade do conhecimento das coisas e sua participação constante nas acepções <<usuais>> das unidades lingüísticas, resulta freqüentemente que é muito difícil delimitá-lo com exatidão e separá-lo dos conteúdos propriamente lingüísticos”. Se considerarmos que o conhecimento de mundo de um falante também se organiza por meio da língua, então se torna quase impossível estabelecer uma divisão clara entre a natureza dos processos metafóricos que darão origem às terminologias, e os que

darão origem às “acepções usuais”, tampouco delimitar que alguns desses processos são operações de designação, e outros de significação.

Ainda na perspectiva da questão da significação e da designação, outro aspecto discutido por Coseriu (1977: 187) é o do conceito de polissemia e de polivalência. Segundo o autor, “a polissemia da língua não pode confundir-se com a polivalência das unidades lingüísticas na fala”. A polissemia, para Coseriu (1977), é um fenômeno da significação, considerada um fato da língua, assim definida: “unidades funcionais distintas, de conteúdos lingüísticos distintos, que só por causalidade coincidem com a expressão material”; idéia que se aproxima mais da noção de homonímia do que de polissemia propriamente dita. A polivalência, um fato da fala, consistiria na “mesma unidade funcional, de *um só* significado, ao qual se adicionam várias determinações, pelo contexto e pela *designação*, quer dizer, pelo conhecimento do <<estado de coisas>> extralingüístico”.

Na literatura, a questão da polissemia e da homonímia não é claramente delimitada no sentido de que não há uma concordância sobre os critérios que devem ser considerados para a classificação de ambos os processos. Para Lyons (1977)<sup>9</sup>, um critério bastante explícito é aquele considerado pelos lexicógrafos para a organização dos verbetes homônimos (mais de uma entrada) ou polissêmicos (uma única entrada) em um dicionário: a informação etimológica. Segundo o autor, uma condição para a homonímia é o desenvolvimento de palavras que coincidem na forma com base em fontes etimológicas distintas. Mas Lyons (1977) chama a atenção para a insuficiência desse critério, já que há muita incerteza acerca dos desenvolvimentos históricos de uma palavra e nem sempre a documentação etimológica é suficiente para determinar a sua história.

Outro critério considerado por Lyons (1977) é a “relação *vs.* a não-relação” entre os sentidos de uma mesma palavra para a determinação da homonímia e da polissemia. Esse critério de parentesco entre sentidos se basearia no “sentimento dos falantes nativos de que certos sentidos estão conectados e outros não”. Para os casos em que a relação de sentido entre uma palavra e outra é percebida, por exemplo, entre *boca*, parte do corpo humano, e *boca* da garrafa, teríamos um caso de uma unidade polissêmica. Entretanto, esse critério é problemático porque a questão da relação entre sentidos é, para Lyons (1977), também uma

---

<sup>9</sup> A edição consultada e citada é a de 1984, páginas 550 a 552.

questão de “gradação” de relação entre os sentidos, que podem ser percebidos de forma distinta, ainda que haja coincidência na intuição dos falantes.

A respeito desse critério e das questões de polissemia, Ullmann (1964)<sup>10</sup> assume que não há uma definição categórica satisfatória do que é a polissemia, para ele, “em última instância, é uma questão de consciência lingüística, se o falante percebe alguma relação entre dois sentidos. Infelizmente, a consciência e a percepção são condições mentais vagas, instáveis e subjetivas”. Vemos, então, que não há um princípio definitivo para o estabelecimento dos conceitos de homonímia e polissemia, o que existem são critérios que podem ser considerados suficientes para que casos de homonímia e polissemia sejam estabelecidos. Na prática lexicográfica, os critérios propostos por Lyons (1977) são amplamente usados na organização dos verbetes de um dicionário.

Com base nessas considerações e, retomando a terminologia de Coseriu (1977), a distinção entre polissemia e polivalência conduz a outra distinção estabelecida pelo autor, entre significado e acepção. Para Coseriu (1977: 187), “só o significado é propriamente lingüístico (pertence à língua) – e pode, portanto, estar estruturado nas línguas e ser estruturado pela Lingüística –, enquanto a designação não é (lingüística), e, como tal, depende do extralingüístico”. Para o autor, as terminologias se desenvolveriam pela simples adição de determinações limitadas pelo contexto ou por fatores extralingüísticos. No entanto, temos, tanto para as unidades usuais da língua, quanto para as terminologias, a multiplicação de semas e a criação de novos sentidos e acepções, com base em processos semelhantes e que dependem do significado.

Pottier (1977: 26), por sua vez, chama atenção para o fato de que o signo “seja lá qual for a sua dimensão”, tem sempre os mesmos constituintes:

$$\textit{Signo} = \text{significado} + \text{significante}$$

A relação estabelecida entre eles foi chamada de “dupla implicação”, onde teríamos:

$$\text{Significado} \leftrightarrow \text{Significante}$$

---

<sup>10</sup> A edição consultada e citada é a de 1977, página 37.

Para o autor, o significado seria formado de uma “substância específica”, constituída de traços semânticos, e de uma “forma genérica”, caracterizada por traços classificatórios, que são as bases de categorias gramaticais. Essas considerações geraram o seguinte esquema de representação:

**Figura 2: Representação do signo lingüístico de Pottier**

Signo =

substância	forma
do	do
significado	significado
significante	

A substância do significado de um signo (Pottier, 1977: 29-30) é constituída por um conjunto de traços distintivos de significação que, no “nível do signo mínimo”, é chamado de semema e cada traço seu é um sema. Os semas podem ser classificados como *denotativos*, “determinam de uma maneira estável e com um vasto domínio social a significação de um signo”; ou *conotativos*, “caracterizam de uma maneira instável e, muitas vezes, individual a significação de um signo”. Os semas denotativos são, ainda, subdivididos em específicos, “quando permitem distinguir dois sememas vizinhos (ex.: /duas vezes/ em *bicampeão* em face de *tricampeão*)”; ou genéricos, “quando indicam a dependência a uma categoria geral (ex.: /humano/ para *bicampeão*, *tricampeão*)”.

Com base na noção de “substância do significado” de Pottier (1977), e retomando a noção de Coseriu (1977), de que “só o significado é propriamente lingüístico (pertence à língua)”, observamos que as operações de multiplicação dos sentidos não são diferenciadas para as terminologias e para as unidades usuais da língua. A *acepção* que, para Coseriu (1977), é criada por uma operação de designação no âmbito extralingüístico, de fato, depende da noção mais estável de *significado*, ou seja, depende da “substância do significado” e do que é “propriamente lingüístico”. O mesmo conhecimento que Coseriu (1977) supõe ser acessado pelo falante no percurso da significação, e que pode ser

“metafórico do ponto de vista etimológico e associativo”, é usado para processar o significado ou os significados em terminologia. E o mesmo processo etimológico e associativo pode ser usado na criação das terminologias.

Pottier (1977: 27-28) apresenta outra noção de significação e, ao discutir os constituintes do signo e as relações entre eles, delimita duas relações:

- (a) Denominação: a relação entre um signo e um referente real ou imaginário sempre através da conceitualização.
- (b) Significação: se compararmos uma série de signos pertencentes a um mesmo domínio, constatamos que um significado tira seu valor de suas propriedades em relação ao conjunto considerado. Por exemplo, *casa* tira sua significação de suas propriedades semânticas relativas a um conjunto que pode ser {casa, vila, hotel, barraca}.

Diante do exposto, fica claro que a caracterização das terminologias proposta por Coseriu (1977), marcada pelo não pertencimento dessas unidades ao sistema da língua como as palavras usuais, se baseou na distinção fundamental proposta entre designação e significação. Assumimos, ao contrário de Coseriu (1977), que as unidades pertencentes às terminologias pertencem às estruturas léxicas do mesmo modo que as “palavras usuais”. Consideramos que a operação básica da Terminologia se baseia na relação de denominação, como definida por Pottier (1977), “a relação entre um signo e um referente real ou imaginário sempre através da conceitualização”. Nesse percurso de conceitualização, assumimos que o conhecimento lingüístico e o conhecimento de mundo são processados na criação de termos.

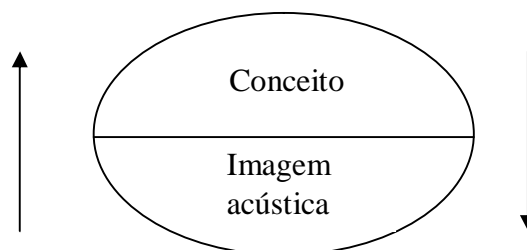
Antes de partirmos para a contextualização histórica dos estudos terminológicos, pretendemos discutir um aspecto que consideramos ser aquele que melhor revela a peculiaridade dos termos diante das palavras. Uma das características primordiais do signo lingüístico proposta por Saussure (1915)<sup>11</sup> é delimitada pelo princípio da arbitrariedade: “o laço que une o significante ao significado é arbitrário ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos

---

<sup>11</sup> A edição consultada e citada é a de 1999, página 80 a 81.

dizer mais simplesmente: o signo lingüístico é arbitrário”. Saussure (1915) propõe que o *signo* designa o total e que *significado* e *significante* substituem, respectivamente, os termos *conceito* e *imagem acústica*, e pode ser representado pela figura 3:

**Figura 3. Signo lingüístico segundo Saussure**



Na perspectiva de Saussure, são considerados dois tipos de arbitrariedade: a absoluta, caracterizada pela imotivação total do signo, para citar um exemplo do autor, o significado de *mar* não pode ser depreendido da seqüência *m-a-r*; e a arbitrariedade relativa, que revela uma motivação, da qual são exemplo as palavras compostas e derivadas. Ao trazer essa noção para a discussão das terminologias, percebemos que há motivação semântica na criação terminológica e que, para o termo, ainda que não seja possível depreender o significado da seqüência que o compõe, a motivação para sua criação está presente.

Ullmann (1962)<sup>12</sup> discute a motivação para a criação das palavras: a motivação fonética, a morfológica, e a semântica; e suas idéias podem ser aplicadas para a criação dos termos. Para as terminologias, vamos considerar os processos de motivação semântica e, especialmente, a metáfora. Para Ullmann (1962)<sup>13</sup>, “sejam quais forem as causas que produzam a mudança, deve haver sempre uma ligação, alguma *associação* entre o significado antigo e o novo”. A respeito da metáfora como criadora de novos sentidos, Ullmann (1962)<sup>14</sup> assume que ela está intimamente ligada à linguagem humana e se apresenta sob diversos aspectos, “factor primordial da motivação, como um artifício expressivo, como uma fonte de sinonímia e de polissemia, como uma fuga para as emoções intensas, como um meio de preencher lacunas no vocabulário e em diversos outros papéis”.

<sup>12</sup> A edição consultada e citada é a de 1964, páginas 171 a 191.

<sup>13</sup> A citação é da edição de 1964, página 428.

<sup>14</sup> A citação é da edição 1964, página 440.

Vamos assumir a estrutura básica da metáfora proposta pelo autor, na qual “há sempre dois termos presentes: a coisa de que falamos e aquilo com a que estamos a comparar”.

Uma vez estabelecido o caráter da motivação na criação das terminologias, partiremos para uma contextualização histórica dos estudos terminológicos. Eugene Wüster, considerado o pai da Terminologia, foi quem desenvolveu a Teoria Geral da Terminologia, concebida em 1974 como “uma zona fronteira entre a lingüística, a lógica, a ontologia, a informática e as ciências especializadas”<sup>15</sup>. O autor distingue três significados da palavra terminologia, (i) “sistema de conceitos e de denominações de uma especialidade, grosso modo, trata-se de um conjunto de termos acompanhados de seus significados”; (ii) “estudo da terminologia de uma especialidade determinada em uma língua concreta; trata-se da lexicologia especializada de uma área”; e (iii) “teoria geral da terminologia”.

Para Wüster (1974), toda pesquisa terminológica tem como ponto de partida os conceitos e pretende delimitá-los com precisão. A visão de Wüster sobre a Terminologia se baseia na noção rígida de que o termo é preciso e unívoco, e caracteriza a concepção da Terminologia por três aspectos: “prioridade e precisão dos conceitos, prioridade do léxico em relação à gramática, e prioridade do tratamento sincrônico da língua”. Em linhas gerais, a perspectiva de Wüster se baseava no ideal de monosemia do termo. Entretanto, essa concepção já passou por revisões na literatura e a visão de Wüster foi criticada por diversos autores.

Para Rey (1998/1999: 122-123), a preocupação de Wüster com a Terminologia se baseava “no aspecto primordial da designação de processos e objetos técnicos com objetivos práticos”, mas que “apesar da natureza limitada, não tem sua importância diminuída”. Kageura (1998/1999: 21) situa o problema da teoria tradicional da Terminologia no que se refere à visão restrita e prescritiva do estudo dos termos. Para Cabré (1998/1999: 8), a Teoria Geral da Terminologia de Wüster não é satisfatória para a descrição dos termos porque não contempla os seguintes aspectos: “1) a multidisciplinaridade dos termos (denominativa, cognitiva e funcional); 2) as várias facetas de uma unidade terminológica; 3) e a função dupla dos termos como unidades

---

<sup>15</sup> A edição consultada e citada é de 1996, páginas 153 a 159.

representativas e comunicativas no discurso especializado”. E, para Temmerman (1998/1999: 77-90), a teoria tradicional da terminologia se refere à “(i) padronização como objetivo primordial, e (ii) à consideração de uma instância puramente onomasiológica na abordagem dos termos”.

A revisão de conceitos no interior da Terminologia é um desenvolvimento natural e que se deu com a evolução do pensamento e da relação da Terminologia com outras áreas. Para Faulstich (1998), o desenvolvimento da Terminologia está ligado ao processo de evolução do conhecimento e das ciências, já que este processo implica na criação de novos conceitos:

O progresso científico e tecnológico, a partir da Revolução Industrial, exigiu conceitos precisos e registros adequados para as palavras que ganhavam novo estatuto, o de *termo*, uma vez que passavam a denominar a *tecno-logia* decorrente da invenção da máquina a vapor, responsável pela industrialização do mundo e no mundo.

Nesse contexto, o termo passou a ser a unidade que designa um conceito de uma área específica. Segundo Cabré (1998/1999: 11-14), “os termos não são unidades isoladas que formam seu próprio sistema, eles estão integrados no léxico dos usuários da língua”. Por isso, a autora assume que uma teoria dos termos não pode existir sem a base em uma teoria da linguagem. Para Cabré (1998/1999: 11), em uma teoria dos termos os seguintes elementos devem estar presentes:

1) O entendimento de que um conceito pode pertencer à estrutura conceitual de diferentes disciplinas, enquanto mantém ou muda suas características. Nesse sentido, critérios devem ser estabelecidos para determinar quando podemos falar de um mesmo conceito, ou devemos aceitar que estamos lidando com conceitos diferentes, e qual a razão dessa potencial circularidade conceitual. Assim, é necessário entender que os termos não pertencem naturalmente a nenhum domínio, mas que são usados em um domínio. Tal assunção não deve ignorar o fato de que um termo pode ter se originado em um domínio, ou o fenômeno da transferência de um domínio ao outro, ou da língua comum para as linguagens de especialidade.

De fato, um mesmo conceito, apresentado por Sager (1998/1999: 48) como “qualquer conteúdo de uma representação que é **fortemente limitada** pelo pensamento”, pode pertencer à estrutura conceitual de mais de uma disciplina. Isso está atestado no dicionário de língua comum, que marca uma mesma unidade como pertencente a mais de uma área de especialidade. Sobre a potencial “circularidade conceitual”, ela se deve à possibilidade de atualização dos semas de uma mesma unidade em diferentes universos. Quanto ao não pertencimento de um termo, de forma natural, a um domínio específico, isso



pode ser explicado com base na dinâmica que existe entre língua comum e linguagem de especialidade, e entre as linguagens de especialidade. Assumimos a noção de Barbosa (2007: 435) e consideramos, “no nível de sistema, as unidades lexicais são plurifuncionais” e podem, de acordo com o universo lingüístico no qual estão inseridas, assumir a função de termo.

Sobre a dinâmica entre a língua comum e as linguagens de especialidade, Barbosa (2007: 439) destaca os processos de terminologização e de banalização, nos quais há o movimento de um termo para a língua geral ou o contrário: “uma unidade lexical não é termo ou vocábulo, em si mesma, mas, ao contrário, *está em função ‘termo’* ou *em função ‘vocábulo’*, ou seja, o universo de discurso em que se insere determina o seu estatuto, em cada caso (...). Concebe-se um percurso possível de uma ‘unidade lexical’, ao longo de um eixo *continuum*, do mais alto grau de banalização ao mais alto grau de cientificidade e vice-versa”.

Outro elemento que, para Cabré (1998/1999: 11), deve estar presente em uma teoria dos termos é:

2) O estabelecimento de critérios para a descrição de unidades monossêmicas e polissêmicas. É sabido que as unidades lexicais são potencialmente polissêmicas por natureza, e uma única unidade pode apresentar uma diversidade de características especializadas.

Essa afirmação vai de encontro ao ideal de monossemita que Wüster compreendia em sua Teoria Geral da Terminologia. Assumimos, então, que “toda unidade lexical é plurifuncional, no nível de sistema, e monofuncional, no nível de uma norma ou do falar concreto” (Barbosa, 2007: 439). Um terceiro elemento importante destacado por Cabré (1998/1999: 11) é:

3) A consideração do uso dos termos em diferentes tipos de discurso e sua dimensão sintagmática. Assim, a descrição dos termos não deveria estar restrita a sua classe, definição, sinonímia, ou equivalentes em línguas estrangeiras, mas incluir, também, seu uso no discurso no que se refere a sua função argumental e sua colocação em unidades fraseológicas.

Com base nessa perspectiva da teoria dos termos, que aproxima a Terminologia da teoria da linguagem, pretendemos desenvolver esta pesquisa. Especialmente no que concerne ao que Cabré (1998/1999) chamou de “aspecto gramatical dos termos”, que inclui

“as características fonológicas, morfológicas, sintáticas, textuais e semânticas dos termos, além da sua abrangência conceitual: significados prototípicos e estereotípicos, extensão de sentidos, conotação, etc.”. É importante, também, estabelecer e delimitar a natureza do trabalho em Terminologia. Ferreira (2000: 39) destaca o caráter prescritivo da Terminologia, com base no objetivo do trabalho terminológico de “normalização, e a construção de um sistema organizado”; e o caráter descritivo da Terminologia, como “objeto de análise”.

A respeito das funções da Terminologia, Cabré (1993: 37) assume que “a Terminologia só tem sentido na relação com as linguagens de especialidade e a comunicação e pode responder à conquista de finalidades distintas, todas elas relacionadas ao mundo da comunicação e da informação”. Nesta pesquisa, os termos que pretendemos analisar foram identificados em um dicionário de língua comum, não em um meio próprio que comunica conhecimentos especializados. Segundo Pavel & Nolet (2002: 8), esse meio seria composto de documentos de referência como “enciclopédias, monografias, manuais técnicos, atas, publicações especializadas de divulgação, prospectos, folhetos, bases de dados documentais, etc.”. Assim, identificaremos o termo registrado em um verbete e elucidado por uma definição lexicográfica, e não em um ambiente de uso terminológico. Diante disso, vamos propor uma discussão sobre a definição terminológica que vai subsidiar a elaboração do nosso vocabulário de verbos.

## **1.2. Sobre a definição terminológica**

É importante uma reflexão sobre a questão da definição lexicográfica e da definição terminológica, já que os dados que pretendemos analisar nesta pesquisa são verbos registrados com marca de área de especialidade, que foram extraídos do NDA (2004), um dicionário de língua comum. Para os dados analisados, verbos classificados como brasileirismos terminológicos, constatamos que muitos são registrados como uma acepção terminológica dentre outras várias acepções da língua comum, enquanto outros são verbos estritamente terminológicos, ou seja, recebem apenas uma definição, registrada com marca de área de especialidade.

O trabalho em Lexicografia é a elaboração de dicionários, assim como o trabalho prático em Terminologia é a elaboração de dicionários ou vocabulários terminológicos. Segundo Cabré (1993: 90), esse é um dos aspectos que aproximam as duas disciplinas, “entretanto, lexicografia e terminologia se diferenciam por outros aspectos, que fazem com que o dicionário de língua comum seja um produto diferente de uma terminologia especializada”. Em relação aos aspectos que diferenciam as duas disciplinas, vamos nos focar, especificamente, na definição. Para Ferreira (2000: 66), “a questão da definição é nuclear à terminologia” e, segundo Sager (2000, *apud* Pavel & Nolet, 2002), “a definição terminológica é uma forma lexicográfica sucinta que descreve os traços semânticos distintivos de um conceito”.

Ao analisar a relação entre as unidades de um vocabulário terminológico e o contexto em que ocorrem, Dubuc & Lauriston (1997: 80) estabelecem a distinção que deve ser feita entre o “termo, componente *in vivo* de uma linguagem de especialidade”; e o “termo entrada, a imagem *in vitro* de um termo que é colocado em um trabalho de compilação terminológica como um dicionário, vocabulário ou léxico”. De acordo com os autores, o contexto é o discurso no qual o termo está incorporado (Dubuc & Lauriston, 1997: 81), e os terminólogos devem focar na forma *in vivo* do termo, ou seja, na sua realização dentro de um contexto. Para Ferreira (2000: 69), “Não podemos, em terminologia, raciocinar sobre unidades isoladas, esquecendo a importância do *contexto* e do *sistema*”. No entanto, como buscamos estabelecer alguns fundamentos da definição terminológica, vamos focar, inicialmente, na forma *in vitro* dos termos.

Para Bessé (1997: 72), a distinção entre as definições lexicográficas e terminológicas não representa uma separação categórica entre os dois tipos de definição:

Na falta de experiência, tradição e bases teóricas adequadas, terminógrafos têm se inspirado na Lexicografia. Em contrapartida, lexicógrafos, frequentemente, têm sido terminógrafos sem saber. Como resultado da incorporação de um número significativo de termos especializados na língua geral, até os dicionários mais ortodoxos devotam um espaço considerável aos termos técnicos, científicos, econômicos, etc.

Buscamos, então, na literatura, uma boa definição de definição terminológica que orientasse a discussão proposta neste capítulo, além de subsidiar a redação dos verbetes do nosso vocabulário de verbos. Segundo Bessé (1997: 63), é notória a insuficiência de reflexão teórica sobre a definição terminológica e de conhecimentos dos lexicógrafos a

respeito de como ela deve ser elaborada. O autor indaga se existe, de fato, uma definição terminológica, e como ela difere da definição lexicográfica e da definição enciclopédica.

A diferenciação entre esses três tipos de definições pode ser a base para que sejam estabelecidos os princípios para se formular as definições terminológicas. Finatto (1998: 212) diz que “podemos considerar que a definição terminológica é um lugar de encontro entre o aspecto conceptual e o lingüístico, uma vez que o texto da definição tem a função de descrever as características que delimitam um conceito e a função de particularizá-lo num determinado sistema conceptual ou domínio”. No entanto, Ferreira (2000: 67) chama a atenção para o fato de que “há que se diferenciar – devido em especial a uma freqüente confusão –, a *definição* da *descrição*”. Na definição devem estar explícitos todos os traços conceituais pertinentes que um termo evoca, enquanto que, na descrição, podem estar presentes traços pertinentes e traços característicos.

Para Cabré (1993: 200), a descrição do conceito se dá pelo “conjunto das características inter-relacionadas que descrevem essencial e complementarmente uma classe de objetos da realidade”; para a autora, há dois procedimentos possíveis: a compreensão e a extensão. A descrição por compreensão se baseia na ordenação das características gerais às mais específicas em um processo lógico que, de acordo com Cabré (1993: 201), vai “do gênero à espécie”. A descrição por extensão consiste em enumerar todas as realizações possíveis de um conceito, ou “todas as suas espécies”. Para Bessé (1997: 67), “uma definição é uma operação que consiste em determinar todas as características que identificam a intensão do conceito. O resultado final dessa operação é uma proposição que declara a equivalência entre o termo e todas as características que os definem. Como na Lexicografia, a definição deve se aplicar ao termo definido e excluir todos os outros”.

Algumas noções apresentadas por Bessé (1997: 70-71) foram consideradas para a elaboração de uma boa definição terminológica:

- a) Como a definição lexicográfica, a terminológica não deve ser completa, mas suficiente para distinguir uma coisa de outra, um conceito de outro.

- b) A definição é uma operação que consiste em determinar o conjunto dos caracteres que entram na compreensão de um conceito. O resultado desta operação é uma proposta que enuncia uma equivalência entre um termo, ele definido, e o conjunto de caracteres que o definem.
- c) A definição terminológica se faz por referência à coisa que o signo denota; é referencial. A entrada não é propriamente o termo, mas antes a coisa descrita e mais precisamente a sua representação conceitual.
- d) A definição em compreensão é satisfatória, por um lado designa uma classe geral à qual pertence o conceito definido, ao mesmo tempo em que especifica o que o distingue dos outros conceitos da mesma classe. E, por outro lado, enumera o conjunto de caracteres que pertencem a um conceito.
- e) A definição pode ser substancial e descrever o objeto, enumerar as suas propriedades. Pode igualmente, não focar unicamente o seu uso.
- f) Pode-se recorrer à ilustração para definir.
- g) E, por último, pode-se reconhecer a situação de impossibilidade de definição.

Para Pavel & Nolet (2002: 24-26), “a definição terminológica é um enunciado sucinto que expõe de forma clara o significado de um conceito especializado. Começa com uma palavra que identifica a classe mais ampla, o genérico a que pertence o conceito, especificando, em seguida, os traços ou características essenciais e distintivas”. Sobre a redação propriamente dita das definições, as autoras apresentam quatro modelos, a saber:

- 1) Definição por gênero próximo e diferença específica. Exemplos:

**periférico:** em um sistema de processamento de dados, tudo o que não é o microprocessador e seus satélites imediatos e que permite a comunicação em linha ou em diferido com o exterior.

**periférico de saída:** periférico que permite ao usuário ter acesso aos dados contidos no sistema.

2) Definição por função. Exemplo:

**impressora matricial:** impressora que produz imagens a partir de pontos.

3) Definição por descrição de uma ação, enumerando suas partes ou etapas.

Exemplo:

**impressora a laser:** impressora que funciona pelo mesmo princípio que as fotocopiadoras. A imagem da página que se tem de imprimir transfere-se a um tambor magnético. A tinta deposita-se neste tambor e depois sobre a página de impressão.

4) Definição por paráfrase sinonímica. Exemplo:

**quadrado:** que tem forma quadrangular.

Strehlow (1997: 75) propõe um modelo visual para apresentar a estrutura e o conteúdo das definições. O autor defende o uso imaginativo de amostras de definições, ao invés da criação de modelos rígidos de definições escritas e apresenta o modelo de Putnam (1975), que inclui quatro categorias: marcadores sintáticos e semânticos, propriedades estereotípicas e extensão. No quadro abaixo segue a amostra da definição de *tigre*:

**Quadro 1. Modelo de definição de Putnam (Putnam, 1975 *apud* Strehlow, 1997):**

<b>Marcadores sintáticos</b>	<b>Marcadores semânticos</b>	<b>Propriedade estereotípica</b>	<b>Extensão</b>
Nome	Tipo natural	Grande	<i>Panthera tigris</i>
Concreto	Animal	Carnívoro	
	Mamífero	Origem asiática	
	Família dos gatos	Listras negras	

Até aqui, os princípios de uma definição terminológica não contemplam, diretamente, a definição de verbos e, com o intuito de aplicar os princípios da definição

terminológica aos dados da pesquisa, vamos observar a definição de verbos de alguns dicionários de língua comum:

### 1. Exemplo do verbo *play* do Compact Oxford English Dictionary of Current English

#### **play**

• **verb** **1** engage in games or other activities for enjoyment rather than for a serious or practical purpose. **2** take part in (a sport or contest). **3** compete against. **4** take a specified position in a sports team. **5** represent (a character) in a play or film. **6** perform on or have the skill to perform on (a musical instrument). **7** produce (notes) from a musical instrument; perform (a piece of music). **8** move (a piece) or display (a playing card) in one's turn in a game. **9** make (a record player, radio, etc.) produce sounds. **10** be cooperative: *he needs financial backing, but the banks won't play.*

No exemplo 1. do dicionário Oxford, constatamos que todas as 9 acepções registradas para o verbo *play* são iniciadas por expressões verbais, que foram sublinhadas do verbete. A função desse verbo é a de explicitar o traço mais marcante do conceito atribuído ao verbo na acepção em questão. Os complementos do verbo aparecem, muitas vezes, entre parênteses e a estrutura desse verbete é a seguinte:

entrada

categoria gramatical

Definição: {[+ expressão verbal que elucida o conceito] (+/- complemento do verbo) (+/- lugar, finalidade, função, etc) +/- exemplo}.

Como podemos observar nas duas acepções de *play* escolhidas, 5 e 9:

#### **play**

#### **verb**

represent (a character) in a play or film →

Definição: {[+ expressão verbal: representar ] + (complemento do verbo: um personagem) + (lugar: em uma peça ou filme)}

**play**

**verb**

make (a record player, radio, etc.) produce sounds →

Definição: {[+ expressão verbal: fazer ] + (complemento do verbo: um toca discos, rádio, etc.) + (finalidade: produzir som)}

## **2. Exemplo do verbo *play* do Cambridge Advanced Learner's Dictionary**

**play** (PRODUCE SOUNDS/PICTURES)

verb

**1** to perform music on an instrument or instruments: *He learned to play the clarinet at the age of ten.*

**2** to (cause a machine to) produce sound or a picture: *Play the last few minutes of the video again.*

**play** (ACT)

verb

**1** to perform an entertainment or a particular character in a play, film or other entertainment: *In the film version, Kenneth Branagh played the hero.*

**2** to behave or pretend in a particular way, especially in order to produce a particular effect or result: *to play dead/dumb.*

No exemplo 2. do dicionário Cambridge, as definições também são introduzidas com expressões verbais. Entretanto, esse dicionário apresenta aspectos que o distinguem do Oxford, o registro do verbo *play* em verbetes separados com as acepções agrupadas de acordo com a idéia geral atribuída a esse verbo, registrada entre parênteses. Além de exemplos para todas as acepções de *play*. Assim, temos a seguinte estrutura para o verbete:

entrada (idéia geral)

categoria gramatical

Definição: {[+ expressão verbal que elucida o conceito] (+/- complemento do verbo) (+/- lugar, finalidade, função, etc.) (+ exemplo)}.



Como podemos observar nos dois verbetes para o verbo *play*:

**play** (idéia geral: produzir sons/imagens)

verb (categoria gramatical: verbo)

**1** to perform music on an instrument or instruments: *He learned to play the clarinet at the age of ten.* →

{[+ expressão verbal que elucida o conceito: tocar] + (complemento do verbo: música em um instrumento ou instrumentos) + (exemplo: Ele aprendeu a tocar (play) clarineta aos dez anos de idade)}.

**2** to (cause a machine to) produce sound or a picture: *Play the last few minutes of the video again.* →

{[+ expressão verbal que elucida o conceito: Fazer com que] + (complemento do verbo: uma máquina) + (finalidade: produza som ou imagem) + (exemplo: Passa (play) os últimos minutos do vídeo de novo)}.

**play** (idéia geral: atuar)

verb (categoria gramatical: verbo)

**1** to perform an entertainment or a particular character in a play, film or other entertainment: *In the film version, Kenneth Branagh played the hero* →

{[+ expressão verbal que elucida o conceito: Fazer (o papel de)] + (complemento do verbo: um personagem) + (lugar: em uma peça, filme) + (exemplo: Na versão do filme, Kenneth Branagh fez (played) o herói)}.

**2** to behave or pretend in a particular way, especially in order to produce a particular effect or result: *to play dead/dumb.* →

{[+ expressão verbal que elucida o conceito: Se comportar (de um jeito particular)/ ou fingir] + (finalidade: para produzir um efeito particular ou resultado) + (exemplo: Se fingir (play) de morto/bobo)}.

### 3. Exemplo do verbo *jogar* do Dicionário de Usos do Português do Brasil (DUP)

**jogar** V • **1** lançar; atirar; arremessar: *jogou o paletó sobre o ombro esquerdo; joga dentro da panela umas ervas* **2** impelir; empurrar: *A miséria jogou as meninas para a rua* **3** colocar; pôr: *O fato de fabricar peças joga-o numa relação de classes bem determinada* **4** instigar: *Quiseste jogar o povo contra os nobres e contra os padres* **5** atribuir: *Então você joga a culpa no Departamento de Trânsito* **6** lançar com ímpeto: *Laércio joga na minha cara que sou um trouxa* **7** apostar: *Vitoriano deu para jogar em cavalos* **8** manipular; manobrar: *A Inglaterra jogava então com um grande trunfo* **9** arremessar-se; atirar-se: *O homem joga-se por terra* **10** disputar uma partida: *Demorei um pouco porque fiquei jogando damas com o porteiro* **11** dirigir; lançar: *jogara seu olhinho amarelo como um sol triste em cima de mim* **12** manejar búzios como arte de previsão do futuro: *aproximaram-se da mesa de Suzy e conversaram sobre a promessa que Suzy fizera de jogar búzios naquela noite* **13** balançar; oscilar: *Sente-se que o avião joga e que os passageiros estão apreensivos* **14** combinar: *mesa-banqueta capitonada no mesmo jacquard que joga com um tapete Kilin afegão* **15** rogar: *viesses as pragas que o povo joga no pobre do Guedinho.*

No exemplo 3. do Dicionário de usos do Português do Brasil, DUP (Borba et alii, 2002), observamos que a definição se dá com base na equivalência de outro verbo na língua, como vemos nas 15 acepções bem sucintas do DUP. O sentido dos verbos é elucidado com base no seu contexto de uso, com exemplos para todas as acepções registradas. A estrutura do verbete desse dicionário é a seguinte:

entrada categoria gramatical Definição: {[+ expressão verbal equivalente que elucida o conceito do verbo] (+ contexto)}.

Podemos observar essa estrutura na primeira acepção do DUP (2002) para o verbo *jogar*:

**jogar** (entrada) V (categoria gramatical)• **1** lançar; atirar; arremessar: *jogou o paletó sobre o ombro esquerdo; joga dentro da panela umas ervas.* Definição: {[+ expressão verbal equivalente que elucida o conceito do verbo: lançar; atirar; arremessar] (+ contexto: jogou o paletó sobre o ombro esquerdo; joga dentro da panela umas ervas.)}.

A expansão semântica do verbo, ou a variação de sentido (Borba et alii, 2003: 219), “está intimamente relacionada com seu sistema argumental”, o que se processa “em relação tanto ao argumento externo (sujeito) como interno(s) (complemento(s)). Por isso, é no verbo que a relação valência-expansão semântica se verifica com mais evidência”. Essa afirmação se relaciona com as observações de Pottier (1973: 44) de que “numerosos verbos tomam efeitos de sentidos diferentes, de acordo com a natureza do objeto: *abrir uma caixa* /v/ *abrir uma sessão*; *quebrar um prato* /v/ *quebrar o silêncio*”. Todas essas considerações se aplicam aos verbos que pretendemos analisar, já que eles se especializaram em um domínio e essa especialização se reflete na relação do verbo com seus argumentos.

Em ‘Uma gramática de valências para o português’ de Borba (1996) é proposto um modelo centrado no léxico que procura elucidar as relações sintático-semânticas estabelecidas entre os elementos de uma oração. Foi essa a orientação teórica que permeou a elaboração do Dicionário de Usos do Português, DUP (2002). Segundo Borba (1996: 16), para cada entrada o DUP apresenta (i) descrição sintática; (ii) aspectos morfológicos; e (iii) regras de contexto. O que dá “coerência e exaustividade ao dicionário”. Com base nas três amostras de definições de verbos retiradas diferentes dicionários de língua comum, e das reflexões propostas acerca da estrutura de cada uma delas, vamos contextualizar as contribuições da análise nesta pesquisa.

A respeito dos aspectos característicos da definição terminológica, vamos adotar alguns princípios apresentados por Pavel & Nolet (2002: 26):

- (i) previsibilidade: a definição insere o conceito em uma árvore conceitual;
- (ii) simplicidade: a definição é concisa e clara, constituída por apenas uma frase;
- (iii) enunciado afirmativo: a definição diz o que é o conceito, não o que não é;
- (iv) não circularidade: a definição não remete à outra definição.

Até agora, falamos da forma *in vitro* do termo, já que os verbos que pretendemos analisar foram extraídos de um dicionário. Mas pretendemos analisar, também, a forma *in vivo* do termo, que é como ele se insere em uma linguagem de especialidade. Para isso,

buscamos as ocorrências dos verbos desta pesquisa em textos especializados, seguindo um percurso metodológico que será detalhado no capítulo 4 desta dissertação.

Para compor o vocabulário de verbos, propusemos um modelo de definição adequado para os fins desta pesquisa com base nos princípios discutidos sobre a definição terminológica (Pavel & Nolet, 2002; Cabré, 1993; Bessé, 1997; Strehlow, 1997), bem como na observação de exemplos de definições de verbos na literatura (Oxford, Cambridge, Borba). Um vocabulário é, segundo Pavel & Nolet (2002: 133), “um repertório monolíngüe, bilíngüe ou multilíngüe de palavras ordenadas de acordo com critérios específicos, como, palavras pertencentes a uma determinada atividade ou a um dado campo semântico, acompanhadas, geralmente de definições ou de explicações sucintas”. Buscamos elaborar uma definição clara e concisa e propusemos a seguinte estrutura de modelo de definição terminológica:

Definição Terminológica: {[+ expressão verbal que elucide o conceito do verbo em questão] (+/- argumentos do verbo) (+/- lugar, finalidade, função) (+ contexto)}.

Exemplo: verbo *afinar* do domínio do futebol:

Definição Terminológica: Acovardar-se (time ou jogador de futebol) diante de um adversário: *A seleção brasileira afinou na partida decisiva com a França e perdeu a Copa do Mundo.*

Uma vez estabelecido o modelo de definição terminológica adequado para o vocabulário de verbos, propomos uma discussão sobre a natureza dos verbos em Terminologia. O número de verbos em repertórios terminológicos é muito pequeno e o que se percebe para os dados desta pesquisa, extraídos inicialmente de um dicionário de língua comum e, posteriormente, pesquisados em textos especializados, é que a maioria dos verbos analisados pertence tanto à língua comum, quanto a linguagens de especialidade. Esse fato atesta a dinâmica entre a língua comum e as terminologias, ao mesmo tempo em que também dá visibilidade ao verbo como termo, pois há casos de verbos analisados, por nós, que são de natureza estritamente terminológica. As reflexões sobre o estatuto terminológico do verbo serão discutidas no próximo capítulo.

### 2.1. A caracterização do verbo como termo

A divisão das palavras em categorias, ou partes do discurso é muito antiga e data de 100 a.C quando Dionísio reconheceu a distinção entre nomes, que designam entidades abstratas ou concretas; e verbos, que designam ação, atividade, evento ou processo (Baker, 2003: 1). Em Linguística, muitas questões já foram discutidas a respeito das propriedades que diferenciam os verbos das outras categorias gramaticais e assume-se que a categoria dos verbos seja universal. Para Baker (2003: 23), os verbos são amplamente reconhecidos como a “quintessência do predicado” e postula que: “X é um verbo se e somente se X é uma categoria lexical e X possui um especificador”.

Segundo Baker (2003: 25), isso quer dizer, na prática, que os verbos normalmente atribuem um papel temático aos elementos que são seus especificadores. Sobre as categorias gramaticais e, especificamente o verbo, em passagem muito anterior a Baker, Carneiro Ribeiro (1885)<sup>16</sup> discute que “cada elemento grammatical do discurso recebe um nome especial; este, porem, tem o nome de *verbo*, isto é, palavra (de *verbum*), por ser a palavra por excellencia. O verbo é, pois, a alma e a vida do discurso”. Posteriormente, Camara Jr. (1941)<sup>17</sup>, discute que “os nomes e os verbos são deduzidos da mesma realidade objetiva ou do mundo real, conforme ela se apresenta ao nosso espírito sob um aspecto estático ou sob um aspecto dinâmico”. É esse aspecto dinâmico que estabelece uma distinção básica entre verbos e nomes, a de que os verbos são predicativos e os nomes referenciais (Baker, 2003: 16).

Ainda na discussão sobre a natureza dos nomes e dos verbos, Chafe (1979: 96-97) assume que “o universo humano total é dicotomizado inicialmente em duas grandes áreas. Uma, a área do verbo, engloba estados (condições, qualidades) e eventos; a outra, a área do nome, engloba coisas (tanto objetos físicos como abstrações coisificadas)”. O autor destaca o verbo como o elemento central e o nome como elemento periférico e observa que, “uma

---

<sup>16</sup> A edição consultada e citada é de 1957, página 209.

<sup>17</sup> A edição consultada e citada é de 1980, página 151.

asserção bem mais interessante é a de que a natureza do verbo determina como deverá ser o restante da oração; principalmente, determina que nomes o acompanharão, qual será a relação desses nomes com o verbo, e como esses nomes serão semanticamente especificados”. Para as terminologias e, assumindo o verbo como um elemento que as constitui, essa observação se reveste de importância porque revela a dependência sintático-semântica que esses verbos pressupõem, e que se manifesta no percurso da sua especialização em um domínio.

De uma perspectiva funcionalista, Dik (1997: 25-26) distingue entre as noções categoriais, que especificam as propriedades intrínsecas dos constituintes, e as noções funcionais, que especificam as relações entre os constituintes nas construções em que eles ocorrem. Assim, a Gramática Funcional assume as relações funcionais em três níveis diferentes:

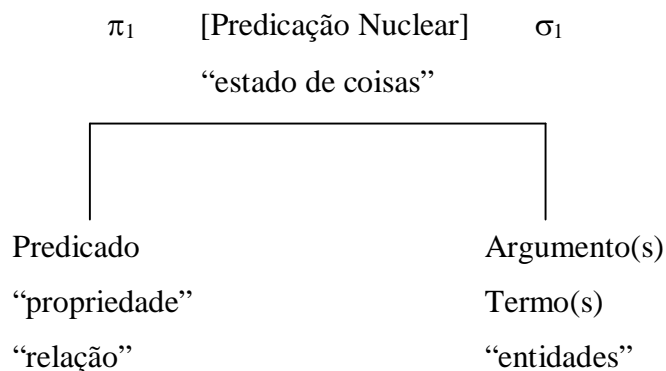
- (i) Funções semânticas, que especificam os papéis dos elementos envolvidos em um estado de coisas designado pela predicação.
- (ii) Funções sintáticas, que especificam a perspectiva da qual o estado de coisas é apresentado em uma expressão lingüística.
- (iii) Funções pragmáticas, que especificam o estatuto de um constituinte em uma situação comunicacional mais ampla na qual ele ocorre.

Sobre a teoria da Gramática Funcional, Dik (1997: 3) observa que, “no paradigma funcional, a língua é, em primeiro lugar, conceitualizada como instrumento de interação social entre os seres humanos, usada com a intenção de estabelecer relações comunicativas”. Ao aplicar as idéias de Dik em questões de Terminologia, Café (2003: 63) observa que uma das maiores contribuições da Gramática Funcional para a Terminologia é o princípio da funcionalidade, que, “para as linguagens de especialidade está estreitamente ligada às peculiaridades da comunicação inter-humana, tanto no meio estritamente especializado quanto no vulgarizado”. Estabelecida a importância do princípio funcionalista para as questões em Terminologia, apresentamos dois tipos de sistemas de regras dos quais se ocupa a abordagem funcionalista de Dik (1997: 3), a saber:

- (i) as regras que governam a constituição das expressões lingüísticas (regras semânticas, sintáticas, morfológicas, e fonológicas);
- (ii) as regras que governam os padrões de interação verbal nos quais essas expressões lingüísticas são usadas (regras pragmáticas).

Pretendemos abordar as regras (i) que investigam a constituição das expressões lingüísticas, ou seja, a relação do verbo no nível da frase com seus constituintes, observando a dimensão semântico-sintática do verbo. Para as terminologias, isso quer dizer que há elementos nucleares e periféricos que se unem por um processo de predicação. Dik (1997: 50) apresenta o modelo de estrutura da cláusula, que é “uma estrutura abstrata complexa, na qual, diversas “camadas” de organização formal e semântica podem ser distinguidas”.

Na base da estrutura, está o predicado, ao qual se aplicam elementos<sup>18</sup> que funcionam como argumentos. De acordo com Dik, os predicados designam relações, enquanto os elementos se referem a entidades. O resultado dessa relação foi o que Dik (1997: 51) chamou de “predicação nuclear”, que pode ser interpretada como a designação de um “estado de coisas”. Estado de coisas é: “a concepção de alguma coisa que pode existir em algum mundo”. Esse estado de coisas pode existir em um “mundo mental”, e não necessariamente na “realidade” (Dik, 1997: 51). Com base na predicação nuclear, a estrutura da cláusula poderá ser construída, camada por camada, por “operadores gramaticais “ $\pi$ ” e satélites lexicais “ $\sigma$ ” apropriados para cada camada em questão”:

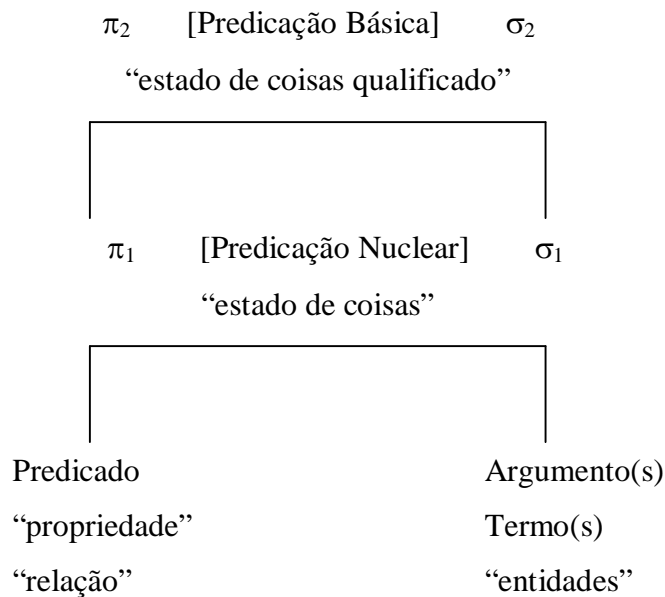


<sup>18</sup> Dik (1997: 50) não fala em *elementos*, mas em *termos*, porém, optamos por usar essa nomenclatura para evitar que a confusão da terminologia proposta por Dik (*termo*) com as questões discutidas nesta dissertação, que aborda o termo, uma unidade terminológica pertencente a um domínio específico.

Um exemplo apresentado por Dik (1997: 51) para a predicação nuclear é:

- (1) escreve (João) (uma carta).

Segundo Dik (1997: 51), os operadores e satélites são responsáveis por especificar o tipo de estado de coisas designado pela predicação nuclear. Um exemplo de operador é a “distinção de aspecto como ‘progressivo’”, e um exemplo de satélite é “um advérbio de modo”, já que “ambos qualificam a predicação nuclear. O resultado seria a segunda camada, da predicação básica, assim representada:

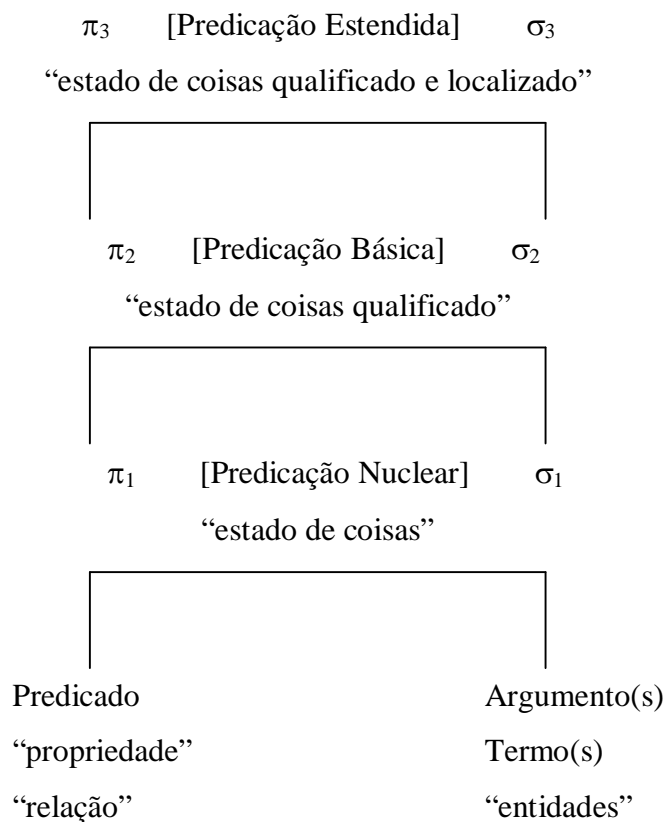


Um exemplo apresentado por Dik (1997: 51) para a predicação básica é o seguinte:

- (2) Prog [escreve (João) (uma carta)] (cuidadosamente).

No nível seguinte, o estado de coisas pode ser “localizado no tempo e no espaço pelos operadores de predicação  $\pi_2$  e satélites de predicação  $\sigma_2$ ”. A noção de presente indicaria a localização do estado de coisas no tempo, e um elemento locativo indicaria a localização no espaço. As camadas continuam sendo construídas e, de acordo com Dik (1997: 52), uma vez situado e qualificado o estado de coisas no espaço e no tempo, dele resulta a predicação estendida e, com ela, “se completa a parte descritiva e representacional da estrutura da cláusula”. A representação dessa terceira camada é a seguinte:





Um exemplo apresentado por Dik (1997: 52) para a predicação estendida é o seguinte:

(3) [Presente [Progressivo [escrever (João) (uma carta)] (cuidadosamente) (na biblioteca)]

"João está escrevendo, cuidadosamente, uma carta na biblioteca."

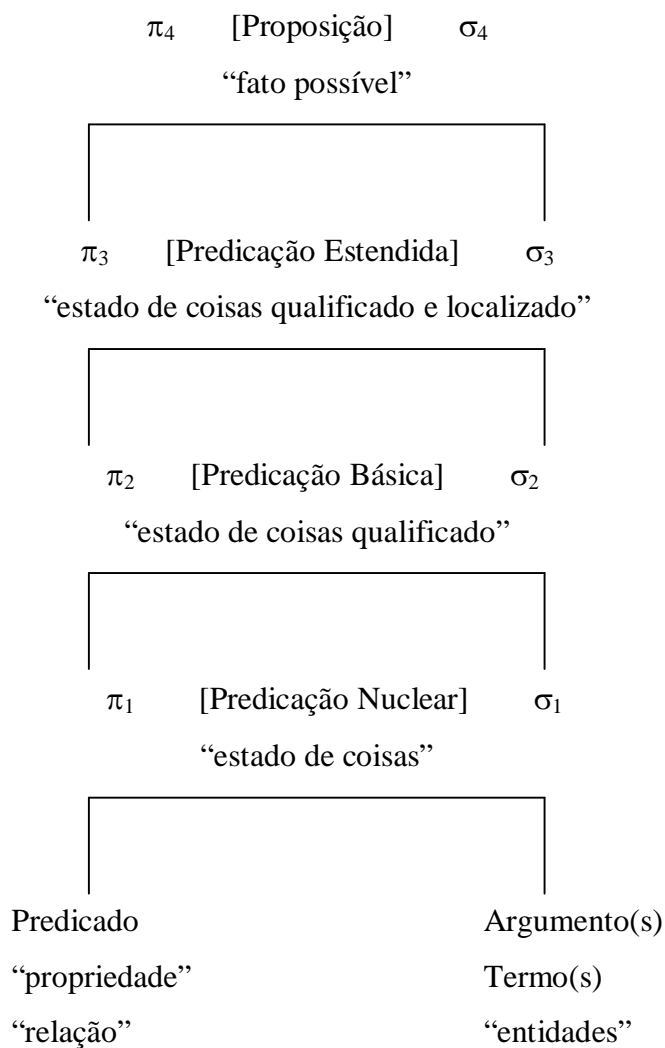
A próxima etapa especifica a atitude do falante em relação ao estado de coisas e constitui o nível da proposição. Segundo Dik (1997: 52), "proposições são coisas nas quais as pessoas podem dizer que acreditam, ou pensam; elas podem ser razão de surpresa ou dúvida; elas podem ser mencionadas, negadas, rejeitadas, e lembradas; e elas podem ser verdadeiras ou falsas". A atitude do falante, nesse nível, pode ser especificada pelos operadores proposicionais  $\pi_3$ , e pelos satélites proposicionais  $\sigma_3$ . Segundo Dik (1997: 52), "ambos designam atitudes subjetivas ou avaliações por parte do falante", nesse caso, o operador proposicional indica o que o falante julga que pode ser possível, representado por "Poss", e o satélite proposicional especifica algo sobre "a qualidade da informação transmitida pelo falante". O resultado disso é uma proposição que designa um fato possível,

apresentado pelo falante. Um exemplo de proposição apresentado por Dik (1997: 52) é o seguinte:

(4) [Poss [Presente [Progressivo [escrever (João) (uma carta) (cuidadosamente) (na biblioteca)] (até onde eu sei)]

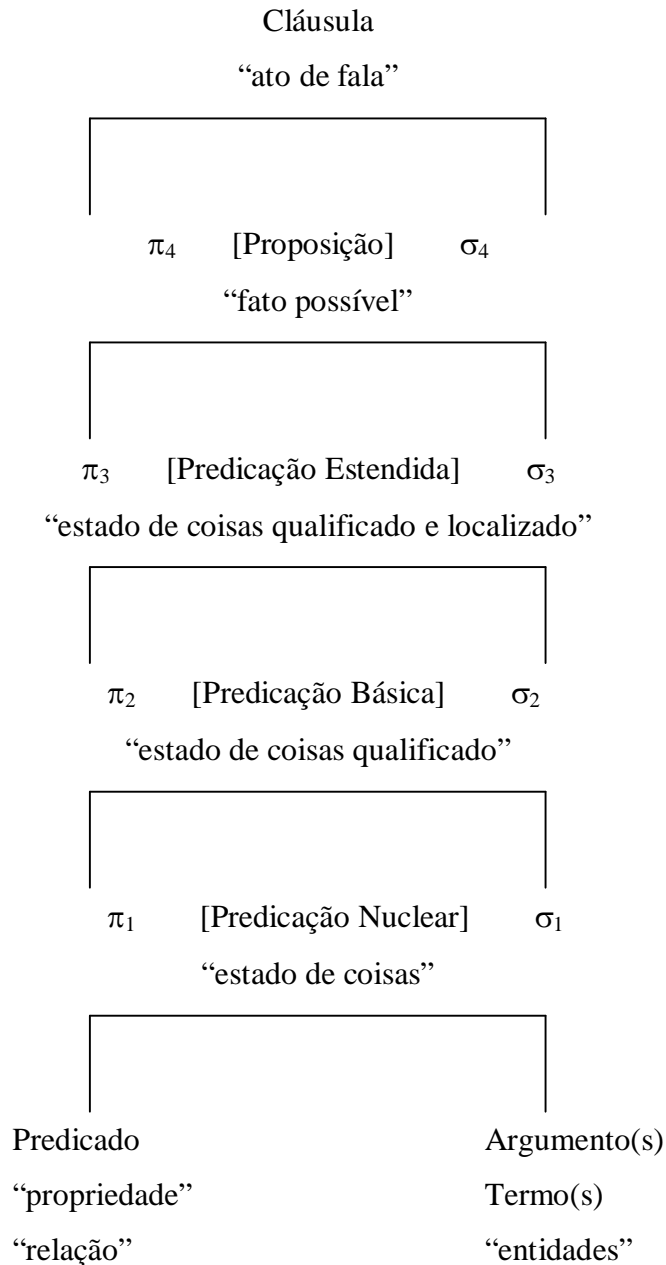
“Até onde eu sei, João pode estar escrevendo, cuidadosamente, uma carta na biblioteca.”

Na representação da estrutura da cláusula, essa nova camada é representada assim:



Segundo Dik (1997: 53), a estrutura, até aqui, não provê uma análise completa do ato de fala, pois não explicita se a sentença (2) “é declarativa, interrogativa ou imperativa”. O autor assume que esses itens aos quais se aplicam forças ilocucionárias são proposições e não predicções: “nós declaramos e questionamos conteúdos proposicionais ao invés de um estado de coisas”. Nessa camada, as forças ilocucionárias são codificadas na sentença por

operadores ilocucionários  $\pi_4$  (especifica se, por exemplo, a proposição é declarativa), e por satélites ilocucionários  $\sigma_4$  (designam um “jeito de falar”). A estrutura da cláusula estaria, então, completa:



Um exemplo apresentado por Dik (1997: 53) para um “ato de fala declarativo” é o seguinte:

- (5) [Declarativa [Poss [Presente [Progressivo [escrever (João) (uma carta) (cuidadosamente) (na biblioteca)] (até onde eu sei) (francamente)]]]]

“Francamente, até onde eu sei, João pode estar escrevendo, cuidadosamente, uma carta na biblioteca.”

Dik (1997: 54) nota que nem todas as cláusulas serão tão complexas quanto a (5), mas que a representação de cláusulas mais simples também é importante porque especifica elementos vazios e posições de operadores e satélites, como na sentença:

(6) João riu.

[Declarativa [Ø [ Passado [Ø [rir (João) ] Ø] Ø] Ø] Ø]

Na perspectiva funcionalista, o nível mais básico da estrutura da cláusula se dá com a predicação nuclear, que pode, posteriormente, sofrer outras predicções. Nesta pesquisa, importa-nos qualificar o estado de coisas no espaço e no tempo, o que resulta na predicação estendida, que “completa a parte descritiva e representacional da estrutura da cláusula”.

No âmbito da Terminologia, já constatamos a carência da descrição dos verbos no contexto das linguagens de especialidade, ainda que estudos recentes, como o de Guedes (2001) – Estudo da valência de alguns verbos da culinária arcaica –, afirmem o estatuto terminológico dos verbos. Segundo L’Homme (2002) <sup>19</sup>:

Tradicionalmente, terminógrafos têm considerado os termos na forma nominal. Isso é observado em dicionários especializados e bancos de termos nos quais a maior parte das entradas é de nomes. Ainda que existam algumas exceções a essa regra, os modelos teóricos de terminologia ainda acomodam exclusivamente a descrição dos nomes, e não são adequadas para dar conta de outras partes do discurso.

Para Ferreira (2000: 61), a denominação é o objeto da Terminologia e, nessa perspectiva, os verbos seriam nomes de processos e de ações:

Os sistemas terminológicos excluem todo signo lingüístico cuja função conceitual é nula ou derivada: unidades gramaticais tais como pronomes pessoais, advérbios de tempo, adjetivos possessivos, etc. Restam, dessa forma, nomes, alguns verbos cujo conteúdo pode ser reduzido a um nome, além de adjetivos que também possam ser considerados nomes que denotam uma qualidade.

---

<sup>19</sup> Tradução nossa do fragmento original: Traditionnally, terminographers have considered terms in noun form. This is best observed in specialized dictionaries and term banks in which most entries are nouns. Although there are a few exceptions to this rule, the theoretical models of terminology still exclusively accommodate the description of nouns, and are not well suited to take other parts of speech into account.

Nas linguagens de especialidade, inicialmente, assumiremos que a natureza do termo não é dada, mas que emerge como uma função do seu uso em um contexto referencial e situacional específico (Cabré, 1998/1999: 15). Com base nessa noção, consideramos – apesar dos inventários terminológicos serem compostos majoritariamente por nomes –, que os verbos também podem assumir novos contornos semânticos que permitem que sejam inscritos nas linguagens de especialidade. Enfim, consideramos que os verbos também podem adquirir o estatuto de termo.

Um dos aspectos que diferenciam terminologias de palavras do léxico comum é que, para as primeiras, a motivação é, na maioria dos casos, mais explícita. Sobre a motivação das palavras, Ullmann (1964)<sup>20</sup> assume que se trata de um fenômeno complexo que pode atuar de três maneiras: a) motivação fonética; b) motivação morfológica; e c) motivação semântica. Aos processos b) e c) Ullmann (1964) chamou de motivação etimológica, além de observar que o grau de subjetividade envolvido nesses processos, já que, para um falante, uma palavra pode evocar e sugerir noções que para outro não são tão evidentes.

Para a formação de termos, Sager (1997: 25) discute que, na sua base, encontra-se o processo de nomear conceitos que um domínio de especialidade requer. Para ele, “é uma atividade humana consciente, e difere da arbitrariedade de processos gerais de formação de palavras por sua maior consciência de padrões e modelos pré-existentes. Três métodos diferentes são apresentados por Sager (1997: 28-30) para a formação de termos, “o uso de fontes existentes, a modificação de fontes existentes, a criação de novas entidades lingüísticas”. Vamos focar no uso de fontes existentes, do qual Sager (1997: 28) destaca a extensão semântica:

É comum a extensão do significado de um termo existente para incluir um novo conceito (...). Onde a extensão de sentido não é óbvia, nomear se baseia em uma analogia a designações existentes. O modo mais fácil de dar essas novas designações é usar a semelhança, ou seja, nomear um conceito em analogia a outro, familiar.

Um exemplo desse tipo de formação de termo, para o caso dos verbos, é o de *beber*, que tem como significado mais básico, segundo o NDA (2004): “1. Engolir (líquido); ingerir”; além de outra acepção: “7. Engolir líquidos, em especial bebidas alcoólicas”. Esse verbo é registrado, ainda, com marca de área de especialidade, “10. Bras. Autom. Consumir gasolina, ou outro combustível: *O seu automóvel bebe muito*”.

---

<sup>20</sup> A edição consultada e citada é a de 1977, páginas 48 a 51.

Ainda sobre o uso de fontes existentes, Sager (1997: 29) discute que:

Outra técnica de usar fontes existentes é explorar a natureza polissêmica das designações da língua geral (...). Isso produz nomes metafóricos combinados cuja motivação pode ser encontrada nas similaridades de forma, função, e posição.

Um exemplo desse tipo de formação de termo, para o caso dos verbos, é o de *abortar*, que tem como significado mais básico, segundo o NDA (2004), na medicina, “1. Med. Expulsar prematuramente do útero o produto da concepção — embrião ou feto inviável ou não”; além de outra acepção: “2. Não se desenvolver”. Esse verbo é registrado, ainda, com marca de área de especialidade da informática, “5. Inform. Cancelar a execução de (programa ou comando) antes de sua conclusão normal”.

Sobre a modificação de termos existentes, Sager (1997: 30) destaca que o método mais comum de designar novos conceitos é modificar termos existentes por:

Derivação ou afixação, adição de sufixos ou prefixos; composição, que é a combinação de palavras existentes em novas palavras; criação de termos frasais; conversão, nome usado como verbo, adjetivo usado como nome; compressão, qualquer forma de abreviação de uma expressão formada pela abreviação, acronímia, etc.

Da criação de novas entidades lexicais, ou neologismos, Sager (1997: 38) destaca que os neologismos terminológicos são o resultado da necessidade única e peculiar de nomeação de novos conceitos para os quais não há nenhum modelo lingüístico ou precedente na forma de um padrão. Para o autor, não há um método único para a formação de neologismos e vários processos distintos podem ser empregados, mas propõe uma categorização geral: as criações totalmente novas e empréstimos de outras línguas.

Partiremos do pressuposto de que a capacidade de criar palavras é uma das manifestações mais naturais da competência lingüística do falante de qualquer língua (Cabré, 1992: 177). Para a autora, existe a possibilidade de se propor novas denominações que façam referência a uma nova percepção da realidade ou denominações alternativas para um segmento da realidade já delimitado anteriormente. Para a formação dos termos, Cabré (1992: 176) também destaca o papel dos processos semânticos, que seriam, “processos baseados na modificação do significado de uma unidade”:

Segundo o critério de procedência da forma de base, as duas fontes que mais freqüentemente servem de ponto de partida para a aplicação dos recursos são o léxico geral e as áreas especializadas. Assim, é usual que uma determinada área de especialidade extraia do léxico

comum, ou do subsistema léxico de uma outra área de especialidade, formas léxicas às quais irá conferir um novo significado específico.

Esse movimento se observa para o termo *âncora*, que designa, segundo o NDA (2004), na marinharia, “Peça de formato especial e peso conveniente, e que, presa à extremidade da amarra, agüenta a embarcação no fundeadouro”; na economia, “Instrumento de política econômica que visa à estabilização do nível de preços, como a fixação da taxa cambial (*âncora cambial*), ou o controle da expansão da moeda (*âncora monetária*)”; na informática, “Em um documento de hipertexto, elemento (como trecho de texto, imagem, etc.) com marcação especial, que o torna um elo para outro ponto do documento ou para outro documento”; e, no rádio e televisão, “Principal apresentador de um programa de notícias, esporte, etc., e que usualmente atua como coordenador da equipe de apresentação do programa”. Com base nesses termos, foi gerado o verbo *ancorar*, para o qual se registra, na marinha, “1. Lançar (a embarcação) uma âncora ao fundo, para com ela manter-se parada; lançar ferro”; e, no rádio e televisão, “1. Atuar como âncora”.

Toda a discussão acerca da caracterização do verbo como termo não deve se afastar dos fatos concretos observáveis na língua. Nesta pesquisa, trabalhamos com um total de 51 verbos que, extraídos de um dicionário de língua, são registrados com marcas de áreas de especialidade. Assim, seria possível supor que o registro do verbo seguido de marca de área de especialidade seria suficiente para que este verbo fosse considerado um termo. Nessa perspectiva, estariam envolvidas apenas questões de terminologização (e banalização), que poderiam dar conta de caracterizar o verbo como termo.

A mera observação da presença de marca de área de especialidade como critério para tipificar um verbo como terminológico não permite que outros aspectos relevantes sejam observados, como o aspecto do uso do verbo no contexto de especialidade. Ou seja, a observação da ocorrência do verbo na frase e a relação dele com outros constituintes, seus argumentos. Como vimos na discussão do modelo de Dik (1997), a base da estrutura da cláusula se estabelece com a predicação e, conseqüentemente, com a presença de um verbo e seus especificadores. Para as terminologias, vamos considerar a estrutura da cláusula no nível da predicação estendida, na qual se completa a parte “descritiva e representacional”, onde temos o “estado de coisas qualificado e localizado”. Uma vez entendida a natureza da

predicação e a relação do predicado com os seus argumentos, podemos compreender as relações sintático-semânticas que se realizam no domínio da frase.

Com base na noção de predicação de Dik (1997: 50), de que a construção da estrutura da cláusula depende de “um predicado, ao qual se aplica um número adequado de elementos de um determinado tipo, que funcionam como argumentos do predicado”, partimos para a discussão dos aspectos das relações, propriamente ditas, entre verbos e seus argumentos. Para isso, discutiremos a classificação dos verbos em classes, com base nos trabalhos de Chafe (1979) e Borba (1996), que explicitam a natureza dessas relações, iniciadas na predicação, consideradas na dimensão sintático-semântica.

## **2.2. A Classificação sintático-semântica dos verbos**

Assumiremos, de acordo com Faulstich (2003: 12), que a terminologia é um fato da língua e, portanto, “acomoda elementos variáveis e organiza uma gramática”. Para prosseguir com a análise dos dados da pesquisa, nos baseamos em ‘Uma gramática de valências para o português’, de Francisco S. Borba. Nela, Borba (1996: 10) propõe um modelo de descrição sintática ligado a uma teoria gramatical integrada em termos sintático-semânticos. Esse modelo foi escolhido porque pode ser aplicado satisfatoriamente aos dados da pesquisa e abrange o aspecto sintagmático dos termos que nos propusemos a investigar.

Borba (1996: 11) assume que a sintaxe é relacional por natureza e que não se separa rigidamente da semântica. Se considerarmos o verbo como o núcleo do predicado e assumirmos que ele vai estabelecer relações com seus argumentos, será relevante entender como as mudanças semânticas observadas para o verbo nos domínios de especialidade vão interferir na sua realização em uma frase. O modelo proposto por Borba é centrado no léxico e procura elucidar as relações sintático-semânticas estabelecidas entre os elementos de uma oração.

A gramática de valências assume que o verbo é o elemento nuclear da oração e que os outros elementos vão se dispor em torno dele com base em relações de dependência. O que pretendemos verificar ao tomar o verbo em contexto de uso terminológico é se, e como, as relações de dependência são afetadas pela mudança semântica que esse verbo apresenta.



Basicamente, se a acepção terminológica de um verbo dado condiciona novos elementos que originalmente não estavam implicados pelo verbo na sua “acepção original”.

O termo valência compreende o número de casas vazias, ou argumentos implicados pelo significado de um item lexical (Borba: 1996: 19-20), e não se aplica somente aos verbos, e a “propriedade que tem uma classe de elementos, de poder ligar-se com classes específicas de outros elementos sendo que esta mesma propriedade faz que esta classe distinga de outras de mesmo nível sintagmático”. O termo é considerado em três níveis, a saber:

- (i) Valência quantitativa: que se refere ao número de argumentos que um predicado pode ter.
- (ii) Valência qualitativa ou sintática: que se refere às classes que preenchem os argumentos.
- (iii) Valência semântica: que se refere às características categoriais; traços que compõem cada uma das categorias; às funções temáticas; e às restrições seletivas.

Vamos considerar, na análise dos dados, dois níveis do termo valência. A valência quantitativa que, segundo Borba (1996: 46-49) para os verbos em português, varia de zero a quatro. Os verbos de valência zero seriam os impessoais, pois esses verbos se realizam apenas com o predicado, ex.: chover, trovejar, nevar. Os verbos de valência um exigem apenas um argumento, ex.: tossir, espirrar, respirar. Os verbos de valência dois selecionam dois argumentos, ex.: ir, vir, chegar. Os verbos de valência três, que selecionam três argumentos, ex.: unir, atar, combinar. E os verbos de valência quatro, que selecionam quatro argumentos, ex.: transferir, traduzir, transpor.

Vamos considerar, também, a valência semântica, responsável por identificar as classes que preenchem os argumentos, “a grande maioria deles expressa por nomes”. A valência semântica representa, ainda, para os argumentos, “as regularidades das unidades que operam nas seqüências. Diz respeito às características categoriais (traços que compõem cada uma das categorias)” (Borba, 1996: 21).

O resultado dessa análise em dois níveis, para os verbos, é a possibilidade de construirmos esquemas de representação. De acordo com Borba (1996: 52), é possível propor a seguinte representação: “*entrar* (Ag, L)”, onde o argumento externo do verbo é um agente e seu complemento um lugar, ou a representação: “*amar* (Ex, Ob)”, onde o argumento externo do verbo é um experimentador e o complemento é um objeto. Dessa associação entre verbo e nome são criadas as classes de verbos que, para Borba (1996: 57) geram os tipos oracionais. O autor propõe uma classificação sintático-semântica do verbo em quatro classes: os verbos de ação, de processo, de ação-processo e de estado.

#### *Verbos de ação*

Os verbos de ação expressam uma atividade realizada por um sujeito agente e apresentam, pelo menos, um argumento. Nos casos em que apresentam dois argumentos, o segundo será um experimentador.

#### *Verbos de processo*

Os verbos de processo expressam um evento ou sucessão de eventos que afetam um sujeito paciente ou experimentador. Têm, pelo menos, um argumento, mas pode ter dois ou até três. O sujeito afetado pelo verbo pode ser experimentador ou beneficiário.

#### *Verbos de ação-processo*

Os verbos de ação-processo expressam uma ação realizada por um sujeito agente, ou uma causação levada a efeito por um sujeito causador que afetam um complemento. Para esses verbos, sempre haverá um complemento atingido que expressa mudança de estado, condição ou posição, que pode ser afetado ou efetuado, quando passa a existir. Esses verbos têm, pelo menos, dois argumentos.

#### *Verbos de estado*

Os verbos de estado não foram encontrados nos dados analisados, mas são aqueles que expressam uma propriedade localizada no sujeito, que é suporte dessa propriedade ou experimentador ou beneficiário. Apresenta, pelo menos, um argumento, que é inativo.

A classificação de verbos segundo a classe também foi proposta por Chafe (1979: 98-99), que caracterizou os verbos de estado, de ação, de processo e de ação-processo. Para o autor, o verbo de estado é aquele “acompanhado por um nome que é seu paciente. O paciente especifica o que é que está no estado”. O que diferencia esse tipo de verbo dos verbos de “não-estado” é a característica de ser “progressivo”, o que não ocorre para os verbos de estado. Para os verbos de processo e ação, Chafe (1979: 100) estabelece que, quando estamos tratando de processos, o nome que se liga ao verbo “muda de estado ou condição”; e quando se trata de ação, que o nome “pode ser considerado como o agente do verbo”. Chafe (1979: 100) propõe duas perguntas para que se identifiquem verbos de processo e verbos de ação:

- (i) Para os verbos de processo: *Que aconteceu com N?* (Onde N é um nome);
- (ii) Para os verbos de ação: *Que fez N?* (Onde N é um nome);

Há ainda, segundo Chafe (1979: 100), verbos que expressam, simultaneamente, processo e ação, “como processo, ele implica uma mudança na condição de um nome, seu paciente. Como ação, expressa o que alguém, seu agente, faz. O agente é ainda alguém que faz algo, mas o agente faz isso a algo, o paciente de um processo”.

As quatro especificações semânticas para o verbo são apresentadas por Chafe (1979: 101) no esquema abaixo:

(1)	(2)	(3)	(4)
V	V	V	V
Estado	processo	ação	processo-ação

Uma vez elucidadas, com base em Chafe (1979) e Borba (1996), as classes de verbos com as quais pretendemos trabalhar, partiremos para a questão das matrizes valenciais. Segundo Borba (1996: 66), “entende-se por matriz valencial o esquema que explicita a valência do verbo”; não só a valência quantitativa, mas também “as relações sintáticas e as propriedades semânticas”. A matriz valencial explicita a relação de um predicado (P) com seus argumentos (A). Para os verbos de um argumento *tossir*, de ação, e

*levitar*, de processo, o autor propõe que da relação P(A) resulta a seguinte matriz valencial para cada verbo: *tossir-Ag* e *levitar-ob*.

Sobre a matriz valencial dos verbos, Borba (1996: 68) nota que “a observação do uso mostra que é difícil encontrar sempre uma mesma realização, pois o jogo metafórico e metonímico dá para cada verbo mais de uma possibilidade”. É esse aspecto que pretendemos analisar nas terminologias, e entender a “variedade de expedientes que a língua utiliza na organização das seqüências reais”.

### 3.1. Seleção dos brasileirismos terminológicos no NDA

Como o objetivo da pesquisa foi investigar a categoria de verbos que classificamos, segundo os critérios adotados na pesquisa como brasileirismos terminológicos, tomamos como referencial metodológico o trabalho de Faulstich (2004) no qual a autora propôs essa categoria. Nele, a autora fez uso da versão eletrônica do NDA (2004) que permite com a pesquisa reversa (Figura 4.) encontrar todos os verbetes que apresentam a marca *Bras.*, indicativa de brasileirismo. Nesta fase, adotamos os seguintes passos:

- 1) no campo *Pesquisa* escrevemos *Bras.*;
- 2) marcamos a alternativa *Procurar no texto do verbete*;
- 3) selecionamos a opção *Filtro ligado*;
- 4) em seguida marcamos a alternativa *Verbo*.

Foram encontrados 2042 verbetes, dos quais selecionamos os brasileirismos que:

- aparecem com indicação de origem latina;
- contêm marcas de áreas de especialidade;
- aparecem com a marca *Bras.* acompanhada de marca regional e de marca de especialidade;
- aparecem com a marca *Bras.* seguida de outras marcas, como *Pop* (popular), *Fig.* (figurado), *Fam.* (familiar), *Chulo*, *Gír* (gíria) e *Irôn.* (irônico), desde que apresentem também marca de área de especialidade.

Essa pesquisa apresenta como resultado um total de 51 verbos que, de acordo com os critérios adotados na pesquisa, são brasileirismos terminológicos e constituem o nosso objeto de análise.

Figura 4. Pesquisa no NDA

The screenshot displays the Aurélio dictionary search interface. At the top, the search criteria are: "Resultado da busca por Bras, no texto do verbete." and "Filtro: Verbo 2042 verbetes".

The search filters section includes:
 

- Palavras iniciadas por
- Palavras terminadas por
- Procurar no texto do verbete (checked)
- Filtro Ligado
- Substantivo
- Sufixo
- Verbo (checked)
- Gírias
- Estrangeiras
- Somar filtros

The search results are listed in two columns:

- abafar<sup>2</sup>** [De a-<sup>2</sup> + bafo + -ar<sup>2</sup>.] Verbo transitivo direto. Cobrir, para conservar o...
- abagualar-se** [De a-<sup>2</sup> + bagual + -ar<sup>2</sup> + se<sup>1</sup>.] Verbo pronominal. Torna...
- abagunçar** [De a-<sup>2</sup> + bagunça + -ar<sup>2</sup>.] Verbo transitivo direto. Verbo intransitivo. V....
- abalar** [De or. obscura.] Verbo transitivo direto. Diminuir a solidez ou firmeza de;
- abandar<sup>1</sup>** [Do lat. \*evannare, por evannere.] Verbo transitivo direto. Refrescar, movendo abano, leque, ou coisa ...
- abandar<sup>2</sup>** [De afandar, poss.] Verbo transitivo direto. Verbo intransitivo. Furtar, roubar.
- abancarr<sup>2</sup>** [De a-<sup>2</sup> + banca + -ar<sup>2</sup>.] Verbo transitivo direto. Dispor em volta da banca ou da...
- abandidar** [De a-<sup>2</sup> + bandido + -ar<sup>2</sup>.] Verbo transitivo direto. Verbo pronominal. Tornar(-se)...
- abarbarar-se** [De a-<sup>2</sup> + bárbaro + -ar<sup>2</sup> + se<sup>1</sup>.] Verbo pronominal. Adquirir ma...
- abarracar** [De a-<sup>2</sup> + barraca + -ar<sup>2</sup>.] Verbo transitivo circunstancial. Armar barraca...
- abatatar** [Do esp. plat. abatatar.] Verbo transitivo direto. Dar forma de batata a.

Below the results, there are two summary lines:
 

- Veja a lista completa de verbetes no item "Resultados da Pesquisa".
- A lista alfabética de verbetes está disponível no item "Dicionário".

### 3.2. Pesquisa da classe dos verbos selecionados no DUP

Os 51 verbos que compõem o *corpus* de análise de nossa pesquisa foram pesquisados no Dicionário de Usos do Português, DUP, (Borba et alii, 2002), fonte para a classificação dos verbos quanto à classe (estado, ação, processo, ação-processo, etc.). Como um dos objetivos desta pesquisa é analisar o estatuto dos verbos nas linguagens de especialidade e na língua comum, buscou-se, no DUP, determinar a classe dos verbos no âmbito da língua comum. Para isso, consideramos que a acepção da língua comum mais básica é a primeira acepção registrada no dicionário, neste caso, o NDA (2004). Essa acepção, uma vez definida, foi pesquisada no DUP (2002) para que se explicitasse a sua classe.

Para o verbo *afundar*, por exemplo, temos a primeira acepção registrada no NDA (2004), que consideramos a mais básica:

**afundar 1.** Fazer ir ao fundo; mergulhar.

Essa acepção foi pesquisada no verbete *afundar* do DUP (2002), que registra:

**afundar 1.** Pôr a pique; fazer ir ao fundo. **Ação-processo.**

Com base nesse procedimento, determinamos, dentro do quadro teórico que adotamos (Borba, 1996), a classe do verbo em questão e pudemos, posteriormente, comparar essa acepção do verbo na língua comum à acepção do verbo na linguagem de especialidade. De acordo com o NDA (2004):

**5. Bras. Gír. Escol.** Levar (o aluno) a sair-se mal num exame, pela dificuldade das questões: *Com aquelas perguntas, o professor afundou a turma.*

**16. Bras. Gír. Escol.** Sair-se mal em exame: *Afundou-se no exame de matemática.*

Nessa etapa da pesquisa, buscamos estabelecer a classe dos verbos desta pesquisa, além de construir a matriz valencial desses verbos tanto na língua comum, quanto nas linguagens de especialidade a que eles pertencem.

### 3.3. Pesquisa da ocorrência dos verbos em textos no *Google*

Os 51 verbos foram pesquisados no *Google*, ferramenta de busca usada porque permite que se encontre, por ordem de relevância, as ocorrências de qualquer palavra em toda a rede. A justificativa para o uso dessa ferramenta se baseia na variedade de perfil das áreas de especialidade com que nos propomos trabalhar, bem como o número elevado de verbos, de modo que, seria praticamente impossível estabelecer outras fontes de busca e extração dos termos. A busca objetivou encontrar as ocorrências dos verbos na língua comum e nas linguagens de especialidade.

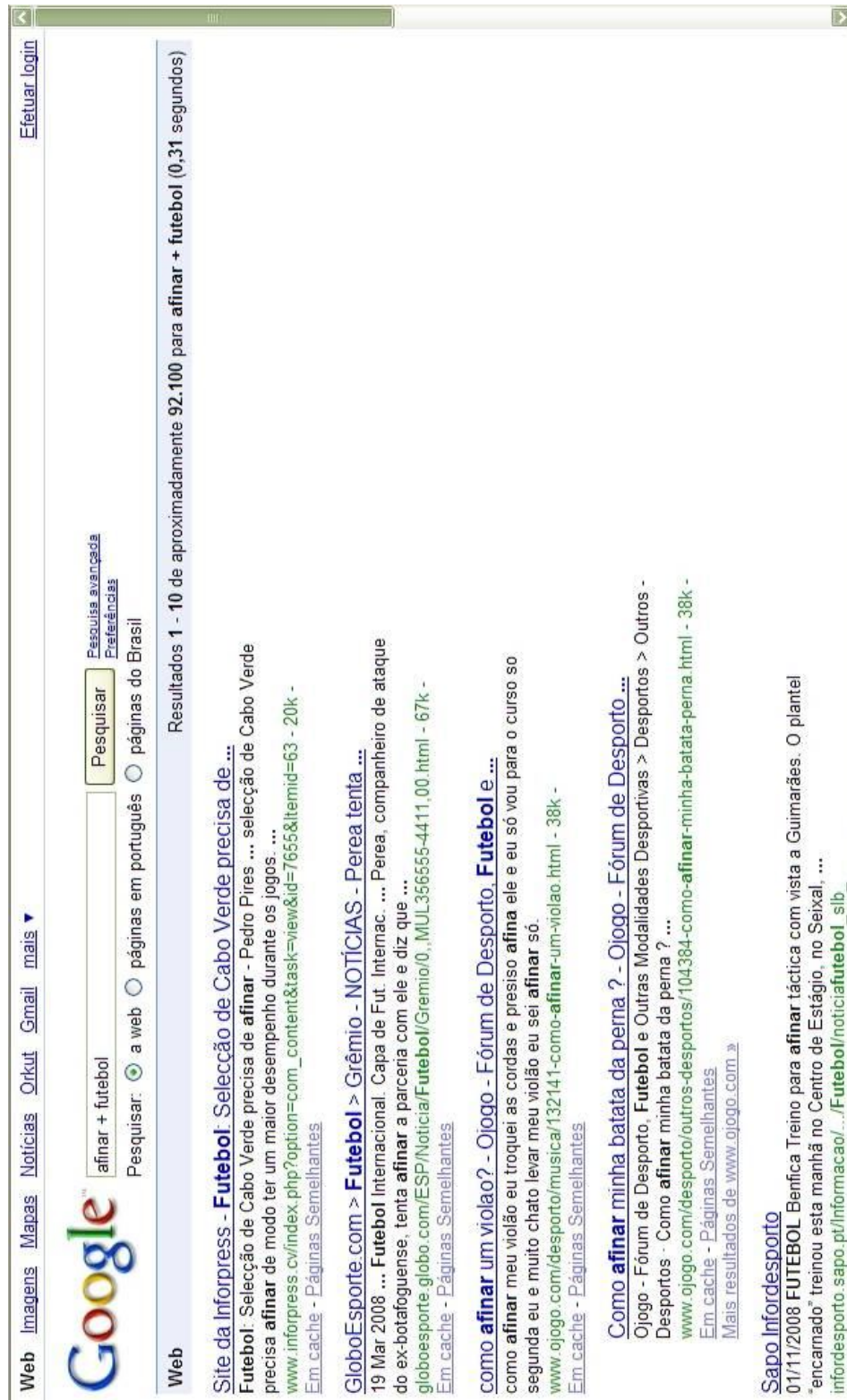
Para orientar a busca dos verbos desta pesquisa no plano da língua comum, consideramos que a acepção mais básica é a primeira acepção registrada no dicionário, neste caso, o NDA (2004). Com base nesse critério buscamos, então, selecionar 1 fragmento de texto para cada um dos 51 verbos que ilustrassem a acepção da língua comum que consideramos nesta pesquisa. Por exemplo, a primeira acepção de *afinar* registrada pelo NDA (2004) é *tornar fino*. Buscamos no *Google* uma ocorrência de *afinar* que ilustre esse sentido do verbo.

Para orientar a busca dos verbos terminológicos desta pesquisa, procuramos textos que consideramos especializados porque neles encontramos a acepção terminológica do verbo pesquisado. Os fragmentos foram retirados de *sites* dedicados a tratar de assuntos do domínio de especialidade em questão (futebol, capoeira, direito, jornalismo, etc.), além de publicações oficiais, fóruns e listas de discussão, entre outros. Buscamos selecionar 5 fragmentos de texto para cada um dos 51 verbos, o que consideramos ser uma amostra representativa dos termos em textos especializados. É importante registrar que não foi possível encontrar para todos os verbos as 5 ocorrências em textos especializados. Para alguns, não foi encontrada nenhuma ocorrência, o que está descrito na análise dos dados.

A pesquisa no *Google* se deu com a inserção do verbo no campo destinado à busca (para a acepção da língua comum) e, também com a inserção do verbo no campo destinado à busca seguido da área de especialidade (ex.: *enterrar* + *basquete*) para todos os verbos (Figura 5.). Eventualmente, foram usadas outras configurações de busca caso a primeira não fosse bem sucedida (ex.: *enterrar* + *bola*, *enterrar* + *jogo*, etc.).



Figura 5. Pesquisa no Google



### 3.4. Fundamentos para a elaboração do vocabulário de verbos

Com base na análise sintático-semântica dos verbos, além da análise da ocorrência dos verbos em textos especializados, foram elaboradas definições terminológicas para os 51 verbos, que seguiram o modelo que propusemos no capítulo 1.2. Sobre a definição terminológica. Como referencial metodológico, nos baseamos no trabalho de Cabré (1993), e no trabalho de Pavel & Nolet (2002: 133), no qual as autoras definem o que é um vocabulário:

Repertório monolíngüe, bilíngüe ou multilíngüe de palavras ordenadas de acordo com critérios específicos, como, palavras pertencentes a uma determinada atividade ou a um dado campo semântico, acompanhadas geralmente de definições ou de explicações sucintas.

Cabré (1993: 293) estabelece condições para que se execute, com rigor, o trabalho terminológico sistemático, e propõe que sejam eluciados os seguintes aspectos de i a iv:

#### *i) O tema do trabalho*

Pretendemos trabalhar com os verbos considerados, nesta pesquisa, como brasileirismos terminológicos que, selecionados com base no NDA, um dicionário de língua comum, constituem termos pertencentes a diversas áreas de especialidade.

#### *ii) Os destinatários do trabalho*

O trabalho não se dirige a um público bem definido e restrito porque o vocabulário de verbos não descreve uma única área de especialidade. Podemos compreender o público destinatário deste trabalho como composto por lingüistas, estudiosos e interessados no Português do Brasil.

#### *iii) A função que se pretende cumprir com o trabalho*

Este trabalho se caracteriza pela função descritiva, que se realiza com a compilação e descrição de termos que, na Lexicografia tradicional, encontram-se registrados, porém não sistematizados em dicionários da Língua Portuguesa. Pretendemos dar visibilidade a essa nova categoria de brasileirismos terminológicos.

*iv) As dimensões da obra*

A dimensão da obra abrange o objetivo de apresentar um vocabulário de verbos classificados como brasileirismos terminológicos, com base em pesquisa no NDA.

### 4.1. Análise dos 51 verbos classificados como brasileirismos terminológicos

Neste capítulo, apresentaremos a análise dos dados extraídos do NDA (2004) e que, de acordo com os critérios adotados nesta pesquisa, são verbos classificados como brasileirismos terminológicos. Foram selecionados 51 verbos que serão analisados no uso da língua comum e no uso das linguagens de especialidade, com base no modelo de Borba (1996), que estabelece quatro classes sintático-semânticas de verbos: verbos de ação, que expressam uma atividade realizada por um sujeito agente; verbos de processo, que expressam um evento ou sucessão de eventos que afetam um sujeito paciente, experimentador ou beneficiário; verbos de ação-processo, que expressam uma ação realizada por um sujeito agente ou uma causação realizada por um sujeito causador, que afetam o complemento;<sup>21</sup> de estado, que expressam uma propriedade. O DUP (Borba et alii, 2002) será usado na pesquisa da classe dos verbos.

Quanto à valência quantitativa dos verbos, assumiremos a proposta e terminologia de Borba (1996: 46) para a classificação da valência dos verbos, a saber:

- Valência zero ( $V_0$ ): verbos impessoais que se realizam apenas pelo predicado que é centrado no verbo: trovejar, nevar, chover.
- Valência zero ( $V_1$ ): verbos que exigem apenas um argumento: tossir, espirrar, respirar, comer, beber, sonhar, dormir, cochilar.
- Valência zero ( $V_2$ ): verbos que selecionam dois argumentos: ir, vir, descer, subir, apreciar, ver, ouvir, sentir, amar.
- Valência zero ( $V_3$ ): verbos que selecionam três argumentos, ou verbos de três lugares: dar, doar, atribuir, emprestar.
- Valência zero ( $V_4$ ): verbos que selecionam quatro argumentos, ou verbos de quatro lugares: transferir, passar, levar, arrastar, traduzir, transpor.

---

<sup>21</sup> Não foram encontrados nos nossos dados verbos de estado.

Quanto à matriz valencial dos verbos, assumiremos a terminologia de Borba (1996), que apresenta a seguinte lista de abreviaturas que adotaremos nesta pesquisa:

### **Lista 1. Abreviaturas de Borba (1996)**

Ag: agente, agentivo

anim: animado

B: beneficiário

C: complemento

Ca: causativo

Ex: experimentador

hum: humano

L: locativo

N: nome

Os 51 verbos que serão analisados neste capítulo concentram-se em 19 áreas de especialidade distintas, registradas pelo NDA (2004) de acordo com as seguintes abreviaturas:

### **Lista 2. Abreviaturas e Siglas do Novo Dicionário Aurélio**

<b>Autom.</b>	Automobilismo	<b>Jorn.</b>	Jornalismo
<b>Basq.</b>	Basquetebol	<b>Jur.</b>	Jurídico
<b>Cap.</b>	Capoeira	<b>Mar.</b>	Marinha
<b>Carp.</b>	Carpintaria	<b>Mar. G.</b>	Marinha de Guerra
<b>Cineg.</b>	Cinegética <sup>22</sup>	<b>Marinh.</b>	Marinharia <sup>23</sup>
<b>Cir.</b>	Cirurgia	<b>Mat.</b>	Matemática
<b>Econ.</b>	Economia	<b>Poét.</b>	Poético
<b>Escol.</b>	Escolar	<b>Rel.</b>	Religião
<b>Esport.</b>	Esportes	<b>Teatr.</b>	Teatro
		<b>Turfe.</b>	Turfe <sup>24</sup>

<sup>22</sup> De acordo com o NDA (2004), é a “arte de caçar com cães.”

<sup>23</sup> De acordo com o NDA (2004), marinharia refere-se aos “conhecimentos náuticos desenvolvidos e sistematizados pelos navegadores portugueses desde o Infante D. Henrique até fins do séc. XVII.”

<sup>24</sup> De acordo com o NDA (2004), é o mesmo que “hipismo.”

## 1. Afinar

Análise de *afinar* na língua comum:

(NDA) 1. Tornar fino, ou mais fino; adelgaçar.

(DUP) 1. Tornar mais fino; adelgar. **Ação-processo.**

[complemento: nome concreto não-animado]

Exemplo de uso do verbo *afinar* na língua comum:

a) Para afinar as extremidades das pernas, é recomendado andar na ponta dos pés, durante sete ou oito minutos.

i) Matriz valencial de *afinar* na língua comum:

Afinar V<sub>2</sub>: seleciona dois argumentos  
Ação-processo (Ag/Ca [+/- hum] [+/-anim] + C [- hum] [-anim]) = Tornar fino

Análise de *afinar* na linguagem do futebol:

(NDA) 15. **Bras. Gír. Fut.** Não disputar a bola com o adversário por medo de contusão; jogar de salto alto.

Exemplos de uso do verbo *afinar* em textos especializados encontrados no *Google*:

b) Os caras xingam o SP, xingam o Richarlysson, mas na hora do vamo vê é o corinthians que afina mesmo haha.

c) O grande problema do AB é q nos momentos cruciais ele vai afinar e recuar o time todo nos jogos fora de casa contra os concorrentes diretos ao título.

- d) Eu comentava que o Sport é um timinho, tem uma equipe ruim e velha e só eliminou os grandes times para chegar à final e afinar para o Corinthians.
- e) Mas tem uma velha máxima na "Filosofia de Bar": Bate logo no mais forte que o resto afina.
- f) Eu acreditava que os Gunners iriam se impor, mas como disse anteriormente, eles tem tradição de afinar nos momentos decisivos.

ii) Matriz valencial de *afinar* na linguagem do futebol:

<p>Afinar V<sub>2</sub>: seleciona dois argumentos</p> <p>Processo (Ex [+ hum] [+anim] + L) = acovardar-se (em uma partida de futebol)</p>
--

No contexto da área de especialidade, *afinar* é o mesmo que *acovardar-se*, um verbo de processo, de valência 2, que expressa um evento que afeta um sujeito experimentador. Sobre a valência semântica, o sujeito desse processo é N [+ hum]; [+ anim], especificamente, um time, ou um jogador de futebol. O processo só pode ser levado a efeito em um contexto, também específico, uma disputa esportiva (L). É o que os fragmentos mostram, em a) “na hora do vamo vê”; b) “nos momentos cruciais”; c) “final”; e e) “nos momentos decisivos”.

A análise de *afinar* na língua comum e na linguagem do futebol permite concluir que o verbo mudou de classe, de ação-processo para processo, além de ter se especializado quanto à seleção do sujeito, que recebe o traço [+hum] e [+anim].

## 2. Afundar

Análise de *afundar* na língua comum:

(NDA) 1. Fazer ir ao fundo; mergulhar.

(DUP) 1. Pôr a pique; fazer ir ao fundo. **Ação-processo.**

[complemento1: nome concreto; +/- complemento2: de lugar]

Exemplo de uso de *afundar* na língua comum:

a) O torpedo atingiu o cargueiro, afundando-o.

i) Matriz valencial de *afundar* na língua comum:

Afundar V<sub>2</sub> ou V<sub>3</sub>: seleciona dois ou três argumentos  
Ação-processo (Ag/Ca [+/- hum] [+/-anim] + C [-hum] [-anim] + L) = Fazer ir ao fundo

Análise de *afundar* na linguagem escolar:

**(NDA) 5. Bras. Gír. Escol.** Levar (o aluno) a sair-se mal num exame, pela dificuldade das questões: *Com aquelas perguntas, o professor afundou a turma.* **16. Bras. Gír. Escol.** Sair-se mal em exame: *Afundou-se no exame de matemática.*

Exemplos de uso do verbo *afundar* em textos especializados encontrados no *Google*:

- b) Escola é como o mar: professores navegando...alunos boiando...e notas afundando...
- c) Alguns alunos preferem ver suas notas afundando a pedir ajuda.
- d) A saúde, as notas (nossa, e como elas afundam) e o meu joelho nunca mais foram os mesmos.
- e) As notas...achei q iam afundar, mas pelo contrário...tudo bem que as das provas eu nunca consigo uma acima de 7...
- f) Também concordo com o Tatogyn, essa turma que não estuda e afunda na prova, depois fica tentado atrapalhar quem realmente estudou e mereceu a nota que tirou.



ii) Matriz valencial de *afundar* na linguagem escolar:

Afundar V<sub>2</sub>: seleciona dois argumentos  
Processo (Ex [+/- hum] [+/- anim] + L) = Ir mal (na escola)

No contexto da área de especialidade, *afundar* é o mesmo que *ir mal*, um verbo de processo, de valência 2, que expressa um evento que afeta um sujeito experimentador. Sobre a valência semântica, o sujeito desse processo é N [+/- hum], [+/- anim]: um aluno, uma turma de alunos, ou a nota dos alunos. O processo só pode ser levado a efeito em um contexto específico, de avaliação escolar (L), como mostra o fragmento: e) “na prova”.

A análise de *afundar* na língua comum e na linguagem escolar conclui que o verbo mudou de classe, de ação-processo para processo.

### 3. Agregar

Análise de *agregar* na língua comum:

(NDA) 1. Reunir, congregar.

(DUP) 1. Congregar; reunir; formar em conjunto. **Ação-processo.**

[complemento: nome]

Exemplo de uso de *agregar* na língua comum:

- a) Conseguimos agregar e integrar pessoas, melhorar a produtividade, competitividade e performance.

i) Matriz valencial de *agregar* na língua comum:

Agregar V<sub>2</sub>: seleciona dois argumentos  
Ação-processo (Ag/Ca [+/- hum] [+/-anim] + C [+/- hum] [+/-anim]) = Reunir

Análise de *agregar* na linguagem da marinha de guerra:

(NDA) 4. Bras. Mar. G. Retirar temporariamente (o nome de um oficial) da escala numérica do corpo ou quadro a que pertence, de sorte que não ocupe vaga na referida escala.

Exemplos de uso do verbo *agregar* em textos especializados encontrados no Google:

- b) O Art 36. Será excluído do Quadro de Acesso por Merecimento ou por Escolha ou da Lista de Escolha, já organizados, ou deles não poderá constar o oficial que agregar ou estiver agregado.
- c) Art. 25. Será excluída das Escalas de Promoção por merecimento e antigüidade a Praça: que agregar para fim de inatividade ou for licenciada do Serviço Ativo.

ii) Matriz valencial de *agregar* na linguagem da marinha de guerra:

Agregar V<sub>2</sub>: seleciona dois argumentos  
Ação-processo (Ag [+hum] [+anim] + B [+hum] [+anim]) =  
Retirar nome de oficial da escala numérica  
do corpo ou quadro a que pertence

No contexto da área de especialidade, *agregar* é o mesmo que *retirar nome de oficial da escala numérica do corpo ou quadro a que pertence*, um verbo de ação-processo, de valência 2, que expressa uma ação realizada por um sujeito agente. Sobre a valência semântica, o sujeito desse processo é N [+hum] e [+anim], o complemento, beneficiário, também recebe os traços N [+hum] e [+anim], como mostra o fragmento a) “o oficial”, e b) “a Praça”<sup>25</sup>.

<sup>25</sup> De acordo com o Decreto nº 684, de 19 de novembro de 1992, que regulamente as Promoções de Praças da Marinha, são eles, militares de carreira.

A análise de *agregar* na língua comum e na linguagem da marinha de guerra permite concluir que o verbo manteve-se na mesma classe, ação-processo, entretanto, na linguagem da marinha de guerra, o sujeito agente receberá os traços [+hum] e [+anim], e o complemento, beneficiário, também receberá os traços [+hum] e [+anim].

#### 4. Assentar

Análise de *assentar* na língua comum:

(NDA) 1. Flexionar, ou fazer flexionar, os membros inferiores, apoiando as nádegas e coxas em assento; assentar-se, sentar.

(DUP) 1. Colocar em assento; fazer sentar-se. **Ação-processo.**

[complemento1: nome animado +/- complemento2: de lugar]

Exemplo de uso de *assentar* na língua comum:

a) Pegou um café expresso na máquina, e assentou-se no sofá de couro preto que compunha a decoração da entrada da sala de reuniões.

i) Matriz valencial de *assentar* na língua comum:

<p>Assentar V<sub>2</sub> ou V<sub>3</sub>: seleciona dois ou três argumentos Ação-processo (Ag/Ca [+/- hum] [+anim] + C [+/-hum] [+anim] +/- L) = Colocar em assento</p>
---

Análise de *assentar* na linguagem da religião:

(NDA) 12. **Bras. Rel.** Fixar ritualmente as características e a energia sagrada de (um orixá ou entidade afim) num objeto (p. ex., pedra) ou ser (p. ex., árvore) ou na cabeça da inicianda: *Ela vai ter de assentar seu santo.* 17. **Bras. Rel.** Assentar (12): assentar Oxum

numa iaô. **31. Bras. Rel.** Fixar, por meio de ritos, a energia de um orixá ou entidade afim num ser, objeto ou na mente da inicianda: *Oçãe é orixá difícil de assentar.*

Exemplos de uso do verbo *assentar* em textos especializados encontrados no Google:

- b) Nunca se faz Ogún sem assentar Oxóssi.
- c) Cada orixá tem seu otá específico: de minério de ferro se for empregada para assentar um Ogum.
- d) Consiste em assentar na vasilha todos Orixás de Bará até Oxalá, o filho então além de ter sua "cabeça" e suas passagens, passa agora a ter todos os Orixás com nome e sobrenome.
- e) Assentar Orixá. A partir de otá, em bacia de ágata, alumínio ou barro montar os fundamentos de Orixá.
- f) Feito em pé - Diz-se do santo, nos candomblés Jejê-nagôs e bantos, que não mereceu o cerimonial preparatório para assentar no seu sacerdote, babalaô, babalorixá, pai-de-santo.

ii) Matriz valencial de *assentar* na linguagem da religião:

Assentar V<sub>3</sub>: seleciona três argumentos  
Ação-processo (Ag [+hum] [+anim] + C<sub>1</sub> [-hum] [+anim] + C<sub>2</sub> [+/- hum] [+/-anim] =  
Fixar entidade espiritual em

No contexto da área de especialidade, *assentar* é o mesmo que *fixar entidade espiritual em*, um verbo de ação-processo, de valência 3, que expressa uma ação realizada por um sujeito agente. O complemento de *assentar* apresenta uma mudança de estado. Sobre a valência semântica, o sujeito desse processo é N [+ hum]; [+ anim], que é quem vai “fixar ritualmente” o complemento1: N [+ anim], uma *entidade espiritual ou orixá*, (como mostram os fragmentos, a) “(assentar) Oxóssi”; b) “(assentar) um Ogum”; c) “(assentar) todos Orixás”; d) “(assentar) orixá”; e) “(assentar) babalaô”), no complemento2, que sofre a

mudança de estado e é afetado pelo verbo *assentar*: N [+/- humano], (como mostram os fragmentos, c) “(assentar) na vasilha”; d) “(assentar) no seu sacerdote”).

A análise de *assentar* na língua comum e na linguagem da religião permite concluir que o verbo manteve-se na mesma classe, ação-processo, entretanto, quanto à seleção de seus argumentos, na linguagem da religião, o sujeito agente recebe o traço [+hum] e [+anim], e complemento 1 recebe os traços [-hum] e [+anim], e o complemento 2 pode receber o traço [+hum].

## 5. Bater

Análise de *bater* na língua comum:

(NDA) 1. Dar sucessivas pancadas ou golpes em.

(DUP) 10. Dar pancadas em. **Ação.**

[+/- complemento de lugar]

Exemplo de uso de *bater* na língua comum:

a) Alguém bateu na porta, mas ele não atendeu.

i) Matriz valencial de *bater* na língua comum:

<p>Bater V<sub>2</sub>: seleciona dois argumentos Ação (Ag [+/- hum] [+/-anim] +/- L) = Dar pancadas em</p>
---

Análise de *bater* na linguagem da religião:

(NDA) 41. **Bras. Rel.** No candomblé e em outros cultos afro-brasileiros, celebrar rito ou cerimônia, ao som de atabaques: *Os terreiros não batem na Quaresma.*

Exemplos de uso do verbo *bater* em textos especializados encontrados no *Google*:

- b) A maior parte dos processos criminais, identificados nos arquivos feirenses, movidos contra curandeiros identifica a prática de candomblé. Em alguns destes o réu é indiciado apenas por bater candomblé sem a autorização do delegado de polícia.
- c) Dentre os resultados da pesquisa observa-se entre os operários, o aparecimento do jogo de dominó e do candomblé como atividades de lazer; a outra atividade “assistir bater candomblé”, era comum nas classes mais baixas da população (18,76%).
- d) Na década de 70 foi dispensada autorização policial para se bater candomblé, e apenas em 1988 foi instituída a liberdade da prática religiosa, através do Artigo 5º da Constituição Federal.
- e) Alguns terreiros da Bahia, entretanto, batem para Nossa Senhora da Conceição, que no candomblé representa a divindade de Iemanjá, mãe de Iansã.
- f) A cada ano a procissão sai de sua casa e vai até a sede da Boa Morte. Mais tarde inicia-se a parte da promessa a Iemanjá, quando o candomblé bate até a madrugada.

ii) Matriz valencial de *bater* na linguagem da religião:

<p>Bater V<sub>2</sub>: seleciona dois argumentos</p> <p>Ação (Ag [+/- hum] [+/-anim] + C [- hum] [-anim]) =</p> <p>Celebrar ao som de atabaques</p>
--

No contexto da área de especialidade, *bater* é o mesmo que *celebrar ao som de atabaques*, um verbo de ação, de valência 2, que expressa atividade realizada por um sujeito agente. Sobre a valência semântica, o sujeito pode ser [+/- hum], [+/- anim], como mostram os fragmentos: a) “o réu (é indiciado apenas por bater candomblé)”; “alguns terreiros da Bahia (batem para Nossa Senhora)”. O complemento do verbo é [- hum], [- anim], como os fragmentos mostram em a) “na hora do vamo vê”; b) “nos momentos cruciais”; c) “final”; e e) “nos momentos decisivos”.

A análise de *bater* na língua comum e na linguagem da religião permite concluir que o verbo manteve-se na mesma classe, ação, entretanto, quanto à seleção do seu complemento, ela é bem restrita, e aceita apenas aquele com traço [-hum] e [-anim].

## 6. Beber

Análise de *beber* na língua comum:

(NDA) 1. Engolir (líquido); ingerir:

(DUP) 1. Ingerir água. **Ação.**

Exemplo de uso de *beber* na língua comum:

a) Será que bebemos água o suficiente para abastecer o nosso corpo?

i) Matriz valencial de *beber* na língua comum:

Beber V<sub>2</sub>: seleciona dois argumentos  
Ação (Ag [+/-hum] [+anim] + C [-hum] [-anim]) = Ingerir líquido

Análise de *beber* na linguagem do automobilismo:

(NDA) 10. **Bras. Autom.** Consumir gasolina, ou outro combustível: *O seu automóvel bebe muito.*

Exemplos de uso do verbo *beber* em textos especializados encontrados no *Google*:

- b) Muitos desses carros têm a atração extra da tração nas quatro rodas, um sistema que bebe mais gasolina do que o sistema comum de duas rodas.
- c) Embaixo do capô um motor quatro cilindros, dezesseis válvulas de 2,3 litros que bebe...gasolina!

- d) Saiba se seu carro está 'bebendo' combustível adulterado.
- e) Nós compramos um carro ano passado, mas ele "bebe" gasolina como um alcoólatra.
- f) Na Europa 50% dos automóveis vendidos é a diesel. E o seu carro bebe o que?

ii) Matriz valencial de *beber* na linguagem do automobilismo:

Beber V<sub>2</sub>: seleciona dois argumentos  
 Ação (Ag [-hum] [-anim] + C [-hum] [-anim]) = Consumir combustível

No contexto da área de especialidade, *beber* é o mesmo que *consumir combustível*, um verbo de ação, de valência 2. Sobre a valência semântica, o sujeito desse processo é N [-hum] e [-anim], especificamente, um automóvel, ou um mecanismo do automóvel, como mostram os fragmentos: a) “um sistema (que bebe mais gasolina)”; e b) “um motor quatro cilindros (...) (que bebe gasolina!)”. O complemento desse verbo também recebe os traços [-hum] e [-anim], como mostram os fragmentos: b) “(bebe) gasolina”; c) “(bebendo) combustível” e e) “diesel”.

A análise de *beber* na língua comum e na linguagem do automobilismo permite concluir que o verbo manteve-se na mesma classe, de ação, entretanto, na linguagem do automobilismo, o sujeito agente recebe os traços [-hum] e [-anim].

## 7. Benzer

Análise de *benzer* na língua comum:

**(NDA) 1.** Fazer o sinal-da-cruz sobre (pessoa ou coisa), recitando certas fórmulas litúrgicas, para consagrá-la ao culto divino ou chamar sobre ela o favor do Céu; abençoar.

**(DUP) 1.** Abençoar ou consagrar ao culto divino ou beneficiar com favor divino, fazendo o sinal da cruz ou recitando certas fórmulas litúrgicas. **Ação-processo.**

[+/- complemento: nome concreto]



Exemplo de uso de *benzer* na língua comum:

- a) Nesta sexta-feira, o padre Benedito, da Igreja de São Judas Tadeu, irá à Gávea às 14h para benzer os jogadores e a comissão técnica.

i) Matriz valencial de *benzer* na língua comum:

<p>Benzer V<sub>2</sub>: seleciona dois argumentos Ação-processo (Ag [+hum] [+anim] + C [+/-hum] [+/-anim] = Abençoar</p>
---

Análise de *benzer* na linguagem da capoeira:

**(NDA) 7. Bras. Cap.** Executar ritual ao pé do berimbau para invocar proteção divina.

Exemplos de uso do verbo *benzer* em textos especializados encontrados no *Google*:

- b) Mandinga de Angola; Berimbau mandou se benzer; berimbau; Mandou se benzer
- c) Mas se enganou sou um capoeira guerreiro  
e aprendi no seu terreiro benzer no berimbau  
agora fica dizendo que eu sou ingrato  
que não lembro do passado
- d) RODA DE CAPOEIRA: Principal cerimonial, que consiste: formação dos instrumentos, cumprimento ao companheiro no pé do berimbau. Benzer ou não.
- e) Na primeira vez que passar frente ao berimbau, o aluno demonstrará seu respeito: se for católico se benzerá, e se pertencer uma religião que não for permitida benzer-se, deverá flexionar o corpo e tocar com os dedos da mão no chão de forma que sua cabeça passe abaixo da altura da cabaça do berimbau.
- f) Lugar do sagrado, porque lá ninguém entra nem sai sem antes se benzer. Além disso, ao final do ritual, canta-se uma música de despedida, quando os

capoeiristas desejam-se, mutuamente, uma “boa viagem”, em seu regresso do “mundo da roda” ao mundo dos homens.

ii) Matriz valencial de *benzer* na linguagem da capoeira:

Benzer V<sub>1</sub>: seleciona um argumento  
Processo (Ex [+hum] [+anim]) =  
Invocar proteção divina (*benzer-se*) ao pé do berimbau

No contexto da área de especialidade, *benzer* é o mesmo que *invocar proteção divina (benzer-se) ao pé do berimbau*, um verbo de processo, de valência 1, cujo sujeito é um índice de processividade. Sobre a valência semântica, o sujeito desse processo é N [+hum] e [+anim], especificamente, o capoeira.

A análise de *benzer* na língua comum e na linguagem da capoeira permite concluir que o verbo mudou de classe, de ação-processo para processo, além de ter se especializado quanto à seleção do sujeito, que é um experimentador do processo de *benzer-se*.

## 8. Bolar

Análise de *bolar* na língua comum:

(NDA) Não registra o verbo bolar sem marca de área de especialidade <sup>26</sup>.

(DUP) Registra o verbo bolar, mas não pode ser estabelecida a comparação com o NDA.

Análise de *bolar* na linguagem da religião:

(NDA) **Bras. Rel. 1.** Entrar em transe de incorporação de (orixá ou entidade afim.)

---

<sup>26</sup> O verbete *bolar* analisado é *bolar*<sup>3</sup> que, segundo o NDA (2004), é formado com base em [*embolar*]. Não buscamos os verbetes *bolar*<sup>1</sup>, porque foi formado com base em [*bola* ou *bolo*<sup>1</sup> + *-ar*<sup>1</sup>.], nem *bolar*<sup>2</sup>, formado com base em [*bola* + *-ar*<sup>2</sup>.]

2. Cair em transe de incorporação de um orixá ou entidade afim: *O ritmo do adarrum leva as filhas-de-santo a bolar.*

Exemplos de uso do verbo *bolar* em textos especializados encontrados no *Google*:

- a) "Bolar", ou "cair no santo", é indício da necessidade da futura iniciação. Geralmente acontece quando a pessoa participa de um "toque" e o orixá a incorpora, ainda no estado que os adeptos denominam de "bruto" (ainda não assentado ou "feito"). Bolar, aparentemente, é como desmaiar.
- b) No primeiro estágio de suas relações com a seita, o futuro iniciado é chamado de abian. É necessário que passe ainda pela prova de ter recebido o apelo de um orixá e de ter tido o afã de cair em transe ("bolar" é o termo).
- c) O adarrum é o ritmo mais citado como característico de Ogun. Pode, também, ser executado com o objetivo de propiciar o transe. O toque de bolar, por exemplo, se faz ao som do adarrum.
- d) Nesses casos, na linguagem do "povo de santo" a pessoa "bolou" com uma entidade religiosa. Ela havia sido escolhida para ser consagrada ao orixá, inquice ou vodum.
- e) Com essa vibração, o participante entra em estado de inconsciência, em transe, caindo ao solo, num fenômeno chamado internamente de "bolar para o santo" ou "virar no santo", se já for um iniciado.

Matriz valencial de *bolar* na linguagem da religião:

<p>Bolar V<sub>1</sub>: seleciona um argumento Processo (Ex [+hum] [+anim]) = Entrar em transe de incorporação</p>
--

A análise permite concluir que *bolar* é um verbo estritamente terminológico que, no contexto da religião, é o mesmo que *entrar em transe de incorporação*, um verbo de processo, de valência 1, que expressa um evento no qual o sujeito é um experimentador. Sobre a valência semântica, o sujeito experimentador desse processo é N [+hum] e [+anim], especificamente, uma pessoa.

## 9. Caquear

Análise de *caquear* na língua comum:

(NDA) Não registra o verbo caquear sem marca de área de especialidade.

(DUP) Não registra o verbo caquear, além de não poder ser estabelecida comparação com o NDA.

Análise de *caquear* na linguagem do teatro:

(NDA) **1. Bras. RJ Teatr. Gír.** Introduzir cacos [v. caco (8)] em uma peça teatral: *Muitos atores têm a mania de caquear.*

De acordo com a remissiva v. caco (8), temos:

**caco 8. Teatr. Gír.** Palavra ou frase que o ator, geralmente de improviso, introduz em qualquer de suas falas, para substituir outra do texto original e/ou produzir efeito cômico; bexigada.

Não foram encontrados exemplos de uso do verbo *caquear* em textos especializados no *Google*, apenas exemplos de expressões com a forma do termo nominal, *caco*, que deu origem ao verbo:

- a) A utilização de cacos não somente se justifica plenamente como até poder dar uma reciclada no texto.
- b) O Philipe adorava improvisar. Em pouco tempo, sua capacidade de criar cacos e propor novas situações começou a ofuscar alguns egos em cena.

Matriz valencial proposta para *caquear* na linguagem do teatro:

Caquear V<sub>1</sub> ou V<sub>2</sub>: seleciona um ou dois argumentos

Ação (Ag [+hum] [+anim] +/- L) = Improvisar para obter efeito cômico

A análise permite concluir que *caquear* é um verbo estritamente terminológico que, na linguagem do teatro, foi criado com base no termo nominal da mesma área, *caco*. É um verbo de ação, de valência 1 ou 2, que expressa uma atividade realizada por um sujeito agente. Sobre a valência semântica, o sujeito é N [+ hum] e [+ anim], especificamente, um ator. A ação se dá no contexto teatral e, portanto, pode também receber +/- complemento de lugar, “na peça”, “na apresentação”, etc.

## 10. Codizar

Análise de *codizar* na língua comum:

(NDA) Não registra o verbo *codizar* sem marca de área de especialidade.

(DUP) Não registra o verbo *codizar*, além de não poder ser estabelecida a comparação com o NDA.

Análise de *codizar* na linguagem da marinha de guerra:

(NDA) **codizar 1. Bras. Mar. G.** Substituir as letras, sílabas, palavras ou grupos de palavras do texto claro de (uma mensagem) pelas suas correspondentes relacionadas em um código.

Não foram encontrados exemplos de uso do verbo *codizar* em textos especializados no *Google*.

Matriz valencial proposta para *codizar* na linguagem da marinha de guerra:

Codizar V<sub>2</sub>: seleciona dois argumentos  
Ação-processo (Ag [+/-hum] [+/-anim] + C [-hum] [-anim]) = Codificar

A análise permite concluir que *codizar* é um verbo estritamente terminológico que, na linguagem da marinha de guerra, segundo o NDA (2004), se formou com base em

*código* + izar; em analogia ao inglês *to codify*. Trata-se de um verbo de ação-processo de valência 2, cuja ação expressa é realizada por um sujeito agente que atinge um complemento que apresenta uma mudança de estado. Sobre a valência semântica, o sujeito é N [+/-hum] e [+/-anim], e o complemento afetado é [-hum], [-anim], especificamente, uma mensagem de texto.

## 11. Concentrar

Análise de *concentrar* na língua comum:

(NDA) 1. Fazer convergir para um centro, ou para um mesmo ponto; centralizar, encentrar.

(DUP) 1. Fazer convergir ou dirigir-se. **Ação-processo.**

[complemento 1: nome. +/- complemento 2: de lugar]

Exemplo de uso de *concentrar* na língua comum:

a) Uma bola de plasma se concentra no fundo do pote.

i) Matriz valencial de *concentrar* na língua comum:

<p>Concentrar V<sub>2</sub> ou V<sub>3</sub>: seleciona dois ou três argumentos Ação-processo (Ag/Ca [+/- hum] [+/-anim] + C [+/-hum] [+/-anim] +/- L) = Convergir para o centro</p>
--

Análise de *concentrar* na linguagem dos esportes:

(NDA) 6. Bras. Esport. Promover a concentração (3) de. 9. Bras. Esport. Concentrar (6):  
A CBF concentrou a seleção na granja Comari. 14. Bras. Esport. Ficar em concentração  
(3 e 4).

De acordo com a remissiva:

**V. concentração** 3.Bras. Esport. Reunião de atletas à véspera de um partida, ou de um torneio (ger. em hotel ou clube retirado do centro), a fim de realizarem os últimos treinos, repousarem e receberem instruções.

Exemplos de uso do verbo *concentrar* em textos especializados no *Google*:

- b) A Diretoria do Santa Cruz decidiu concentrar o time para o jogo contra o Central desde ontem à noite (21). Os jogadores só sairão depois da partida do próximo domingo contra o Campinense (PB), no Arruda.
- c) O professor Cuca assimilou as acusações de excesso de balada no elenco e santista tomou uma sábia decisão: concentrar o elenco até o jogo contra o Atlético PR.
- d) O comandante deu um voto de confiança aos seus jogadores e resolveu liberá-los. O grupo só deve se concentrar agora na sexta-feira.
- e) Estou ansioso pra saber como e quando vão concentrar o time.
- f) Além de ter que mandar o jogo em São Paulo pela falta de capacidade do estádio Bruno José Daniel para abrigar uma final de Copa do Brasil (o estádio tem 18 mil lugares e o mínimo exigido é 20 mil), a diretoria do Santo André optou por concentrar o time na capital paulista em vez de seguir treinando no estádio.

ii) Matriz valencial de *concentrar* na linguagem dos esportes:

Concentrar V<sub>2</sub> ou V<sub>3</sub>: seleciona dois ou três argumentos  
Ação-processo (Ag [+hum] [+anim] + C [+hum] [+anim] +/- L) =  
Reunir atletas

No contexto da área de especialidade, *concentrar* é o mesmo que *reunir*, um verbo de ação-processo, de valência 2. A ação expressa uma atividade realizada por um sujeito agente. Sobre a valência semântica, o sujeito agente é N [+hum] e [+anim],

especificamente, um técnico de time esportivo, ou a diretoria de um time esportivo, etc. O complemento também é N [+hum], [+anim], especificamente um time de atletas, como os fragmentos mostram, em a) “(concentrar) o time”; b) “(concentrar) o elenco”; c) “o grupo (de jogadores) (só deve se concentrar”); d) e e) “(concentrar) o time”.

A análise de *concentrar* na língua comum e na linguagem do esporte permite concluir que o verbo manteve-se na mesma classe, de ação-processo, entretanto, na linguagem dos esportes, quanto à seleção do sujeito agente, ela se realiza com base nos traços de [+hum] e [+anim] e, quanto à seleção do complemento, ela se realiza com base nos traços de [+hum], [+anim].

## 12. Cozinhar

Análise de *cozinhar* na língua comum:

**(NDA) 1.** Cozer.

**(DUP) 1.** Preparar ao fogo ou calor; submeter alimentos ou outra substância à ação do fogo.

**Ação-processo.**

[+/- complemento: nome concreto]

Exemplo de uso de *cozinhar* na língua comum:

a) Tempere com sal e deixe cozinhar até os legumes estarem macios.

i) Matriz valencial de *cozinhar* na língua comum:

Cozinhar V<sub>2</sub>: seleciona dois argumentos  
Ação-processo (Ag/Ca [+/- hum] [+/-anim] + C [-hum] [-anim] ) =  
Preparar ao fogo; cozer

Análise de *cozinhar* na linguagem do jornalismo:



(NDA) 5. Bras. Jorn. Gír. Fazer a cozinha (5) de.

De acordo com a remissiva, temos:

**cozinha 5.Bras. Jorn. Gír.** Preparo, para publicação, dos originais e das ficadas (matéria já composta que nas redações se guarda para aproveitamento futuro).

Exemplos de uso do verbo *cozinhar* em textos especializados no *Google*:

b) Cozinhar jornalismo. (Manchete)

c) Como cozinhar um Press Release.

Ingredientes: Pesquisa bem feita dentro e fora da empresa. Visão clara do que interessa ao jornalista. Lista de contatos relevantes.

d) Em altura de crise temos menos tempo para cozinhar o press release e a pesquisa é sem dúvida o processo mais demorado.

e) Enquanto isso, nas entranhas do jornalismo de todo dia, taca a cozinhar as notícias.

f) Essa prática é comum no jargão jornalístico conhecido como “cozinhar”, que significa reescrever uma notícia de um outro jornal, revista ou site.

ii) Matriz valencial de *cozinhar* na linguagem do jornalismo:

<p>Cozinhar V<sub>2</sub>: seleciona dois argumentos Ação-processo (Ag [+hum] [+anim] + C [-hum] [-anim]) = Preparar notícias para publicação</p>
---

No contexto da área de especialidade, *cozinhar* é o mesmo que *preparar notícias*, um verbo de ação-processo, de valência 2, que expressa uma ação realizada por um sujeito agente que faz com que o complemento passe a existir. Nesse caso, o complemento não é afetado, mas efetuado. Sobre a valência semântica, o sujeito agente de *cozinhar* é N [+hum] e [+anim], especificamente, um jornalista. O complemento efetuado pela ação do verbo é N

[-hum] e [anim], especificamente, uma reportagem ou notícia, como mostram os fragmentos em: a) “(cozinhar) jornalismo”; b) e c) “(cozinhar) um Press Release”; d) “(cozinhar) as notícias”; e e) “(cozinhar) (...) uma notícia de um outro jornal”.

A análise de *cozinhar* na língua comum e na linguagem do jornalismo permite concluir que o verbo manteve-se na mesma classe, de ação-processo, entretanto, na linguagem do jornalismo, o sujeito agente recebe os traços [+hum] e [+anim].

### 13. Defender

Análise de *defender* na língua comum:

**(NDA) 1.** Prestar socorro ou auxílio a; proteger, amparar.

**(DUP) 1.** Socorrer; preservar; proteger. **Ação.**

[complemento1: nome. Complemento2: contra/de + nome ou de + oração infinitiva]

Exemplo de uso de *defender* na língua comum:

a) A boa e velha capa de chuva também pode ser uma grande aliada para se defender da água, mas muitos atletas preferem não usar este acessório e contestam sua eficiência.

i) Matriz valencial de *defender* na língua comum:

<p>Defender V<sub>2</sub> ou V<sub>3</sub>: seleciona dois ou três argumentos</p> <p>Ação (Ag [+hum] [+anim] + B [+hum] [+anim] + (contra/de) C [+/-hum] [+/-anim]) =</p> <p>Prestar socorro</p>
--

Análise de *defender* na linguagem do futebol:

**(NDA) 15. Bras. Fut.** Agarrar (10).

De acordo com a remissiva, temos:

**agarrar 10. Bras. Fut.** Jogar de goleiro; defender: “pela facilidade com que chuta [Pelé], com que passa ou finaliza, cabeceia ou até mesmo agarra” (*Jornal do Brasil*, Rio, 14.11.1969).

Exemplos de uso do verbo *defender* em textos especializados encontrados no *Google*:

- b) Após defender três pênaltis e ser peça fundamental da LDU na vitória por 3 a 1 sobre o Fluminense nos pênaltis, na decisão da Copa Libertadores.
- c) Ele defendeu uma cobrança de pênalti a dois minutos do fim do jogo e segurou o empate por 0 a 0, fora de casa, contra a China, nesta quarta-feira.
- d) Aos 38, meia fez boa jogada, mas o goleiro Diego defendeu.
- e) Gordon Banks, ex goleiro da seleção inglesa, famoso por ter defendido uma cabeçada de Pelé na Copa de 70, no México, deu um depoimento ao diretor brasileiro Felipe Figueiredo, da Cine.
- f) Aos 44, Carlinhos arrematou e o goleiro defendeu em dois tempos.

ii) Matriz valencial de *defender* na linguagem do futebol:

Defender V<sub>2</sub>: seleciona dois argumentos  
Ação (Ag [+hum] [+anim] + B [-hum] [-anim]) = Proteger o gol

No contexto da área de especialidade, *defender* é o mesmo que *proteger o gol*, um verbo de ação, de valência 2, que expressa uma atividade realizada por um sujeito agente, e recebe um complemento. Sobre a valência semântica, o sujeito agente do verbo é N [+hum] e [+anim], especificamente, um jogador de futebol, o goleiro. O complemento é N [-hum] e [-anim]: a bola, ou uma jogada envolvendo a bola, como mostram os fragmentos: a) “três pênaltis”; b) “uma cobrança de pênalti”; c) “boa jogada”; d) “uma cabeçada de Pelé”.

A análise de *defender* na língua comum e na linguagem do futebol permite concluir que o verbo manteve-se na mesma classe, de ação, entretanto, quanto à seleção do complemento, ela se realiza com base nos traços de [-hum] e [-anim].

## 14. Derrubar

Análise de *derrubar* na língua comum:

(NDA) 1. Lançar por terra; fazer cair; abater.

(DUP) 1. Sentido básico: 1. jogar por terra; fazer cair; abater. **Ação-processo.**

[complemento: nome concreto]

Exemplo de uso de *derrubar* na língua comum:

a) ONU responsabiliza Rússia por derrubar avião espião da Geórgia.

i) Matriz valencial de *derrubar* na língua comum:

Derrubar V<sub>2</sub>: seleciona dois argumentos  
Ação-processo (Ag/Ca [+/-hum] [+/-anim] + C [+/-hum] [+/-anim]) =  
Jogar por terra

Análise de *derrubar* na linguagem do turfe:

(NDA) 4. **Bras. Turfe Gír.** Divulgar falsas barbadas entre os apostadores.

A pesquisa por *barbadas* no NDA encontrou:

**barbada Bras. Gír. Turfe** Cavalos que em determinado páreo, por absoluta superioridade em relação aos seus competidores, normalmente não pode perder; carne-assada.

Não foram encontrados exemplos de uso do verbo *derrubar* em textos especializados no *Google*.

ii) Matriz valencial proposta para *derrubar* na linguagem do turfe:

Derrubar V<sub>2</sub>: seleciona dois argumentos  
 Ação (Ag [+hum] [+anim] + C [+hum] [+anim]) =  
 Divulgar informações falsas entre apostadores

No contexto da área de especialidade, *derrubar* é o mesmo que *divulgar informações falsas entre apostadores*, um verbo de ação, de valência 2, que expressa uma atividade realizada por um sujeito agente. Sobre a valência semântica, o sujeito desse processo é N [+hum] e [+anim]. O complemento é um N [+hum] e [+anim], “os apostadores”.

A análise de *derrubar* na língua comum e na linguagem do turfe permite concluir que o verbo mudou de classe, de ação-processo para ação, além de ter se especializado quanto à seleção do complemento, que recebe o traço [+hum] e [+anim].

## 15. Desacostar

Análise de *desacostar* na língua comum:

(NDA) 1. Afastar (o que estava acostado).

(DUP) Não registra o verbo *desacostar*, que foi classificado, por nós, como um verbo de ação-processo.

Exemplo de uso de *desacostar* na língua comum:

a) Sempre que se verifique haver embarcações à espera de vez para acostar e embarcações acostadas que não estejam a realizar operações, estas terão de desacostar dando lugar às que se apresentem para trabalhar.

i) Matriz valencial de *desacostar* na língua comum:

Desacostar V<sub>2</sub>: seleciona dois argumentos  
 Ação-processo (Ag/Ca [+/-hum] [+/-anim] + C [-hum] [-anim]) = Afastar

Análise de *desacostar* na linguagem da religião:

(NDA) 2. Bras. Rel. Desincorporar (4).

De acordo com a remissiva, temos:

**desincorporar 4. Bras. Rel.** Abandonar (a entidade, o guia, etc.) o corpo de (o médium) ao qual se incorporara no transe; *desacostar*.

Não foram encontrados exemplos de uso do verbo *desacostar* em textos especializados no *Google*.

ii) Matriz valencial de *desacostar* na linguagem da religião:

Desacostar V<sub>2</sub>: seleciona dois argumentos  
Ação-processo (Ag [-hum] [+anim] + C [+hum] [+anim]) = Afastar-se de um corpo

No contexto da área de especialidade, *desacostar* é o mesmo que *afastar-se de um corpo*, um verbo de ação-processo, de valência 2, que expressa uma ação realizada por um sujeito agente. O complemento é afetado e expressa uma mudança de estado. Sobre a valência semântica, o sujeito desse processo é N [-hum] e [+anim], especificamente, uma entidade espiritual. O complemento é N [+hum] e [+anim], “o corpo do médium”.

A análise de *desacostar* na língua comum e na linguagem da religião permite concluir que o verbo manteve-se na mesma classe, entretanto, quanto à seleção do complemento, na religião, ela se realiza com base nos traços [+hum] e [+anim].

## 16. Descalar

Análise de *descalar* na língua comum:

(NDA) Não registra o verbo *descalar* sem marca de área de especialidade.

(DUP) Não registra o verbo *descalar*, além de não poder ser estabelecida a comparação com o NDA.

Análise de *descalar* na linguagem da marinharia:

(NDA) **1. Bras. Marinh.** Tirar (o leme da embarcação) do lugar.

Exemplo de uso do verbo *descalar* em texto especializado encontrado no *Google*:

- a) E para a aflição de todos que se encontravam a bordo, no dia 8 de outubro, descalou o leme. O navio ainda lutou por mais 24 horas, mas a tempestade em vez de amainar, aumentou de intensidade.

Matriz valencial de *descalar* na linguagem da marinharia:

<p>Descalar V<sub>2</sub>: seleciona dois argumentos Ação-processo (Ag/Ca [+/-hum] [+/-anim] + C [-hum] [-anim]) = Tirar do lugar</p>
---

A análise de *descalar* na linguagem da marinharia permite concluir que é um verbo estritamente terminológico que, de acordo com o NDA (2004), foi formado com base em *calar*, para o qual registra a seguinte acepção: “Colocar (o leme) no seu lugar”. No contexto da área de especialidade em que foi criado, *descalar* é o mesmo que *tirar do lugar*, um verbo de ação-processo, de valência 2 que expressa uma ação realizada por um sujeito agente, ou uma causação provocada por um sujeito causador. O complemento atingido por *descalar*, nome concreto, é afetado pelo verbo e muda de posição. Sobre a valência semântica, o sujeito agente ou causador que realiza a ação é N [+/-hum], uma pessoa, fenômeno da natureza, etc. O complemento é N [-hum] e [-anim], o leme da embarcação.

## 17. Descer

Análise de *descer* na língua comum:

(NDA) 1. Remover de cima para baixo; pôr embaixo.

(DUP) 1. Levar do alto para baixo; fazer abaixar. **Ação-processo.**

[Complemento1: nome concreto. +/- Complemento2: de origem]

Exemplo de uso de *descer* na língua comum:

a) Eu já não podia fazer quase nada mais, eu não podia pegar uma caixa, erguer uma caixa, descer caixas da prateleira.

i) Matriz valencial de *descer* na língua comum:

<p>Descer V<sub>2</sub> ou V<sub>3</sub>: seleciona dois ou três argumentos Ação-processo (Ag/Ca [+/-hum] [+/-anim] + C [+/-hum] [+/-anim] +/- Or) = Fazer abaixar</p>
--

Análise de *descer* na linguagem da religião:

(NDA) 15. **Bras. Rel.** Manifestar-se (um orixá, um espírito, uma entidade, etc.) na mente ou no corpo de (uma filha-de-santo, um médium, etc.); incorporar-se, baixar: *Oxum desceu no seu cavalo*. 30. **Bras. Rel.** Manifestar-se [uma entidade] na mente ou no corpo de alguém: Há orixás que não descem.

Exemplos de uso do verbo *descer* em textos especializados encontrados no *Google*:

b) Também se não forem tomadas as devidas precauções pode descer uma Entidade negativa que se passa por uma elevada para provocar engano e maldade e até provocar grandes distúrbios.

c) Um dia desses esta minha cigana desceu e um colega disse para ela que o nome dela era de entidade de Iansã.



- d) Os religiosos vão dizer que é uma entidade que desceu nela.
- e) Minha esposa é médium ha mais de 15 anos e ontem pela primeira vez desceu nela uma entidade muito tranqüila que identificou-se ser exu sete capas das sete encruzilhadas.
- f) Quanto aos espíritos que descem, eles todos passam por uma triagem para o trabalho da noite.

ii) Matriz valencial de *descer* na linguagem da religião:

Descer V<sub>2</sub>: seleciona dois argumentos  
 Ação-processo (Ag [-hum] [+anim] + (em) C [+hum] [+anim]) =  
 Manifestar-se (uma entidade espiritual)

No contexto da área de especialidade, *descer* é o mesmo que *manifestar-se* (*uma entidade*), um verbo de ação-processo, de valência 2. Expressa uma ação realizada por um sujeito agente que afeta um complemento. Sobre a valência semântica, o sujeito agente é N [-hum] e [+anim], especificamente, uma entidade espiritual. O complemento também é N [+hum] e [+anim], introduzido pela proposição *em*, como mostram os fragmentos, c) “é uma entidade (que desceu) nela”; e d) “pela primeira vez (desceu) nela uma entidade”.

A análise de *descer* na língua comum e na linguagem da religião permite concluir que o verbo manteve-se na mesma classe, entretanto, quanto à seleção do sujeito, ela se realiza com base nos traços [-hum] [+anim] e, quanto à seleção do complemento, ela se realiza com base nos traços [+hum] e [+anim].

## 18. Desenvolver

Análise de *desenvolver* na língua comum:

**(NDA) 1.** Fazer crescer ou medrar.

**(DUP) 1.** Fazer progredir; criar. **Ação-processo.**

[Complemento: nome]

Exemplo de uso de *desenvolver* na língua comum:

a) Como se desenvolve a linguagem?

i) Matriz valencial de *desenvolver* na língua comum:

Desenvolver V<sub>2</sub>: seleciona dois argumentos  
Ação-processo (Ag/Ca [+/-hum] [+/- anim] + C [+/-hum] [+/- anim]) = Fazer progredir.

Análise de *desenvolver* na linguagem da religião:

**(NDA) 9. Bras. Rel.** Aumentar as faculdades mediúnicas de.

Exemplo de uso do verbo *desenvolver* em textos especializados encontrados no *Google*:

b) Depois de levar as pessoas perturbadas que chegavam ao centro espírita à mesa de caridade para receber seu guia e desenvolver, passamos para uma fase de estudo da mediunidade.

ii) Matriz valencial de *desenvolver* na linguagem da religião:

Desenvolver V<sub>1</sub>: seleciona um argumento  
Processo (B [+hum] [+anim]) = Aumentar as faculdades mediúnicas de

No contexto da área de especialidade, *desenvolver* é o mesmo que *aumentar as faculdades mediúnicas de*, um verbo de processo, de valência 1, que expressa um evento que afeta um sujeito beneficiário. Sobre a valência semântica, o sujeito beneficiário desse processo é N [+hum] e [+anim].

A análise de *desenvolver* na língua comum e na linguagem da religião permite concluir que o verbo mudou de classe, de ação-processo para processo, além de ter se

especializado quanto à seleção do sujeito beneficiário, que recebe o traço [+hum] e [+anim].

## 19. Desincorporar

Análise de *desincorporar* na língua comum:

(NDA) 1. Separar (o que estava incorporado).

(DUP) Não registra o verbo desincorporar, que foi classificado, por nós, como verbo de ação-processo.

Exemplo de uso de *desincorporar* na língua comum:

- a) Projeto de Lei 199/07 autoriza o Município de Piracicaba a desincorporar da classe de bens de uso comum do povo e incorporar à classe de bens patrimoniais do Município, áreas de sua propriedade.

i) Matriz valencial de *desincorporar* na língua comum:

<p>Desincorporar V<sub>2</sub>: seleciona dois argumentos Ação-processo (Ag/Ca [+/-hum] [+/-anim] + C [-hum] [-anim]) = Separar (o que estava incorporado)</p>
--

Análise de *desincorporar* na linguagem da religião:

(NDA) 4. Bras. Rel. Abandonar (a entidade, o guia, etc.) o corpo de (o médium) ao qual se incorporara no transe; desacostar.

Exemplos de uso do verbo *desincorporar* em textos especializados encontrados no Google:

- b) Perde, também, a noção de tempo e, embora tenha sido espectador de si mesmo,

perde a noção de muita coisa que se passou, ao desincorporar.

- c) Na incorporação integral, o médium fica totalmente inconsciente, ao desincorporar o médium não se lembra do que se passou.
- d) Antes de desincorporar a entidade tira todo o efeito do álcool, deixando o médium com o líquido ingerido, mas sem o seu efeito, ou seja, termina a embriaguez do médium.
- e) O médium, quando desincorporar, não se lembrará do momento da verbalização da mensagem.
- f) Antes de o médium desincorporar, verifique se entidade tirou seus pertences, tais como chapéu, lenço, fita, capa, brinco, anel, etc.

ii) Matriz valencial de *desincorporar* na linguagem da religião:

<p>Desincorporar<sub>1</sub> V<sub>2</sub>: seleciona dois argumentos</p> <p>Ação-processo (Ag [-hum] [+anim] + C [+hum] [+anim]) =</p> <p>Abandonar (uma entidade) um corpo</p> <p>Desincorporar<sub>2</sub> V<sub>1</sub>: seleciona um argumento</p> <p>Processo (Ex [+hum] [+anim]) = Experimentar o processo de desincorporar</p>
--

No contexto da área de especialidade, *desincorporar* pode ser interpretado como um verbo de duas classes. Como verbo de ação-processo, de valência 2, é o mesmo que *abandonar (uma entidade) um corpo*, e expressa uma ação realizada por um sujeito agente, que afeta um complemento, que experimenta uma mudança de estado. Sobre a valência semântica, o sujeito agente desse processo é N [-hum] e [+anim], especificamente, uma entidade espiritual, como mostra o fragmento c): “antes de desincorporar, a entidade”. O verbo pode ser, também, interpretado como verbo de processo, de valência 1, o mesmo que *experimentar o processo de desincorporar*, que expressa um evento no qual o sujeito é um experimentador. Nesse caso, quanto a valência semântica, o sujeito é [+hum] e [+anim], especificamente, um médium, como mostra o fragmento d) “o médium, quando desincorporar”.

A análise de *desincorporar* na língua comum e na linguagem da religião permite concluir que o verbo mudou de classe, de ação-processo para processo, além de ter se especializado, na linguagem da religião, quanto à seleção do complemento, que recebe o traço [+hum] e [+anim].

## 20. Embalsamar

Análise de *concentrar* na língua comum:

(NDA) 1. Impregnar de aromas; perfumar.

(DUP) 1. Impregnar com perfume de bálsamo. **Ação-processo.**

[Complemento: nome concreto]

Exemplo de uso de *embalsamar* na língua comum:

a) Em todo o Egito os perfumistas tinham um bom funcionamento nasal, que é sinônimo de um bom equilíbrio psicossomático. Usavam vários componentes para embalsamar entre eles o manjeriço.

i) Matriz valencial de *embalsamar* na língua comum:

Embalsamar V<sub>2</sub>: seleciona dois argumentos  
Ação-processo (Ag/Ca [+hum] [+anim] + C [+/-hum] [+/-anim]) = Impregnar de aroma

Análise de *embalsamar* na linguagem da marinha de guerra:

(NDA) 3. **Bras. Mar. G.** Tornar-se incapacitado de qualquer atividade em virtude do abatimento provocado por enjôo.

Não foram encontrados exemplos de ocorrência de *embalsamar* em textos especializados no *Google*.

ii) Matriz valencial de *embalsamar* na linguagem da marinha de guerra:

Embalsamar V<sub>1</sub>: seleciona um argumento  
Processo (Ex [+hum] [+anim]) = Sentir-se enjoado

No contexto da área de especialidade, *embalsamar* é o mesmo que *sentir-se enjoado*, um verbo de processo, de valência 1, que expressa um evento no qual o sujeito é um experimentador. Sobre a valência semântica, o sujeito experimentador desse processo é N [+hum] e [+anim], especificamente, um marinheiro ou membro de uma tripulação.

A análise de *embalsamar* na língua comum e na linguagem da marinha de guerra permite concluir que o verbo mudou de classe, de ação-processo para processo, além de ter se especializado, na linguagem da marinha de guerra, quanto à seleção do sujeito experimentador que recebe o traço [+hum] e [+anim].

## 21. Encastelar

Análise de *encastelar* na língua comum:

(NDA) 1. Construir à maneira de castelo; acastelar.

(DUP) Não registra o verbo encastelar, que foi classificado, por nós, como verbo de ação.

Exemplo de uso de *encastelar* na língua comum:

- a) É uma história premiada sobre o cotidiano da elite que optou por se encastelar atrás dos muros dos condomínios fechados.

i) Matriz valencial de *encastelar* na língua comum:

Encastelar V<sub>1</sub>: seleciona um argumento  
Ação (Ag [+hum] [+anim]) = Construir à maneira de castelo

Análise de *encastelar* na linguagem da cinegética:

**(NDA) 5. Bras. C.O. S. Cineg.** Passar (a perdiz levantada) da direção vertical para a horizontal, voando sem grande esforço.

Não foram encontrados exemplos do verbo *encastelar* em textos especializados no *Google*.

ii) Matriz valencial de *encastelar* na linguagem da cinegética:

Encastelar V<sub>1</sub>: seleciona um argumento  
Ação (Ag [-hum] [+anim]) = Voar (a perdiz) da direção vertical para a horizontal

No contexto da área de especialidade, *encastelar* é o mesmo que *voar (a perdiz) da direção vertical para a horizontal*, um verbo de ação, de valência 1, que expressa uma atividade realizada por um sujeito agente. Sobre a valência semântica, o sujeito é N [-hum] e [+anim], especificamente, a perdiz.

A análise de *encastelar* na língua comum e na linguagem da cinegética permite concluir que o verbo manteve-se na mesma classe, de ação-processo, entretanto, quanto à seleção do sujeito agente, na linguagem da cinegética, ela se realiza com base nos traços [-hum] e [+anim].

## 22. Encruzar

Análise de *encruzar* na língua comum:

**(NDA) 1.** Dispor em forma de cruz; encruzilhar.

**(DUP)** Não registra o verbo encruzar.

Exemplo de uso do verbo *encruzar* na língua comum:

a) Puxei o chapéu para os olhos e encruzei os braços sobre a boca do estômago.

i) Matriz valencial de *encruzar* na língua comum:

Encruzar V<sub>2</sub>: seleciona dois argumentos  
Ação-processo (Ag/Ca [+hum] [+anim] + C [+/-hum] [+/-anim]) =  
Dispor em forma de cruz

Análise de *encruzar* na linguagem da religião:

(NDA) 3. Bras. Rel. Na umbanda, traçar (o chefe do terreiro ou a mãe-pequena) cruces, com pomba, nas mãos, na testa e na nuca de (os médiuns e, por vezes, de fiéis), com fins apotropaicos e para facilitar o contato com as entidades que irão agir na sessão.

Exemplos de uso do verbo *encruzar* em textos especializados encontrados no Google:

- b) Nem todo preto que tem cachimbo, nem todo preto que é pembeiro, nem todo o preto que sabe o jogo prá encruzar este terreiro.
- c) Enquanto murmura a reza, o benzedor, com pedrinhas de sal grosso nas mãos (uma para cada verruga), vai formando cruces com seus gestos, o que se chama encruzar.
- d) Encruzar – Riscar com pomba (giz) sete cruces no candidato a trabalhar na seita: nuca, peito, pé e mão. Ato secreto.
- e) ENCRUZAR - Ritual umbandista no início de um período ou sessão, consistindo em fazer uma cruz com a pomba na nuca, na palma da mão, na testa do médium e na sola do pé.
- f) Pai José veio de Angola, veio de Angola, Angolá. Quando chegou no Terreiro encruzou seu jacutá.

ii) Matriz valencial de *encruzar* na linguagem da religião:



Encruzar V<sub>2</sub>: seleciona dois argumentos  
Ação-processo (Ag [+hum] [+anim] + C [+/-hum] [+/-anim] = Traçar cruces

No contexto da área de especialidade, *encruzar* é o mesmo que *traçar cruces*, um verbo de ação-processo, de valência 2. Expressa uma ação por um sujeito agente. O complemento atingido por *encruzar*, um nome, é afetado pelo verbo e muda de condição. Sobre a valência semântica, o sujeito é N [+hum] e [+anim], como mostram os fragmentos b) “o benzedor”, e) “Pai José de Angola”, ou a definição do NDA “o chefe do terreiro ou a mãe-pequena”. O complemento desse verbo pode ser N [+/-hum], [+/-anim], como mostram os fragmentos, a) “este terreiro.”; b) “no candidato”; d) “na testa do médium e na sola do pé” e e) “seu jacutá”.

A análise de *encruzar* na língua comum e na linguagem da religião permite concluir que o verbo manteve-se na mesma classe, de ação-processo, além de ter mantido os mesmos traços para o sujeito e os complementos selecionados pelo verbo, tanto na língua comum, quanto na linguagem da religião.

### 23. Enterrar

Análise de *enterrar* na língua comum:

(NDA) 1. Pôr debaixo da terra; soterrar:

(DUP) 1. Colocar embaixo da terra. **Ação-processo.**

[Complemento: nome concreto não-animado]

Exemplo de uso do verbo *enterrar* na língua comum:

a) Importante: não enterrar as plantas, mantenha a base das folhas acima do solo.

i) Matriz valencial de *enterrar* na língua comum:

Enterrar V<sub>2</sub>: seleciona dois argumentos  
Ação-processo (Ag/Ca [+/-hum] [+/-anim] + C [+/-hum] [-anim] = Colocar embaixo da  
terra

Análise de *enterrar* na linguagem basquetebol:

**(NDA) 16. Bras. Basq.** Fazer passar a bola com a(s) mão(s), com força, pelo aro da cesta, de cima para baixo.

Exemplos de uso do verbo *enterrar* em textos especializados encontrados no *Google*:

- b) Candace Parker se tornou a segunda mulher que conseguiu enterrar na WNBA.
- c) Jordan somente aparecia porque era um dos jogadores mais explosivos da NBA. Ele era capaz de voar e, em todas as bolas que tinha oportunidade, ele ia lá e enterrava.
- d) Por que não a tenta, já que autorizada pela técnica Donovan, ela mesma, que do alto de seus 2 metros jamais teve potência para enterrar?
- e) O caso de Isis é diferente. Filha do ex-jogador de basquete Jorge, ela já enterra. “A primeira vez foi com 20 anos, em um rachaço masculino de veteranos. Fiquei encantada, é uma emoção única. Como se você estivesse voando”.
- f) Calma, calma amigos... Este vídeo mostra um grupo de jovens, não sei dizer se atletas mesmo ou não, mas que faz "acrobacias" ao enterrar as bolas de basquete na cesta. Será que são feras?

ii) Matriz valencial de *enterrar* na linguagem do basquetebol:

Enterrar V<sub>2</sub>: seleciona dois argumentos  
Ação (Ag [+hum] [+anim] + C [-hum] [-anim]) =  
Passar a bola pelo aro da cesta de basquete com as mãos

No contexto da área de especialidade, *enterrar* é o mesmo que *passar a bola pelo aro da cesta de basquete com as mãos*, um verbo de ação, de valência 2. Expressa uma atividade realizada por um sujeito agente. Sobre a valência semântica, o sujeito é N [+hum] e [+anim], especificamente, um jogador de basquete. O complemento é N [-hum] e [-anim], especificamente, a bola, e pode ser subentendido, como mostram os fragmentos: a) “se tornou a segunda mulher que conseguiu enterrar”; c) “que do alto de seus 2 metros jamais teve potência para enterrar”; d) “ela já enterra”.

A análise de *enterrar* na língua comum e na linguagem do basquetebol permite concluir que o verbo mudou de classe, de ação-processo para ação, além de ter se especializado quanto à seleção do complemento que, na linguagem do basquetebol recebe os traços [-hum] e [-anim].

## 24. Escantilhar

Análise de *escantilhar* na língua comum:

(NDA) Não registra o verbo *escantilhar* sem marca de área de especialidade.

(DUP) Não registra o verbo *escantilhar*, além de não poder ser estabelecida a comparação com o NDA.

Análise de *escantilhar* na linguagem da carpintaria:

(NDA) **1. Bras. Carp.** Cortar (uma peça) de jeito que os ângulos não sejam retos.

Exemplos de uso do verbo *escantilhar* em textos especializados encontrados no *Google*:

a) Sabendo os ofícios a que se tem aplicado, como são de pedreiro, de carpinteiro, de ferreiro, e principalmente de canteiro, que a maior parte deles estão muito capazes de escantilhar qualquer obra de pedra.

ii) Matriz valencial de *escantilhar* na linguagem da carpintaria:

Escantilhar V<sub>2</sub>: seleciona dois argumentos  
Ação-Processo (Ag [+hum] [+anim] + C [-hum] [-anim]) = Cortar uma peça

A análise de *escantilhar* permite concluir que é um verbo estritamente terminológico, o mesmo que *cortar uma peça*, um verbo de ação-processo, de valência 2, que expressa uma ação realizada por um sujeito agente. O complemento atingido por *escantilhar*, um nome concreto, é afetado pelo verbo. Sobre a valência semântica, o sujeito agente desse processo, como podemos depreender do único fragmento encontrado para a ocorrência desse verbo, é N [+hum] e [+anim]. O complemento, de acordo com a definição do NDA (2004) e com o fragmento a), é N [-hum] e [-anim], “uma peça”.

## 25. Impronunciar

Análise de *impronunciar* na língua comum:

(NDA) Não registra o verbo *impronunciar* sem marca de área de especialidade.

(DUP) Não registra o verbo *impronunciar*, além de não poder ser estabelecida a comparação com o NDA.

Análise de *impronunciar* na linguagem jurídica:

(NDA) **1. Bras. Jur.** Julgar improcedente a denúncia ou queixa contra (o acusado), evitando seja ele submetido ao julgamento do Tribunal do Júri: "*O juiz de direito Martins Torres aceitou a versão da defesa, impronunciando Lima e Silva.*" (R. Magalhães Júnior, Artur Azevedo e Sua Época, p. 43.)

Exemplos de uso do verbo em textos especializados:

- a) Não pode o(a) Juiz (a) pronunciar o acusado pelo crime doloso contra a vida e impronunciar ou absolver do crime conexo.

- b) Não se convencendo da materialidade do fato ou da existência de indícios suficientes de autoria ou de participação, o juiz, fundamentadamente, impronunciará o acusado.
- c) Com efeito, se o juiz considerar que não há indícios suficientes para comprovar a autoria do crime, poderá impronunciar o réu (CPP, art. 409), desclassificar o crime (CPP, art. 408, § 4º) ou dar pela absolvição sumária (CPP, art. 411).
- d) Assim, se há possibilidade de o juiz-presidente afastar (= impronunciar ou absolver sumariamente) o julgamento nas hipóteses em que a competência dos jurados é estabelecida constitucionalmente.
- e) Ao final, conclui por requerer seja o recurso conhecido e provido para impronunciá-lo ou, alternativamente, rejeitar as qualificadoras da denúncia.

ii) Matriz valencial de *impronunciar* na língua comum:

Impronunciar V<sub>2</sub>: seleciona dois argumentos  
 Ação-processo (Ag [+hum] [+anim] + B [+/-hum] [+/-anim]) =  
 Julgar improcedente denúncia ou queixa contra acusado

A análise de *impronunciar* permite concluir que é um verbo estritamente terminológico, o mesmo que *julgar improcedente denúncia ou queixa contra acusado*, um verbo de ação-processo, de valência 2, que expressa uma ação realizada por um sujeito agente. O complemento atingido por *impronunciar*, um nome, é beneficiário do verbo. Sobre a valência semântica, o sujeito agente é N [+hum] e [+anim], especificamente, um juiz. O complemento é N [+/-hum] e [+/-anim], como mostram os fragmentos b) “impronunciará o acusado”; c) “impronunciar o réu”; e) “o recurso conhecido e provido para impronunciá-lo”.

## 26. Inflacionar

Análise de *inflacionar* na língua comum:

(NDA) Não registra o verbo inflacionar sem marca de área de especialidade.

(DUP) Registra o verbo inflacionar, mas não pode ser estabelecida a comparação com o NDA

Análise de *inflacionar* na linguagem da economia:

(NDA, 2004) **Bras. Econ. 1.** Produzir inflação (4): *inflacionar a economia de um país; inflacionar o meio circulante* (i. e., aumentá-lo, fazendo subir a demanda e os preços). 2. Provocar a desvalorização de (moeda) por efeito de sua emissão em excesso. 3. Tornar a oferta de mão-de-obra maior que a procura em: *inflacionar o mercado de trabalho*.

De acordo com a remissiva indicada pelo NDA, temos:

**inflação 4. Econ.** Aumento geral de preços (em geral acompanhado por um aumento na quantidade de meios de pagamento), com conseqüente perda do poder aquisitivo do dinheiro.

Exemplos de uso do verbo *inflacionar* em textos especializados encontrados no *Google*:

- a) Há dois argumentos que podem ser utilizados em defesa do uso do IGP em detrimento do IPCA para inflacionar o PIB.
- b) Disputa tributária pode inflacionar insumos.
- c) O subsídio de até R\$ 15 bilhões que pode ser dado pelo governo com recursos do FGTS (Fundo de Garantia do Tempo de Serviço) para a compra de imóveis por famílias de baixa renda pode inflacionar os preços das casas populares.
- d) Chávez ameaça inflacionar petróleo caso EUA ataquem.
- e) Um cara que inflaciona o mercado dessa forma deveria ser espostejado em público.

ii) Matriz valencial de *inflacionar* na linguagem da economia:

<p>Inflacionar V<sub>2</sub>: seleciona dois argumentos Ação-processo (Ag/Ca [+/- hum] [+/-anim] + C [-hum] [-anim]) = Provocar inflação em</p>
---

A análise de *inflacionar* permite concluir que é um verbo estritamente terminológico, criado com base em um nome da mesma área de especialidade, *inflação*, termo da economia. *Inflacionar* é o mesmo que *provocar inflação*, um verbo de ação-processo, de valência 2, que expressa um ação realizada por um sujeito agente, ou uma causação provocada por um sujeito causador. A ação processo afeta um complemento que muda de condição. Sobre a valência semântica, o sujeito é N [+/-hum] e [+/-anim], como mostram os fragmentos: b) “Disputa tributária (pode inflacionar)”;

e) “Um cara (que inflaciona)”. O verb de ação-processo afeta um complemento N [-hum] e [-anim], como mostram os fragmentos: c) “os preços das casas populares”; d) “petróleo”; e) “o mercado”.

## 27. Instrumentar

Análise de *instrumentar* na língua comum:

(NDA) 1. Escrever para cada instrumento (a parte da peça musical que lhe pertence, numa execução em conjunto).

(DUP) Não registra o verbo instrumentar, que foi classificado, por nós, como verbo de ação.

Exemplo de uso do verbo *instrumentar* na língua comum:

a) É notável na sua música uma influência dos anos 70, apesar de você instrumentar o samba com outras linguagens.

i) Matriz valencial de *instrumentar* na língua comum:

<p>Instrumentar V<sub>2</sub>: seleciona dois argumentos          Ação (Ag [+hum] [+anim] + Ob [-hum] [-anim]) =          Escrever parte da peça musical para instrumentos</p>
--

Análise de *instrumentar* na linguagem da cirurgia:

(NDA) 2. Bras. Cir. Fornecer a (o cirurgião e auxiliares) o material diretamente us. em ato operatório. 3. Bras. Cir. Fornecer ao cirurgião e auxiliares o material diretamente utilizado no ato operatório.

Exemplos de uso do verbo *instrumentar* em textos especializados encontrados no Google:

- b) A entrevista será aberta, contendo a seguinte questão norteadora: conte-me, como foi para você instrumentar uma cirurgia pela primeira vez?
- c) Instrumentar cirurgia durante 12 horas, não conseguir ver nada, e só ser notado presente quando se passa uma pinça errada é mesmo, no mínimo, humilhante.
- d) Descrição: instrumentar cirurgia para equipe de gastro cirurgião.
- e) Sendo as atividades de circular e instrumentar cirurgias, pertencentes aos profissionais da área de Enfermagem, mais especificamente ao Auxiliar de Enfermagem, e sendo este, legalmente subordinado ao profissional Enfermeiro.
- f) Circular salas e instrumentar cirurgia, responsabilizar-se pelo instrumental cirúrgico incluindo conferência.

ii) Matriz valencial de *instrumentar* na linguagem da cirurgia:

Instrumentar V<sub>2</sub>: seleciona dois argumentos  
Ação (Ag [+hum] [+anim] + C [-hum] [-anim]) = fornecer instrumentos cirúrgicos

No contexto da área de especialidade, *instrumentar* é o mesmo que *fornecer instrumentos cirúrgicos*, um verbo de ação, de valência 2, que expressa uma atividade realizada por um sujeito agente. Sobre a valência semântica, o sujeito agente é N [+hum] e [+anim]. O complemento do verbo é N [-hum] e [-anim], como mostram os fragmentos: a), b), c), d) e e): “instrumentar cirurgia”.

A análise de *instrumentar* na língua comum e na linguagem da cirurgia permite concluir que o verbo manteve-se na mesma classe, além de ter mantido, na linguagem da



cirurgia, a mesma seleção de traços do sujeito, [+hum] e [+anim], e do complemento, [-hum] e [-anim].

## 28. Investir

Análise de *investir* na língua comum:

(NDA) 1. Atacar, acometer:

(DUP) 1. 3. Fazer investida, atacar. **Ação.**

[+/- complemento para/contra/sobre + nome]

Exemplo de uso do verbo *investir* na língua comum:

a) Polícia investe contra estudantes que pregavam resistência à vacinação.

i) Matriz valencial de *investir* na língua comum:

<p>Investir V<sub>2</sub>: seleciona dois argumentos Ação (Ag [+/-hum] [+/-anim] +/- contra + C [+/-hum] [+/-anim]) = Atacar</p>
--

Análise de *investir* na linguagem da marinha de guerra:

(NDA) 9. **Bras. Mar.** Dirigir-se (a embarcação) para uma barra, porto, canal, etc., depois de avistá-los.

Exemplos de uso do verbo *investir* em textos especializados encontrados no *Google*:

b) Tratava-se do destróier francês Mousquet que embora inferiorizado, investiu contra o cruzador, que o pôs a pique após breve combate.

c) No segundo semestre de 1942, fez parte da frota que investiu contra a esquadra americana na Batalha das Ilhas Salomão

- d) France II foi o maior veleiro construído. Durante uma de suas viagens investiu contra um recife e naufragou em julho de 1922, em frente a Nova Caledônia.
- e) Nomeado para o Conselho de Guerra de seu país, organizou pouco depois uma esquadra para investir contra os holandeses que estavam bloqueando o litoral brasileiro.
- f) Uma visita ao escritório do Arquivo Público na Chancery Lane deu uma grande alegria, pois o livro de bordo do capitão do "Skylark" tinha sido preservado (Ref. Ad. 51/3422). E ali estava toda a história do ocorrido. Senão vejamos: 26 de Fevereiro a 1º de Março - "Arribando, equilibrando e mudando o curso" (incapaz de investir contra as ondas).ç

ii) Matriz valencial de *investir* na linguagem da marinha de guerra:

<p>Investir V<sub>2</sub>: seleciona dois argumentos</p> <p>Ação (Ag [+/-hum] [+/-anim] +/- contra + C [+/-hum] [+/-anim]) = Dirigir-se a</p>
---

No contexto da área de especialidade, *investir* é o mesmo que *dirigir-se a*, um verbo de ação, de valência 2, que expressa uma ação realizada por um sujeito agente. Sobre a valência semântica, o sujeito agente é N [+/-hum] e [+/-anim], especificamente, um navio ou uma embarcação. Segundo os fragmentos, recebe o complemento (*contra*) + N [+/-hum] e [+/-anim]: d) “(investir contra) os holandeses”; e) “(investir contra) as ondas”.

A análise de *investir* na língua comum e na linguagem da marinha de guerra permite concluir que o verbo manteve-se na mesma classe, além de ter mantido a mesma seleção de traços do sujeito agente [+/-hum] [+/-anim] e do seu complemento [+/-hum] [+/-anim].

## 29. Lenhar

Análise de *lenhar* na língua comum:

**(NDA) 1.** Cortar lenha para queimar.

**(DUP) 1.** Cortar lenha. **Ação.**

Exemplo de uso do verbo *lenhar* na língua comum:

a) O homem de caieira vai para o mato lenhar.

i) Matriz valencial de *lenhar* na língua comum:

<p>Lenhar V<sub>1</sub>: seleciona um argumento Ação (Ag [+hum] [+anim]) = Cortar lenha</p>
---

Análise de *lenhar* na linguagem do automobilismo:

(NDA) 3. Bras. Autom. Fazer lenha (1).

De acordo com a remissiva indicada pelo NDA, temos:

**lenha 1.** Porção de ramos, achas ou fragmentos de troncos de árvores reservados para servirem de combustível.

Exemplos de uso do verbo *lenhar* em textos especializados encontrados no *Google*:

- b) Quando meu irmão deu pt no meu carro demoraram 15 dias pra falar q era pt... isso porque lenhou motor, câmbio e a suspensão.
- c) Epa epa..! Eu boto pra lenhar pilotando dentro do shopping...qual foi..!
- d) Certamente não deu PT, mas avaliar estrago só com o laudo da batida. Se lenhou o motor, AMG 6.0L V12, não vai ser pouca a grana que vai sair do bolso dela.
- e) Bom o cara pegou a moto e saiu dar umas voltas, num certo cruzamento daqui foi ao chão, disseram que ele estava "lenhando" a moto.
- f) Não se aproveitou nada, ficou só um monte de alumínio retorcido, a tampa do motor do mesmo lado, tanque, aletas, guidon, rabeta, enfim, lenhou toda a moto que era 0km.

ii) Matriz valencial de *lenhar* na linguagem do automobilismo:

Lenhar V<sub>2</sub>: seleciona dois argumentos  
Ação-processo (Ag [+hum] [+anim] + C [-hum] [-anim]) =  
Inutilizar um automóvel ou parte dele

No contexto da área de especialidade, encontramos para *lenhar* acepções distintas no NDA (2004) e no contexto de uso. Para o NDA, *lenhar* é “fazer lenha” e, ao analisar a definição do NDA, termos:

Def (Lenhar) = {[ Fazer ( lenha)]} →

Def (Lenhar) = {[Fazer (porção de ramos, achas ou fragmentos de troncos de árvores reservados para servirem de combustível)]}.

A difícil determinar o significado de *lenhar* com base nessa definição, apenas o relacionar a “combustível”. Essa noção pode ser associada ao fragmento b): “ Eu boto pra lenhar pilotando”, e d) “disseram que ele estava “lenhando” a moto”; e conseqüentemente, à idéia de consumo de combustível e velocidade. Entretanto, os outros fragmentos expressam uma acepção distinta: *inutilizar um automóvel ou parte dele*, em a) “era perda total... isso porque lenhou motor, câmbio, suspensão”; c) “se lenhou o motor”; e) “lenhou toda a moto”.

Optamos por considerar, para *lenhar*, a acepção de *inutilizar um automóvel ou parte dele*, um verbo de ação-processo, de valência 2, que expressa uma ação realizada por sujeito agente. O complemento do verbo é afetado pela ação-processo. Sobre a valência semântica, o sujeito é N [+hum] e [+anim], e o complemento afetado é N [-hum] e [-anim], especificamente, um automóvel, ou parte dele.

A análise de *lenhar* na língua comum e na linguagem do automobilismo permite concluir que o verbo mudou de classe, de ação para ação-processo.

### 30. Manuténir

Análise de *manuténir* na língua comum:

(NDA) 1. Manter, conservar.

(DUP) Não registra o verbo *manutenir*, que foi classificado, por nós, como verbo de ação-processo.

Exemplo de uso do verbo *manutenir* na língua comum:

a) É preciso analisar o custo unitário e a capacidade de manutenir um veículo sofisticado em nossas unidades.

i) Matriz valencial de *manutenir* na língua comum:

<p>Manutenir V<sub>2</sub>: seleciona dois argumentos Ação-processo (Ag [+/-hum] [+/-anim] + C [+/-hum] [+/-anim]) = Conservar</p>
--

Análise de *manutenir* na linguagem jurídica:

(NDA) 1. Bras. Jur. Conceder mandado de manutenção a.

Exemplos de uso do verbo *manutenir* em textos especializados encontrados no *Google*:

- b) Ainda que demonstrada materialidade delitiva e suficientes indícios de autoria, é inquestionavelmente coerente o manutenir da liberdade.
- c) É de se salientar, ainda, a indiscutível e plena desnecessidade do manutenir da medida ergastulatória, por inevidenciadas circunstâncias suficientes a se lhe recomendar, mesmo que presentes alguns dos seus pressupostos, quais sejam, prova da materialidade e bastantes indícios de autoria.
- d) Há colegiados recursais, após análise do recurso interposto, pelo relator são postos a julgamento processos, exercendo plenamente os poderes da devolução irrestrita outorgados por lei para reexame e conhecimento geral da matéria,

promovendo decisões meritorias e capazes, sejam elas para retificar, modificar ou manutenir as sentenças objurgadas.

ii) Matriz valencial de *manutenir* na linguagem jurídica:

Manutenir V<sub>2</sub>: seleciona dois argumentos  
Ação (Ag [+hum] [+anim] + C [-hum] [-anim] = Conceder mandado de manutenção a

No contexto da área de especialidade, *manutenir* é o mesmo que *conceder mandado de manutenção a*, um verbo de ação, de valência 2, que expressa uma atividade realizada por um sujeito agente. Sobre a valência semântica, o sujeito é N [+hum] e [+anim], especificamente, um juiz. O complemento do verbo é N [-hum] e [-anim], um “mandado”, de acordo com o NDA (2004), e “as sentenças”, de acordo com o fragmento c).

A análise de *manutenir* na língua comum e na linguagem jurídica permite concluir que o verbo mudou de classe, de ação-processo para ação.

### 31. Matar

Análise de *matar* na língua comum:

(NDA) 1. Tirar violentamente a vida a; assassinar:

(DUP) 1. Privar da vida; assassinar. **Ação-processo.**

[Complemento: nome concreto]

Exemplo de uso do verbo *matar* na língua comum:

a) Borra de café pode matar mosquito transmissor da dengue.

i) Matriz valencial de *matar* na língua comum:

Matar V<sub>2</sub>: seleciona dois argumentos  
Ação-processo (Ag/Ca [+/-hum] [+/-anim] + C [+/-hum] [+anim]) = Tirar a vida

Análise de *matar* na linguagem do futebol:

**(NDA) 14. Bras. Fut. V.** amortecer (6). **20. Bras. Fut.** Amortecer a bola.

De acordo com a remissiva indicada pelo NDA, temos:

**amortecer 6. Fut.** Reduzir o ímpeto de (a bola); amaciar, matar.

Exemplos de uso do verbo *matar* em textos especializados encontrados no *Google*:

- b) Bustos cobrou falta com precisão. A bola tocou na trave. No rebote, Marcão tentou matar a bola, um zagueiro o empurrou, mas o juiz não marcou o pênalti.
- c) Matar a bola no peito é questão de jeito, como qualquer parte do corpo. Óbvio que, quando se toma uma bolada no peito, a coisa já é diferente.
- d) Corre com o jogador. Se segurado e a bola vier alta o jogador a ira matar no peito, se vier rasteira o jogador a ira deixar passar debaixo das pernas.
- e) Aos 42min40seg, Andrezinho cobrou falta para a área e a bola sobrou para Marcão matar no peito e chutar no corpo de um zagueiro, que salvou o time da casa.
- f) Entendo que ele é fraco taticamente (marca mal e apóia pouco o ataque) e tecnicamente (tem dificuldades para matar a bola, passar corretamente e praticamente não acerta cruzamentos).

ii) Matriz valencial de *matar* na linguagem do futebol:

Matar V<sub>2</sub>: seleciona dois argumentos  
Ação-processo (Ag [+hum] [+anim] + C [-hum] [-anim]) = Amortecer a bola

No contexto da área de especialidade, *matar* é o mesmo que *amortecer a bola*, um verbo de ação-processo, de valência 2, que expressa uma ação realizada por um sujeito agente que afeta um complemento. Sobre a valência semântica, o sujeito agente é N [+hum] [+anim], especificamente, ou um jogador de futebol. O complemento é N [-hum] e [-anim], a bola

A análise de *matar* na língua comum e na linguagem do futebol permite concluir que o verbo manteve-se na mesma classe, entretanto, quanto à seleção de traços do complemento, na linguagem do futebol, ela muda para [-hum] e [-anim].

### 32. Maximizar

Análise de *maximizar* na língua comum:

**(NDA) 1.** Elevar ao máximo.

**(DUP) 1.** Elevar ao máximo; superestimar. **Ação-Processo.**

[Complemento: nome abstrato]

Exemplo de uso do verbo *maximizar* na língua comum:

a) Por que as empresas não deviam sempre maximizar os lucros?

i) Matriz valencial de *maximizar* na língua comum:

Maximizar V<sub>2</sub>: seleciona dois argumentos  
Ação-processo (Ag/Ca [+/-hum] [+/-anim] + C [-hum] [-anim]) = Elevar ao máximo



Análise de *maximizar* na linguagem da matemática:

(NDA) 4. Mat. Fazer (uma função) assumir um valor máximo.

Exemplos de uso do verbo *maximizar* em textos especializados encontrados no *Google*:

- b) O problema (2) é um 'problema de otimização': pretende-se maximizar (ou minimizar) uma função de várias variáveis (os  $p_j$ 's) que devem satisfazer um conjunto de restrições.
- c) maximizar  $\min_{i=1,2,\dots,m} ( \sum_{j=1}^n a_{ij} p_j )$  sujeito a  $\sum_{j=1}^n p_j = 1, p_j \geq 0$  ( $j = 1, 2, \dots, n$ ).
- d) Função objetivo: Medida de efetividade como uma função matemática das variáveis de decisão. Maximiza ou minimiza uma medida de performance.
- e) Maximizar a função  $Z$  definida como os anos de vida totais ajustados para a qualidade devido às intervenções (...).
- f) Pretendemos maximizar a função  $L = 3x + 2y$  (função objectivo).

ii) Matriz valencial de *maximizar* na linguagem da matemática:

<p>Maximizar <math>V_2</math>: seleciona dois argumentos</p> <p>Ação-processo (Ag [+/-hum] [+/-anim] + C [-hum] [-anim]) =</p> <p>Elevar uma função ao máximo</p>
---

No contexto da área de especialidade, *maximizar* é o mesmo que *elevar uma função ao máximo*, um verbo de ação-processo, de valência 2, que expressa uma ação realizada por um sujeito agente. Sobre a valência semântica, o sujeito é N [+/-hum] e [+/-anim], como mostram os fragmentos c) “função objetivo (...). (Maximiza ou minimiza)”: e) “Pretendemos (maximizar a função)”. O complemento é N [-hum] e [-anim], especificamente, uma função matemática.

A análise de *maximizar* na língua comum e na linguagem da matemática permite concluir que o verbo manteve-se na mesma classe, além de ter mantido a mesma seleção de traços do sujeito [+/-hum] e [+/-anim], e do complemento [+/-hum] e [+/-anim].

### 33. Morrer

Análise de *morrer* na língua comum:

(NDA) 1. Perder a vida; exalar o último suspiro; falecer, finar-se, expirar, fazer ablativo de viagem, perecer.

(DUP) 1. Cessar de viver; expirar; finar-se. **Processo.**

[Complemento: nome concreto]

Exemplo de uso do verbo *morrer* na língua comum:

a) Sam, o cão norte-americano vencedor três vezes consecutivas do concurso online de cachorro mais feio do mundo, morreu ontem por insuficiência renal.

i) Matriz valencial de *morrer* na língua comum:

Morrer V <sub>1</sub> : seleciona um argumento Processo (Ex [+/-hum] [+anim]) = Cessar de viver
--

Análise de *morrer* na linguagem do automobilismo:

(NDA) 10. **Bras. Autom.** Parar de funcionar: *De repente o automóvel morreu.*

Exemplos de uso do verbo *morrer* em textos especializados encontrados no *Google*:

b) Não é comum o carro morrer na primeira marcha. Pode estar desregulado, a lenta ou mesmo a carburação.

c) O heptacampeão mundial da F-1, porém, vacilou na final contra o novo piloto da McLaren Heikki Kovalainen e deixou seu carro morrer.

- d) Quando o motor começa a engasgar ou morrer em ponto morto, é sinal de que o sistema de injeção eletrônica está com algum problema.
- e) Se não saiu combustível pelo orifício da vela e o motor continuar a morrer, abra a agulha de alta (mostrada no manual) 1/8 de volta.
- f) O piloto tinha que ficar queimando embreagem, acionando e tirando o pé da embreagem, para manter o giro alto e não deixar afogar e morrer o motor.

ii) Matriz valencial de *morrer* na linguagem do automobilismo:

<p>Morrer V<sub>1</sub>: seleciona um argumento          Processo (Ex [-hum] [-anim]) = Parar de funcionar</p>
--

No contexto da área de especialidade, *morrer* é o mesmo que *parar de funcionar*, um verbo de processo, de valência 1, que expressa um evento ou processo no qual o sujeito é um experimentador. Sobre a valência semântica, o sujeito experimentador desse processo é N [-hum] e [-anim], especificamente, um automóvel, ou uma peça de um automóvel (motor).

A análise de *morrer* na língua comum e na linguagem do automobilismo permite concluir que o verbo manteve-se na mesma classe, entretanto, observa-se a mudança na seleção de traços do sujeito experimentador, que, na linguagem do automobilismo é [-hum] e [-anim].

### 34. Passar

Análise de *passar* na língua comum:

**(NDA) 1.** Percorrer de um lado para outro; atravessar, transpor:

**(DUP) 1.** Fazer atravessar. **Ação-processo.**

[Complemento1: nome. +/- complemento2: de lugar]

Exemplo de uso do verbo *passar* na língua comum:

- a) Vê-lo passar na rua todo de preto e ouvir as histórias sobre seus dentes, que limou para deixá-los como caninos, é de assustar e gera uma imagem completamente distorcida do artista plástico

i) Matriz valencial de *passar* na língua comum:

Passar V<sub>2</sub> ou V<sub>3</sub>: seleciona dois ou três argumentos  
Ação-processo (Ag [+/-hum] [+/-anim] + C [-hum] [-anim] +/- L) = Atravessar

Análise de *passar* na linguagem dos esportes e do futebol:

**(NDA) 24. Bras. Sport.** Lançar (a bola) para um companheiro de equipe. **34. Bras. Fut.**

Passar (24): *O jogador passou a bola para o atacante.* **71. Bras. Fut.** Lançar a bola para um companheiro de equipe: *"Ele tem dois companheiros livres. É só passar. Mas não passa. O brasileiro avança. Um drible."* (Orígenes Lessa, *A Desintegração da Morte*, p. 98.)

Exemplos de uso do verbo *passar* em textos especializados dos esportes e do futebol encontrados no *Google*:

- b) "Só penso em passar a bola", diz Ronaldinho
- c) (Nota – O portador da bola deve estar consciente da opção de passar a bola aos jogadores de apoio que estejam nas proximidades, durante toda a fase de contacto ou de outras opções como: - bater & rodar ou passar durante a placagem.)
- d) No qual os processos clientes (jogadores) "aprendem" a interceptar a bola, a passar a bola ou atividades mais complexas como jogadas planejadas entre vários jogadores, ou seja uma "jogada ensaiada".
- e) Aliás, se um jogador estiver driblando, parar e segurar a bola, ele não poderá voltar a bater bola, tendo como opções passar a bola para um companheiro ou arremessar para a cesta.

- f) Segundo o atleta, para não arriscar, o melhor é usar a parte inferior do pé para passar a bola.

ii) Matriz valencial de *passar* na linguagem dos esportes e do futebol:

Passar V<sub>2</sub> ou V<sub>3</sub>: seleciona dois ou três argumentos  
Ação-processo (Ag [+hum] [+anim] + C [-hum] [-anim] + (para) C<sub>2</sub> [+hum] [+anim]) =  
Lançar a bola

No contexto da área de especialidade, *passar* é o mesmo que *lançar a bola*, um verbo de ação-processo, que se realiza com valência 2 ou 3, e expressa uma atividade realizada por um sujeito agente. A ação afeta o complemento, que muda de posição. Sobre a valência semântica, o sujeito da ação é N [+hum] e [+anim], especificamente, um jogador (atleta). O complemento é N [-hum] e [-anim], a bola.

A análise de *passar* na língua comum e na linguagem dos esportes e do futebol permite concluir que o verbo manteve-se na mesma classe, de ação-processo, entretanto, quanto à seleção de traços do sujeito agente, para as linguagens de especialidade, ele recebe os traços [+hum] e [+anim]. E quanto à seleção de traços do segundo complemento, para as linguagens de especialidade, ele também recebe os traços [+hum] e [+anim].

### 35. Pegar

Análise de *pegar* na língua comum:

**(NDA) 1.** Agarrar, prender, segurar.

**(DUP) 1.** Tomar nas mãos; segurar; agarrar. **Ação.**

[Complemento1: (de/em) + nome concreto]

Exemplo de uso do verbo *pegar* na língua comum:

- a) Daí foi pegar lápis e papel e começar a rabiscar, esboçando letras e personagens com traços distorcidos.

i) Matriz valencial de *pegar* na língua comum:

Pegar V<sub>2</sub>: seleciona dois argumentos  
Ação (Ag [+/-hum] [+anim] + C [+/-hum] [+/-anim]) = Segurar

Análise de *pegar* na linguagem da marinha de guerra:

(NDA) 45. Bras. Mar. G. Sair mal (um empreendimento): *O exercício pegou, já que a munição foi insuficiente.*

Não foram encontrados exemplos do verbo *pegar* em textos especializados no Google.

ii) Matriz valencial proposta para *pegar* na linguagem da marinha de guerra:

Pegar V<sub>1</sub>: seleciona um argumento  
Processo (Ex [-hum] [-anim]) = Sair mal (um empreendimento)

No contexto da área de especialidade, *pegar* é o mesmo que *sair mal* (*um empreendimento*), um verbo de processo, de valência 1, que expressa um evento ou processo no qual o sujeito é um experimentador. Sobre a valência semântica, o sujeito experimentador desse processo é [-hum], [-anim], segundo o NDA (2004), “um exercício”, “um empreendimento”.

A análise de *pegar* na língua comum e na linguagem da marinha de guerra permite concluir que o verbo mudou de classe, de ação para processo, além de ter sofrido mudanças quanto à seleção de traços do sujeito que, na linguagem da marinha de guerra, é experimentador e recebe os traços [-hum] e [-anim].

### 36. Podar

Análise de *podar* na língua comum:

(NDA) 1. Cortar ramos de (plantas); desbastar:

(DUP) 1. Cortar os ramos de; desbastar. **Ação-processo.**

[+/- Complemento1: nome concreto não-animado]

Exemplo de uso do verbo *podar* na língua comum:

a) Em árvores de grande porte, vez ou outra é preciso podar galhos que estejam secos, doentes, danificados ou em desequilíbrio na copa.

i) Matriz valencial de *podar* na língua comum:

Podar V<sub>2</sub>: seleciona dois argumentos  
Ação-processo (Ag [+/-hum] [+/-anim] + C [-hum] [-anim]) = Cortar ramos de plantas

Análise de *podar* na linguagem do automobilismo:

(NDA) 6. Bras. SP Autom. Gír. Ultrapassar (um carro, a outro), tomando-lhe a frente num golpe de direção; cortar: *O ônibus podou o fusca.*

Exemplos de uso do verbo *podar* em textos especializados encontrados no *Google*:

b) Os carros começaram a me podar lentamente à minha direita, e os que estavam atrás de mim continuavam pacientes.

c) Cara, tenho certeza que conseguiria fazer um, mas acho muito besta isso, adrenalina pra mim é sair podando todo mundo na hora do rush, tirar uns finos, baixar uma terceira a 120Km/h e ver o bicho soltando os pistões pra fora.

d) Quanto aos motoqueiros, instruir a estacionar nas áreas reservadas, não podar os carros pela direita, entre muitas e muitas outras.

- e) Enrosco o punho direito e mesmo com os adereços, meus bauletos, vou podando todos os carros.
- f) Os piores são dos da Fiorino (nada contra o simpaticão ) mas os caras estão sempre pisando fundo e podando no trânsito.

ii) Matriz valencial de *podar* na linguagem do automobilismo:

<p>Podar V<sub>2</sub>: seleciona dois argumentos</p> <p>Ação-processo (Ag [+/-hum] [+/-anim] + C [+/-hum] [+/-anim]) =</p> <p>Ultrapassar um carro e tomar-lhe a frente</p>
--

No contexto da área de especialidade, *podar* é o mesmo que *ultrapassar um carro tomando-lhe a frente*, um verbo de ação-processo, de valência 2, que expressa uma atividade realizada por um sujeito agente. O complemento dessa ação é afetado, e apresenta uma mudança de posição. Sobre a valência semântica, o sujeito é N [+/-hum] e [+/-anim], como mostram os fragmentos: a) “Os carros (começaram a me podar)”, d) “vou (podando todos os carros)”. O complemento também é N [+/-hum] e [+/-anim].

A análise de *podar* na língua comum e na linguagem do automobilismo permite concluir que o verbo manteve-se na mesma classe, de ação-processo, entretanto, quanto à seleção de traços do complemento, para a linguagem do automobilismo, ele se realiza com a seleção dos traços [+/-hum] e [+/-anim].

### 37. Pontear

Análise de *pontear* na língua comum:

(NDA) 1. Marcar com pontos; pontilhar.

(DUP) 1. Marcar; assinalar. **Ação-processo.**

[Complemento 1: nome não-animado]

Exemplo de uso do verbo *pontear* na língua comum:

- a) Pontear um mapa, um desenho.



i) Matriz valencial de *pontear* na língua comum:

Pontear V<sub>2</sub>: seleciona dois argumentos  
Ação-processo (Ag/Ca [+/-hum] [+/-anim] + C [-hum] [-anim] = Marcar com pontos

Análise de *pontear* na linguagem do turfe:

**(NDA) 1. Bras. Turfe** Disputar (corrida, competição, etc.), mantendo-se no primeiro lugar: "*Ilo ponteou a carreira, mas terminou no último posto.*" (*Correio da Manhã*, Rio, 1.2.1969.)

Exemplos de uso do verbo *pontear* em textos especializados encontrados no *Google*:

- b) Em forte arremetida na reta final, Xystar, sob a condução de J. Leme, venceu o Clássico Luiz Gurgel do Amaral Valente (L), disputado em 1.300 metros, areia, sábado, dia 4, no Hipódromo da Gávea. Estampa Surena ponteou a carreira, seguida de perto por Rest Assured.
- c) Nayara Gold e a parrelha do Phillipson (Balé Slew e Army Sweet) pintam como os nomes mais fortes. Mas Vicky di Job (ponteou o Diana) pode endurecer. Páreo que vai depender do estado da raia.
- d) E Marc, castrado ou não, só ponteou a prova até a curva da Vila Hípica.
- e) Dada a largada para os 2.400, ele só ponteou Paraíso Verde, que largou na ponta e manteve-se assim mais da metade da prova.
- f) Também o campo mais reduzido do Preakness – que deverá ter, no máximo, 12 participantes – em relação aos 20 que correram em Churchill Downs, é outro fator que Larry Jones leva em conta. Hard Spun ponteou a prova desde a largada até os 200 metros finais, enquanto Street Sense aproveitou-se do mexido train de corrida para atropelar e conseguir vencer por dois corpos e meio.

ii) Matriz valencial de *pontear* na linguagem do turfe:

<p>Pontear V<sub>2</sub>: seleciona dois argumentos Ação (Ag [+/-hum] [+anim] + C [-hum] [+/-anim]) = Manter-se em primeiro lugar em uma disputa</p>
--

No contexto da área de especialidade, *pontear* é o mesmo que *manter-se em primeiro lugar em uma disputa*, um verbo de ação, de valência 2, que expressa uma atividade realizada por um sujeito agente. Sobre a valência semântica, o sujeito é N [+/-hum] e [+anim], especificamente, um hipista. O complemento do verbo é N [-hum] e [+/-anim], como mostram os fragmentos a) “(pontear) a carreira”; b) “(pontear) o Diana”; c) “(pontear) a prova”.

A análise de *pontear* na língua comum e na linguagem do turfe permite concluir que o verbo mudou de classe, de ação-processo para ação, além de ter sofrido mudança na seleção de traços do complemento que, na linguagem do turfe pode receber o traço de [+/-anim].

### 38. Possessar

Análise de *possessar* na língua comum:

(NDA) Não registra o verbo *possessar* sem marca de área de especialidade.

(DUP) Não registra o verbo *possessar*, além de não poder ser estabelecida a comparação com o NDA.

Análise de *possessar* na linguagem jurídica:

(NDA) **1. Bras. Jur.** Tomar posse de, ocupar (terra devoluta): *Os camponeses possuíam extensas regiões.*

Exemplos de uso do verbo *possessar* em textos especializados encontrados no Google:

- a) Sabemos que o Tenente mineiro Manoel Joaquim Lopes, comandou uma expedição, ( um comboio ), saído de Alfenas, Minas Gerais, com o objetivo de possessar terras no território paulista.
- b) Seguindo em frente, o comboio finalmente decidiu possessar as áreas jauenses, com solo de terra roxa.
- c) Em 1761 o padre Marcos Freire de Carvalho tomara posse do Desemboque por ordem do bispo de S. Paulo, D. Frei da Madre de Deus Gaurão e foi possessar também o rio São João, a quem os bandeirantes das Gerais puseram o nome de Jacuí.
- d) Tão radicais são essas diferenças que, até os anos 1960, para o pequeno lavrador, não havia muita diferença entre fixar-se na terra, possessar ou agregar-se.
- e) Foi a Bahia, para possessar, depois ficou por lá, porque deu conta de segurar sua posse no Chumbo.

Matriz valencial de *possessar* na linguagem jurídica:

<p>Possear V<sub>2</sub>: seleciona dois argumentos</p> <p>Ação-processo (Ag [+/-hum] [+/-anim] + C [-hum] [-anim]) = Tomar posse</p>
---

A análise do verbo *possessar* na linguagem jurídica permite concluir que é um verbo estritamente terminológico, o mesmo que *tomar posse*, um verbo de ação-processo, de valência 2, que expressa uma ação realizada por um sujeito agente. A ação afeta um complemento, que muda de condição. Sobre a valência semântica, o sujeito agente é N [+/-hum] e [+/-anim]. O complemento é N [-hum] e [-anim], como mostram os fragmentos: a) “(possessar) terras”; “(possessar) as áreas”, “(possessar) o rio São João”.

### 39. Pular

Análise de *pular* na língua comum:

(NDA) 1. Elevar-se do chão imprimindo ao corpo um impulso mais ou menos rápido; saltar.

(DUP) 1. Elevar-se, imprimindo ao corpo um impulso mais ou menos rápido; saltar; saltitar. **Ação.**

Exemplo de uso do verbo *pular* na língua comum:

a) Um sapo pula dois metros.

i) Matriz valencial de *pular* na língua comum:

<p>Pular V<sub>1</sub>: seleciona um argumento Ação (Ag [+/-hum] [+anim]) = Elevar-se do chão</p>
---

Análise de *pular* na linguagem da capoeira:

(NDA) 6. Bras. Cap. Obsol. Jogar capoeira.

Exemplos de uso do verbo *pular* em textos especializados encontrados no *Google*:

b) É ficar tocando Berimbau e pulando capoeira não.

c) O macaco e a rasteira E o arrastão pra derrubar Galopante e faceiro Vai se preparando para pular Capoeira é ligeira Ela é brasileira Ela é de matar Capoeira é ligeira Ela é brasileira Ela é de matar.

d) Segura seu moço / Deixa o corpo balançar / no toque do berimbau / Capoeira vai ter que rolar / na cadência do atabaque / Quero ver nego pular.

e) To tocando berimbau, angola e regional / Avisa lá meu mano, avisa meu mano lá / Vou jogar a capoeira, quero ver quem vai pular / Avisa lá meu mano, avisa meu mano lá

ii) Matriz valencial de *pular* na linguagem da capoeira:

Pular V<sub>2</sub>: seleciona dois argumentos

Ação (Ag [+hum] [+anim] + C [-hum] [-anim]) = Jogar capoeira

No contexto da área de especialidade, *pular* é o mesmo que *jogar capoeira*, um verbo de ação, de valência 2, que expressa uma atividade realizada por um sujeito agente. Sobre a valência semântica, o sujeito é N [+hum] e [+anim], especificamente, o capoeira. O complemento é N [-hum] e [-anim], como mostram os fragmentos: a) “(pulando) capoeira”; b) “(para pular) capoeira”.

A análise de *pular* na língua comum e na linguagem da capoeira permite concluir que o verbo manteve-se na mesma classe, entretanto, passou a selecionar um complemento na linguagem da capoeira, que apresenta os traços [-hum] e [-anim].

#### 40. Queimar

Análise de *queimar* na língua comum:

(NDA) 1. Consumir pelo fogo; reduzir a cinzas:

(DUP) 1. Provocar queimaduras. **Ação-processo.**

[+/- Complemento1: nome]

Exemplo de uso do verbo *queimar* na língua comum:

a) O fogo, utilizado para queimar a mata e dar lugar aos pastos, leva consigo árvores centenárias e destrói o habitat de centenas de espécies animais.

i) Matriz valencial de *queimar* na língua comum:

Queimar V<sub>2</sub>: seleciona dois argumentos

Ação-processo (Ag/Ca [+/-hum] [+/-anim] + C [+/-hum] [+/-anim]) =

Consumir pelo fogo

Análise de *queimar* na linguagem dos esportes:

**(NDA) 25. Bras. Esport.** Em tênis, tênis de mesa ou voleibol, invalidar-se (o saque) por haver a bola tocado na rede antes de atravessá-la.

Exemplos de uso do verbo *queimar* em textos especializados encontrados no *Google*:

- b) A partida deve ser interrompida quando: o saque "queimar" a rede.
- c) Se no saque ou durante o jogo a bola tocar na rede (queimar) e ultrapassar o campo adversário, a jogada deve dar continuidade.
- d) Nas regras de Tênis de Mesa, pode-se "queimar" quantas vezes "forem necessárias" para se obter um "bom saque".
- e) Let - quando, por alguma circunstância o juiz determina que ponto seja jogado novamente. Ex. saque em que a bola "queima" na rede, mas cai dentro da área permitida
- f) Art. 39º - É obrigatório que os fiscais portem bandeirinhas, nos jogos oficiais, para indicarem suas marcações. O fiscal necessariamente levantará a bandeirinha:
  - a) Quando a bola cair fora da quadra
  - b) Quando o sacador "queimar" a linha de fundo, a linha de saque ou estiver fora destas.

ii) Matriz valencial de *queimar* na linguagem dos esportes:

<p>Queimar V<sub>2</sub>: seleciona dois argumentos</p> <p>Ação-processo (Ag/Ca [+/-hum] [+/-anim] + C [-hum] [-anim]) =</p> <p>Invalidar-se o saque por haver a bola tocado na rede</p>
--

No contexto da área de especialidade, *queimar* é o mesmo que *invalidar-se o saque por haver a bola tocado na rede*, um verbo de ação-processo, de valência 2, que expressa uma atividade realizada por um sujeito agente, ou uma causação realizada por um sujeito

causador. Sobre a valência semântica, o sujeito é N [+/- hum] e [+/- anim], como mostram os fragmentos c) “a bola (queima na rede)” e) “quando o sacador (queimar)”.

A análise de *queimar* na língua comum e na linguagem dos esportes permite concluir que o verbo manteve-se na mesma classe, entretanto, quanto à seleção de traços do complemento, para a linguagem dos esportes, ela se realiza com os traços de [-hum] e [-anim].

#### 41. Rabear

Análise de *rabear* na língua comum:

**(NDA) 1.** Mexer ou bulir com o rabo ou cauda:

**(DUP) 1.** Agitar o rabo. **Ação.**

[+/- Complemento1: nome]

Exemplo de uso do verbo *rabear* na língua comum:

a) A cauda da serpente rabeia.

i) Matriz valencial de *rabear* na língua comum:

<p>Rabear V<sub>2</sub>: seleciona dois argumentos Ação-processo (Ag [+/-hum] [+anim] + C [-hum] [-anim]) = Agitar o rabo</p>
---

Análise de *rabear* na linguagem do automobilismo:

**(NDA) 6. Bras. Autom.** Derrapar (o automóvel) nas rodas traseiras.

Exemplos de uso do verbo *rabear* em textos especializados encontrados no *Google*:

b) Senti as rodas da frente travarem e fui vendo a traseira do carro rabear para o meu lado esquerdo.

- c) O deputado insistiu: “Do capacete você precisa quando tira o pé do acelerador a 50 metros da curva. Eu vou tirar a 100. Assim, o carro não vai rabear”.
- d) Pois, foi o que fiz, mas mesmo assim não é fácil por o carro a rabear, ou melhor, até é, o problema é controlá-lo.
- e) Isso fez o carro começar a rabear tremendamente, porque agora a pressão para baixo (downforce) na traseira era muito menor do que na frente, o que faz o nariz do carro afundar.
- f) O importante mesmo é se acostumar com o traçado das pistas, para que você saiba bem para onde rabear o carro.

ii) Matriz valencial de *rabear* na língua comum:

<p>Rabear V<sub>1</sub>: seleciona um argumento</p> <p>Processo (Ex [-hum] [-anim]) = Derrapar nas rodas traseiras</p>
--

No contexto da área de especialidade, *rabear* é o mesmo que *derrapar nas rodas traseiras*, um verbo de processo, de valência 1, que expressa um evento ou processo no qual o sujeito é um experimentador. Sobre a valência semântica, o sujeito experimentador é N [-hum] e [-anim], especificamente, um automóvel.

A análise de *rabear* na língua comum e na linguagem do automobilismo permite concluir que o verbo mudou de classe, de ação-processo para processo, além de ter sofrido mudanças, na linguagem do automobilismo, quanto à seleção de traços do sujeito experimentador [-hum] e [-anim].

#### 42. Rasgar

Análise de *rasgar* na língua comum:

**(NDA) 1.** Abrir rasgão em, romper, partir (um todo), ficando as partes separadas desse todo, ou presas a ele:

**(DUP) 1.** Romper; dilacerar. **Ação-processo.**

[Complemento: nome concreto]



Exemplo de uso do verbo *rasgar* na língua comum:

a) Superpapel é flexível e tão difícil de rasgar quanto o ferro.

i) Matriz valencial de *rasgar* na língua comum:

<p>Rasgar V<sub>2</sub>: seleciona dois argumentos Ação-processo (Ag/Ca [+/-hum] [+/-anim] + C [-hum] [-anim]) = Romper</p>
---

Análise de *rasgar* na linguagem da música:

**(NDA) 15. Bras. Mús.** Tocar, à viola, o rasgado (8).

De acordo com a remissiva indicada pelo NDA, temos:

**rasgado 8. Bras. Mús.** Forma de acompanhamento peculiar a certos instrumentos populares, como a guitarra, o violão, a viola de arame, e que consiste em passar as unhas, sucessiva e rapidamente, sobre as cordas, sem as pontear.

Exemplos de uso do verbo *rasgar* em textos especializados encontrados no *Google*:

- b) Tanto assim que, já adolescente, tomou puxão de orelha de "seu" vigário, que tolerava a maneira suingada como seu pequeno sacristão tocava os sinos, mas não perdoou quando o flagrou rasgando o frevo Vassourinhas, no... órgão da igreja.
- c) Pede maestria a quem toca. É necessário "rasgar" as cordas do violão ou da viola de cocho.
- d) Esta técnica consiste em pressionar as cordas da viola com as duas mãos, em lugar da tradicional de rasgar com os dedos de uma mão e pressionar as cordas contra o mastro com os dedos da outra.
- e) Vamos apresentar músicas de diferentes estilos, desde moda de viola até

música universitária, que tem agradado muito as platéias. Vamos "rasgá" a viola pra ver o povo "rastá sola", concluíram.

ii) Matriz valencial de *rasgar* na língua comum:

<p>Rasgar V<sub>2</sub>: seleciona dois argumentos Ação (Ag [+hum] [+anim] + C [-hum] [-anim]) = Tocar o rasgado</p>
--

No contexto da área de especialidade, *rasgar* é o mesmo que *tocar o rasgado*, um verbo de ação, de valência 2, que expressa uma atividade realizada por um sujeito agente. Sobre a valência semântica, o sujeito é N [+hum] e [+anim], especificamente, uma pessoa que toca viola ou violão. O complemento é N [-hum] e [-anim], como mostram os fragmentos: a) “(rasgando) o frevo”; b) “(rasgar) as cordas do violão”; d) “(rasgá) a viola”.

A análise de *rasgar* na língua comum e na linguagem da música permite concluir que o verbo mudou de classe, de ação-processo para ação.

### 43. Rebarbar

Análise de *rebarbar* na língua comum:

(NDA) 1. Tirar as rebarbas (saliência, quina, aresta) a.

(DUP) Não registra o verbo rebarbar, que foi classificado, por nós, como verbo de ação-processo.

Exemplo de uso do verbo *rebarbar* na língua comum:

a) Uma serra especial rebarba arestas de tubos de cobre, rebarba saliências de pregos e parafusos e corta azulejos de parede.

i) Matriz valencial de *rebarbar* na língua comum:

Rebarbar V<sub>2</sub>: seleciona dois argumentos  
Ação-processo (Ag/Ca [+/-hum] [+/-anim] + C [-hum] [-anim]) = Tirar as rebarbas a

Análise de *rebarbar* na linguagem da marinha de guerra:

**(NDA) 3. Bras. Mar. G.** Reclamar contra algo que lhe pareça injusto, inoportuno, inadequado ou prejudicial aos seus próprios direitos ou interesses.

Não foram encontrados exemplos de uso do verbo *rebarbar* em textos especializados no *Google*.

ii) Matriz valencial de *rebarbar* na linguagem da marinha de guerra:

Rebarbar V<sub>1</sub>: seleciona um argumento  
Ação (Ag [+hum] [+anim]) = Reclamar contra uma injustiça

No contexto da área de especialidade, *rebarbar* é o mesmo que *reclamar contra uma injustiça*, um verbo de ação, de valência 1, que expressa uma atividade realizada por um sujeito agente. Sobre a valência semântica, o sujeito é N [+hum] e [+anim].

A análise de *rebarbar* na língua comum e na linguagem da marinha de guerra permite concluir que o verbo mudou de classe, de ação-processo para ação, além apresentar, na linguagem da marinha de guerra, quanto à seleção do sujeito agente, os traços de [+hum] e [+anim].

#### **44. Receber**

Análise de *receber* na língua comum:

**(NDA) 1.** Tomar, aceitar (dádiva).

**(DUP) 1.** Não foi encontrada essa acepção. Esse verbo foi classificado, por nós, como verbo de ação.

Exemplo de uso do verbo *receber* na língua comum:

a) Jogadores do Flamengo vão receber benção de São Judas Tadeu

i) Matriz valencial de *receber* na língua comum:

Receber V<sub>2</sub>: seleciona dois argumentos  
Ação (Ag [+hum] [+anim] + C [-hum] [-anim] Ob) = Tomar dádiva

Análise de *receber* na linguagem da religião:

**(NDA) 16. Bras. Rel.** Incorporar em transe mediúnico [uma entidade que desça à Terra]:

*Essa filha-de-santo recebe Oxum Apará.*

Exemplos de uso do verbo *receber* em textos especializados encontrados no *Google*:

- b) É comum, nos terreiros, médiuns de outras casas ou até mesmo médiuns que não se encontram trabalhando espiritualmente, terem a chance de receber suas entidades durante os trabalhos da casa.
- c) Os termos cavalo, iniciado e médium foram usados para nomear a pessoa que recebe entidades pela maioria dos informantes entrevistados.
- d) No terreiro de Guarulhos, nada de sangue de animais, mas médiuns que estão ali para receber entidades espirituais.
- e) Quando o ponto estiver induzindo o tipo da entidade, o médium já deve estar psicologicamente preparado para receber e se comportar conforme a entidade.
- f) Ser Umbandista é estar presente no terreiro pronto a “receber” qualquer entidade que esteja sujeita ou que necessite vir.

ii) Matriz valencial de *receber* na linguagem da religião:

Receber V<sub>2</sub>: seleciona dois argumentos  
 Processo (Ex [+hum] [+anim] + C [-hum] [+anim]) = Incorporar

No contexto da área de especialidade, *receber* é o mesmo que *incorporar uma entidade*, um verbo de processo, de valência 2, que expressa um evento ou processo no qual o sujeito é um experimentador. Sobre a valência semântica, o sujeito experimentador desse processo é N [+hum] e [+anim], especificamente, um médium. O complemento é N [-hum] e [+anim], como mostram os fragmentos: a) “(receber) suas entidades”; “(receber) entidades”, c) “(receber) entidades espirituais”.

A análise de *receber* na língua comum e na linguagem da religião permite concluir que o verbo mudou de classe, de ação para processo, além de apresentar, para a linguagem da religião, quanto à seleção do complemento, os traços de [-hum] e [+anim].

#### 45. Reduzir

Análise de *reduzir* na língua comum:

(NDA) 1. Tornar menor; restringir:

(DUP) 1. Fazer diminuir em valor, quantidade ou intensidade. **Ação-processo.**

[Complemento1: nome. Complemento2: a + nome]

Exemplo de uso do verbo *reduzir* na língua comum:

a) Reduzir gastos significa fazer sacrifícios,

i) Matriz valencial de *reduzir* na língua comum:

Reduzir V<sub>2</sub>: seleciona dois argumentos  
 Ação-processo (Ag/Ca [+/-hum] [+/-anim] + C [-hum] [-anim]) = Diminuir

Análise de *reduzir* na linguagem do automobilismo:

(NDA) 18. Bras. Autom. Engrenar marcha de maior poder de tração para diminuir a velocidade do veículo automóvel sem usar os freios.

Exemplos de uso do verbo *reduzir* em textos especializados encontrados no *Google*:

- b) Reduzir marcha e segurar o motor em uma descida em vez de frear é melhor?
- c) Você tem que apertar a embreagem reduzir uma marcha, soltar a embreagem.
- d) Em competição os pilotos usam o "punta-taco", ou seja, aceleram enquanto reduzem a marcha. Como é isso? Dá-se uma leve pisada no acelerador enquanto tira-se o pé da embreagem? Isso evita o tranco da redução?
- e) No primeiro post deste tópico, eu, pelo menos, entendi que o distinto colega reduz as marchas simplesmente apertando a embreagem e dando um toque no cambio.
- f) Se o pedal do acelerador precisa ficar no fundo para manter a velocidade, você provavelmente precisa reduzir a marcha.

ii) Matriz valencial de *reduzir* na linguagem do automobilismo:

Reduzir V<sub>2</sub>: seleciona dois argumentos  
Ação-processo (Ag [+hum] [+anim] + C [-hum] [-anim]) = Diminuir a marcha

No contexto da área de especialidade, *reduzir* é o mesmo que *diminuir a marcha*, um verbo de ação-processo, de valência 2, que expressa um ação realizada por um sujeito agente. O complemento desse verbo é afetado, e muda de condição. Sobre a valência semântica, o sujeito experimentador desse processo é N [+hum] e [+anim], especificamente, um motorista. O complemento afetado é N [-hum] e [-anim], como mostram os fragmentos: a) “(reduzir) a marcha”; b) “(reduzir) uma marcha”; c) “(reduzem) a marcha”.

A análise de *reduzir* na língua comum e na linguagem do automobilismo permite concluir que o verbo manteve-se na mesma classe, entretanto, na linguagem do automobilismo, o sujeito selecionado apresenta os traços de [+hum] e [+anim].

## 46. Remar

Análise de *remar* na língua comum:

(NDA) 1. Impelir com a ajuda dos remos; vogar.

(DUP) 1. Mover os remos, para dar impulso a um barco. **Ação.** [Complemento1: nome.  
Complemento2: a + nome]

Exemplo de uso do verbo *remar* na língua comum:

a) Único brasileiro na competição, ele remou os 19 quilômetros da prova com o tempo de 1h54m41seg.

i) Matriz valencial de *remar* na língua comum:

Remar V<sub>1</sub>: seleciona um argumento  
Ação (Ag [+hum] [+anim]) = Mover os remos

Análise de *remar* na linguagem do turfe:

(NDA) 6. **Bras. Turfe** Conduzir o cavalo de corridas fazendo com os braços movimentos que lembram remadas.

Não foram encontrados exemplos do verbo *remar* em textos especializados no *Google*.

ii) Matriz valencial de *remar* na linguagem do turfe

Remar V<sub>1</sub>: seleciona um argumento  
Ação (Ag [+hum] [+anim]) = Conduzir o cavalo com movimentos que lembram remadas

No contexto da área de especialidade, *remar* é o mesmo que *conduzir o cavalo com movimentos que lembram remadas*, verbo de ação, de valência 1, que expressa uma atividade realizada por um sujeito agente. Sobre a valência semântica, o sujeito é N [+hum] e [+anim], especificamente, um hipista.

A análise de *remar* na língua comum e na linguagem do turfe permite concluir que o verbo manteve-se na mesma classe, além de manter a mesma seleção de traços do sujeito agente [+hum] e [+anim].

#### 47. Rodar

Análise de *rodar* na língua comum:

(NDA) 1. Fazer andar à roda; fazer girar em volta:

(DUP) 1. Fazer girar. **Ação-processo.**

[Complemento1: nome concreto]

Exemplo de uso do verbo *rodar* na língua comum:

a) Ganhava quem ficasse mais tempo com o pião rodando na mão.

i) Matriz valencial de *rodar* na língua comum:

<p>Rodar V<sub>2</sub>: seleciona dois argumentos Ação-processo (Ag/Ca [+/-hum] [+/-anim] + C [+/-hum] [+/-anim]) = Fazer girar</p>
---

Análise de *rodar* na linguagem do cinema:

(NDA) 8. Bras. Cin. V. filmar (1).



De acordo com a remissiva indicada pelo NDA, temos:

**filmar 1.** Registrar em filme; cinematografar, rodar: *filmar uma cena*.

Exemplos de uso do verbo *rodar* em textos especializados encontrados no *Google*:

- b) Microsoft quer rodar filme com Peter Jackson
- c) A atriz Michelle Williams pretende rodar um filme sobre a vida de seu ex-marido Heath Ledger, informou o site britânico Female First nesta quarta-feira.
- d) Ridley Scott começa a rodar filme sobre Robin Hood
- e) Recém indicado ao Oscar de Melhor Roteiro Original por “Match Point”, Allen já havia anunciado o desejo de rodar um filme em Barcelona, mas este deve ficar só para o ano que vem.
- f) Coppola obtém permissão para rodar filme na Argentina.

ii) Matriz valencial de *rodar* na linguagem do cinema:

Rodar V<sub>2</sub>: seleciona dois argumentos  
Ação (Ag [+hum] [+anim] + C [-hum] [-anim]) = Filmar

No contexto da área de especialidade, *rodar* é o mesmo que *filmar*, um verbo de ação-processo, de valência 2, que expressa uma ação realizada por um sujeito agente. Sobre a valência semântica, o sujeito é N [+hum] e [+anim]. O complemento é efetuado, ou seja, passa a existir, e recebe os traços [-hum] e [-anim].

A análise de *rodar* na língua comum e na linguagem do cinema permite concluir que o verbo manteve-se na mesma classe, entretanto, quanto à seleção de traços do complemento, para a linguagem do cinema, ela se realiza com os traços [-hum] e [-anim].

#### 48. Serenar

Análise de *serenar* na língua comum:

(NDA) 1. Tornar sereno; acalmar.

(DUP) 1. Tornar sereno; tranquilizar; sossegar. **Ação-processo.**

[Complemento: nome]

Exemplo de uso do verbo *serenar* na língua comum:

a) As duas propostas que vieram esta semana de Itália para tentar serenar os mercados financeiros são chumbadas pelo Governo português.

i) Matriz valencial de *serenar* na língua comum:

Serenar V<sub>2</sub>: seleciona dois argumentos  
Ação-processo (Ag/Ca [+/-hum] [+/-anim] + C [+/-hum] [+/-anim]) = Tornar sereno

Análise de *serenar* na linguagem da cinegética:

(NDA) 13. Bras. BA Cineg. Encastelar (5).

De acordo com a remissiva indicada pelo NDA, temos:

**encastelar 5.Bras. C.O. S. Cineg.** Passar (a perdiz levantada) da direção vertical para a horizontal, voando sem grande esforço. [Sin. (bras. BA): serenar.]

Não foram encontrados exemplos do verbo *serenar* em textos especializados no *Google*.

ii) Matriz valencial de *serenar* na linguagem da cinegética:

Serenar V<sub>1</sub>: seleciona um argumento  
Ação (Ag [-hum] [+anim]) = Voar (a perdiz) da direção vertical para a horizontal

No contexto da área de especialidade, *serenar* é o mesmo que *encastelar*, *passar (a perdiz) da direção vertical para a horizontal, voando sem grande esforço*. Trata-se de um

verbo de ação-processo, de valência 1, que expressa uma ação realizada por um sujeito agente. Quanto à valência semântica, ele recebe os traços de [-hum] e [+anim].

A análise de *serenar* na língua comum e na linguagem da cinegética permite concluir que o verbo mudou de classe, de ação-processo para ação, além de restringir, na linguagem da cinegética, a seleção do sujeito que recebe os traços [-hum] e [+anim].

#### 49. Tabelar

Análise de *tabelar* na língua comum:

(NDA) 1. Fazer tabela de.

(DUP) 1. Sujeitar a tabela de preços. **Ação-processo.**

[Complemento: nome não animado]

Exemplo de uso do verbo *tabelar* na língua comum:

a) Nixon tabelou preços e salários.

i) Matriz valencial de *tabelar* na língua comum:

<p>Tabelar V<sub>2</sub>: seleciona dois argumentos Ação-processo (Ag/Ca [+hum] [+anim] + C [-hum] [-anim]) = Fazer a tabela de</p>
---

Análise de *tabelar* na linguagem do futebol:

(NDA) 3. **Bras. Fut.** Fazer tabela (9): "*Afonzinho tabelou com Rogério e centrou da linha de fundo.*" (*Jornal do Brasil*, 29.10.1973.)

De acordo com a remissiva indicada pelo NDA, temos:

**tabela 9. Fut. Bras.** Jogada na qual dois ou mais jogadores, na corrida, trocam passes entre si; um-dois.

Exemplos de uso do verbo *tabelar* em textos especializados encontrados no *Google*:

- b) Já sabe a hora certa de driblar, e de até fazer uma "firula" para mexer com o moral do adversário, e a hora certa de passar, tabelar, chutar – de construir, enfim, jogadas com a equipe.
- c) Precisamos dar a resposta já na próxima rodada. Voltar a fazer o básico jogando futebol: passar, driblar, tabelar, chutar a gol (entre os paus). Força Grêmio!
- d) O JOGADOR ALEX (baixinho) JOGA DE MEIA ESQUERDA GOSTA DE TABELAR E DRIBLAR E TEM UM CHUTE FORTÍSSIMO SEMPRE COLOCANDO A BOLA NO ALTO.
- e) Aos 38 minutos, o terceiro ficou perto. Rafinha tabelou com Lucas e cruzou pela direita. Sem deixar a bola bater no chão, Alexandre Pato dominou e chutou forte.
- f) Acho que precisa aprender a chutar e a tabelar, mas ele é importantíssimo para o time. Joga muito.

ii) Matriz valencial de *tabelar* na linguagem do futebol:

<p>Tabelar V<sub>2</sub>: seleciona dois argumentos</p> <p>Ação (Ag [+hum] [+anim] + (com) C [+hum] [+anim]) = Fazer tabela</p>
---

No contexto da área de especialidade, *tabelar* é o mesmo que *fazer tabela*, um verbo de ação, de valência 2, que expressa uma atividade realizada por um sujeito agente. Sobre a valência semântica, o sujeito é N [+hum] e [+anim], especificamente, um jogador de futebol.

A análise de *tabelar* na língua comum e na linguagem do futebol permite concluir que o verbo mudou de classe, de ação-processo para ação, além de selecionar para o complemento, na linguagem do futebol, os traços [+hum] e [+anim].

## 50. Tesar

Análise de *tesar* na língua comum:

(NDA) 1. Não é registrado sem marca de área de especialidade.

(DUP) Não registra o verbo *tesar*, além de não poder ser estabelecida a comparação com o NDA.

Análise de *tesar* na linguagem da marinha de guerra:

(NDA) 2. **Mar. G. Bras.** Exigir de (um subordinado), com rigor, o cumprimento das suas obrigações.

Não foram encontrados exemplos do verbo *tesar* em textos especializados no *Google*.

Matriz valencial proposta para *tesar* na linguagem da marinha de guerra:

<p>Tesar V<sub>2</sub>: seleciona dois argumentos Ação (Ag [+hum] [+anim] + C [+hum] [+anim]) = Exigir de um subordinado o cumprimento de suas obrigações</p>
---

A análise de *tesar* na linguagem da marinha de guerra, o mesmo que *exigir de um subordinado o cumprimento de suas obrigações*, permite concluir que é um verbo estritamente terminológico, de ação, de valência 2, que expressa uma atividade realizada por um sujeito agente. Sobre a valência semântica, o sujeito é N [+hum] e [+anim]. O complemento também é N [+hum] e [+anim], como podemos depreender do NDA (2004) que registra “um subordinado”.

## 51. Turturinar

Análise de *turturinar* na língua comum:

(NDA) Não registra o verbo *turturinar* sem marca de área de especialidade.

(DUP) Não registra o verbo *turturinar*, além de não poder ser estabelecida a comparação com o NDA.

Análise de *turturinar* na linguagem poética:

(NDA) **1. Bras. Poét.** Gemer (a rola); arrulhar, arrolar, rolar: "Caía a tarde rosada; rolas turturinavam e bem-te-vis desferiam a grita alegre." (Coelho Neto, *Sertão*, p. 357.)

Exemplos de uso do verbo *turturinar* em textos especializados encontrados no *Google*:

- a) Todo os estímulos sonoros provenientes da natureza, desde o canto manso ou voraz das águas que passam, ao turturinar dos pássaros, tudo propicia o desenvolvimento de habilidades perceptivas que contribuem para o desenvolvimento do processo de comunicação e expressão da criança.
- b) Ao centro, sobre a estátua equestre de D. João I, no chão, às corridinhas adiante dos turistas e dos transeuntes, as pombas multiplicavam-se num turturinar cadenciado.
- c) Na sombra crescente, rolas turturinavam, num tom de tristeza infinita. Um vento fresco e ligeiro soprava
- d) "... e enquanto fora da arca a chuva caía abundantemente, no interior era um pandemônio indescritível: os elefantes barriam, os leões rugiam, os cavalos relinchavam, os burros zurravam, (...) as rolas turturinavam, os tordos trucilavam, os pintos pipilavam, as milheiras tiniam, as

Matriz valencial proposta para *turturinar* na linguagem poética:

Turturinar V<sub>1</sub>: seleciona apenas um argumento

Ação (Ag [-hum] [+anim]) = gemer (a rola)

A análise de *turturinar* na linguagem poética permite concluir que é um verbo estritamente terminológico, o mesmo que *gemer (a rola)*, um verbo de ação, de valência 1. O verbo expressa uma atividade realizada por um sujeito agente. Sobre a valência semântica, o sujeito é N [- hum], [+ anim], especificamente, uma ave.

#### 4.2. Resultados da análise

Ao compararmos as matrizes valenciais dos 51 verbos analisados na língua comum e na linguagem de especialidade a que pertencem descobrimos que, 18 pertencem a mais de uma classe, 23 pertencem à mesma classe, e 10 foram considerados verbos estritamente terminológicos.

Para os verbos que pertencem a mais de uma classe, ao compararmos a matriz do verbo na língua comum e nas linguagens de especialidade, observamos as seguintes mudanças:

- De ação-processo para processo: 7 verbos

1. O verbo *afinar*: que também se especializou quanto à seleção do sujeito, que passa a receber, na linguagem do futebol, os traços [+hum] e [+anim].
2. O verbo *afundar*: que também mudou quanto à valência quantitativa, já que, na língua comum pode ter valência 2 ou 3 e, na linguagem escolar, valência 2.
3. O verbo *benzer*: que também se especializou quanto à seleção do sujeito que, na linguagem da capoeira, é um experimentador da ação de *benzer-se*.
4. O verbo *desenvolver*: que também mudou quanto à seleção do sujeito que, na linguagem da religião, é beneficiário e recebe os traços [+hum] e [+anim].
5. O verbo *desincorporar*: que também se especializou, na linguagem da religião, quanto à seleção do complemento, que recebe os traços [+hum] e [+anim].
6. O verbo *embalsamar*: que também mudou quanto à seleção do sujeito que, na linguagem da marinha de guerra, é experimentador e recebe os traços [+hum] e [+anim].

7. O verbo *rabear*: que também mudou quanto à seleção do sujeito que, na linguagem do automobilismo, é experimentador e recebe os traços [-hum] e [-anim].

- De ação-processo para ação: 8 verbos

1. O verbo *derrubar*: que também mudou quanto à seleção do complemento que, na linguagem do turfe, recebe os traços [+hum] e [+anim].

2. O verbo *enterrar*: que também mudou quanto à seleção do complemento que, na linguagem do basquetebol, recebe os traços [-hum] e [-anim].

3. O verbo *manutenir*: que também mudou quanto à seleção do complemento que, na linguagem jurídica recebe, obrigatoriamente, os traços [-hum] e [-anim].

4. O verbo *pontear*: que também mudou quanto à seleção do complemento que, na linguagem do turfe, pode receber o traço de [+hum].

5. O verbo *rasgar*: que também mudou quanto à seleção do sujeito que, na linguagem da música, pode receber o traço de [+hum].

6. O verbo *rebarbar*: que também mudou quanto à seleção do sujeito que, na linguagem da marinha de guerra, é agente e recebe os traços de [+hum] e [+anim].

7. O verbo *serenar*: que também mudou quanto à seleção do sujeito que, na linguagem da cinegética, recebe os traços de [-hum] e [+anim].

8. O verbo *tabelar*: que também mudou quanto à seleção do complemento que, na linguagem do futebol, recebe os traços de [+hum] e [+anim].

- De ação para ação-processo: 1 verbo;

1. O verbo *lenhar*: que também mudou quanto à valência quantitativa, de valência 1 na língua comum, para valência 2 na linguagem do automobilismo.

- De ação para processo: 2 verbos.

1. O verbo *pegar*: que também mudou quanto seleção do sujeito que, na linguagem da marinha de guerra, é experimentador e recebe os traços [-hum] e [-anim].



2. O verbo *receber*: que também mudou quanto seleção do complemento que, na linguagem da religião, recebe os traços [-hum] e [+anim].

Para os verbos que se mantiveram na mesma classe, 23 dos 51 analisados, ao compararmos a matriz do verbo na língua comum e nas linguagens de especialidade, observamos que:

- 18 passaram a selecionar traços distintos para o sujeito e/ou o complemento

1. Agregar: manteve-se na mesma classe, ação-processo, entretanto, na linguagem da marinha de guerra, o sujeito agente receberá os traços [+hum] e [+anim], e o complemento, beneficiário, também receberá os traços [+hum] e [+anim].

2. Assentar: manteve-se na mesma classe, ação-processo, entretanto, quanto à seleção de seus argumentos, na linguagem da religião, o sujeito agente recebe o traço [+hum] e [+anim]. O complemento 1 recebe os traços [-hum] e [+anim], e o complemento 2 pode receber o traço [+hum].

3. Bater: manteve-se na mesma classe, ação, entretanto, a seleção do seu complemento, na linguagem da religião é bem restrita, e aceita apenas aquele com traço [-hum] e [-anim].

4. Beber: manteve-se na mesma classe, ação, entretanto, na linguagem do automobilismo, o sujeito agente recebe os traços [-hum] e [-anim].

5. Concentrar: manteve-se na mesma classe, de ação-processo, entretanto, na linguagem dos esportes, quanto à seleção do sujeito agente, ela se realiza com base nos traços de [+hum] e [+anim] e, quanto à seleção do complemento, ela se realiza com base nos traços de [+hum], [+anim].

6. Cozinhar: manteve-se na mesma classe, de ação-processo, entretanto, na linguagem do jornalismo, o sujeito agente recebe os traços [+hum] e [+anim].

7. Defender: manteve-se na mesma classe, de ação, entretanto, quanto à seleção do complemento, na linguagem do futebol, ela se realiza com base nos traços de [-hum] e [-anim].

8. Desacostar: manteve-se na mesma classe, entretanto, quanto à seleção do complemento, na linguagem da religião, ela se realiza com base nos traços [+hum] e [+anim].
9. Descer: manteve-se na mesma classe, entretanto, quanto à seleção do sujeito, na linguagem da religião, ela se realiza com base nos traços [-hum] [+anim] e a seleção do complemento com base nos traços [+hum] e [+anim].
10. Encastelar: manteve-se na mesma classe, de ação-processo, entretanto, quanto à seleção do sujeito agente, na linguagem da cinegética ela se realiza com base nos traços [-hum] e [+anim].
11. Matar: manteve-se na mesma classe, de ação-processo, entretanto, quanto à seleção de traços do complemento, na linguagem do futebol, ela muda para [-hum] e [-anim].
12. Morrer: manteve-se na mesma classe, de processo, entretanto, observa-se a mudança na seleção de traços do sujeito experimentador que, na linguagem do automobilismo recebe os traços [-hum] e [-anim].
13. Passar: manteve-se na mesma classe, de ação-processo, entretanto, quanto à seleção de traços do sujeito agente, para a linguagem dos esportes e do futebol, ele recebe os traços [+hum] e [+anim]. E quanto à seleção de traços do segundo complemento, para as linguagens de especialidade, ele também recebe os traços [+hum] e [+anim].
14. Podar: manteve-se na mesma classe, de ação-processo, entretanto, quanto à seleção de traços do complemento, para a linguagem do automobilismo, ele se realiza com a seleção dos traços [+/-hum] e [+/-anim].
15. Pular: manteve-se na mesma classe, de ação, entretanto, passou a selecionar um complemento na linguagem da capoeira, que apresenta os traços [-hum] e [-anim].
16. Queimar: manteve-se na mesma classe, de ação-processo, entretanto, quanto à seleção de traços do complemento, para a linguagem dos esportes, ela se realiza com os traços de [-hum] e [-anim].
17. Reduzir: manteve-se na mesma classe, de ação-processo, entretanto, na linguagem do automobilismo, o sujeito selecionado apresenta os traços de [+hum] e [+anim].

18. Rodar: manteve-se na mesma classe, entretanto, quanto à seleção de traços do complemento, para a linguagem do cinema, ela se realiza com os traços [-hum] e [-anim].

- 5 mantiveram a mesma seleção de traços para o sujeito e para o complemento.

1. Instrumentar: manteve-se na mesma classe, de ação, além de ter mantido, na linguagem da cirurgia, a mesma seleção de traços do sujeito, [+hum] e [+anim], e do complemento, [-hum] e [-anim].

2. Investir: manteve-se na mesma classe, de ação, além de ter mantido a mesma seleção de traços do sujeito agente [+/-hum] [+/-anim] e do seu complemento [+/-hum] [+/-anim].

3. Encruzar: manteve-se na mesma classe, de ação-processo, além de ter mantido a mesma seleção de traços do sujeito agente [+/-hum] [+/-anim] e do seu complemento [+/-hum] [+/-anim].

4. Maximizar: manteve-se na mesma classe, de ação-processo, além de ter mantido a mesma seleção de traços do sujeito [+/-hum] e [+/-anim], e do complemento [+/-hum] e [+/-anim].

5. Remar: manteve-se na mesma classe, de ação, além de ter mantido a mesma seleção de traços do sujeito agente [+hum] e [+anim].

Dos 51 verbos analisados, 10 foram considerados verbos estritamente terminológicos, dos quais:

- 7 estavam registrados no NDA (2004) apenas com marca de área de especialidade, o que não permitiu que esses verbos fossem considerados na língua comum

1. Bolar (religião).
2. Codizar (marinha de guerra).
3. Escantilhar (carpintaria).
4. Impronunciar (jurídica).
5. Possear (jurídica).

6. Tesar (marinha de guerra).

7. Turturinar (poética)

- 3 foram formados com base em um termo nominal no interior do domínio ao qual pertencia o verbo

1. Caquear: na linguagem do teatro, foi criado com base no termo nominal da mesma área, *caco*.

2. Descalar: na linguagem da marinharia, de acordo com o NDA (2004), foi formado com base em *calar*, para o qual registra a seguinte acepção: “Colocar (o leme) no seu lugar”.

3. Inflacionar: na linguagem da economia, foi formado com base em um nome da mesma área de especialidade, *inflação*, termo da economia.

**Vocabulário de verbos:  
Brasileirismos Terminológicos**

O vocabulário de verbos que apresentamos é temático e se estrutura em função da categoria de brasileirismos terminológicos proposta por Faulstich (2004). Com base na análise proposta no capítulo 4 e nos resultados obtidos e discutidos no capítulo 4.2., reconhecemos que, rigorosamente, teríamos apenas 10 verbos terminológicos. Esses 10 verbos são brasileirismos e foram considerados, por nós, verbos estritamente terminológicos que se formaram com base em um termo nominal no interior de um domínio de especialidade, ou então, que foram registrados no NDA (2004) apenas como terminologia, sem outra acepção da língua comum. Entretanto, se assumirmos uma postura rígida, vamos negar a dinâmica entre língua comum e linguagens de especialidade que viemos discutindo e observando ao longo deste trabalho.

Pudemos observar que, dos 51 verbos analisados, apenas 5 não apresentaram nenhum tipo de mudança de classe ou de seleção argumental, são eles: instrumentar, na linguagem da cirurgia; investir, na linguagem da marinharia; encruzar, na linguagem da religião; maximizar, na linguagem da matemática; e, finalmente, remar, na linguagem do turfe. Optamos por não excluir nenhum deles. Para os outros 36 verbos, observamos algum tipo de mudança seja na classe a que o verbo pertence na língua comum e na linguagem de especialidade, seja na seleção argumental que o verbo realiza.

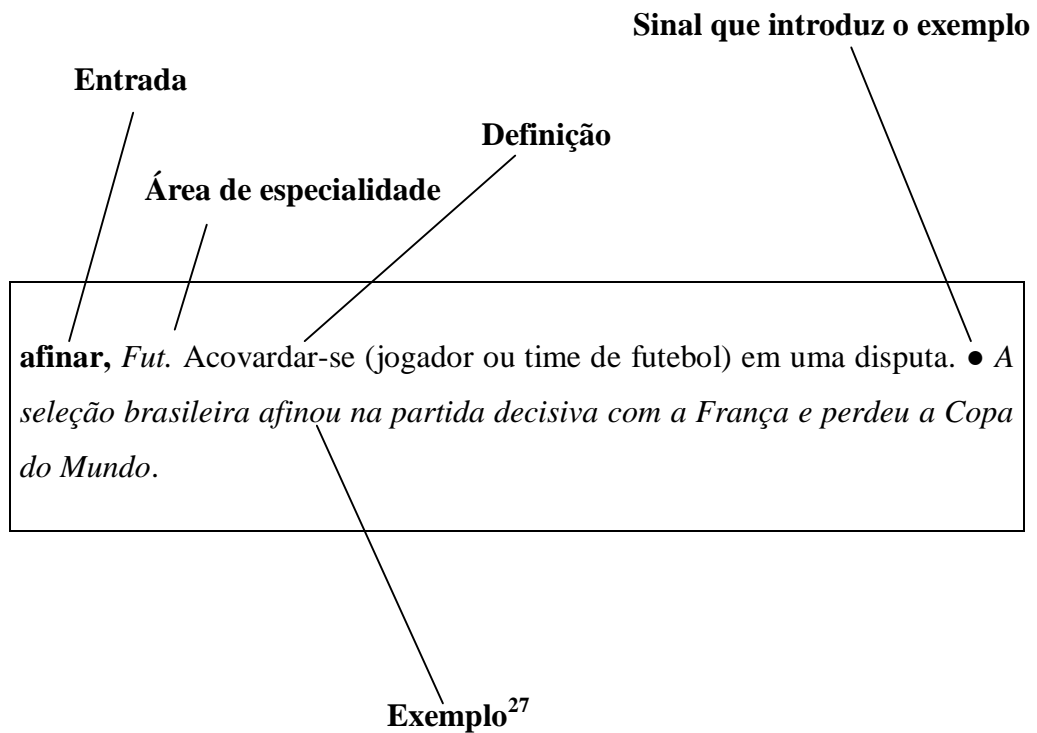
Sendo assim, para a elaboração do vocabulário, consideraremos a totalidade dos 51 verbos analisados nesta pesquisa. A categoria de brasileirismos terminológicos será, então, representada por 51 verbos pertencentes a 19 áreas de especialidade distintas. O público alvo a que se destina este vocabulário é composto por lingüistas, estudiosos e pessoas interessadas no Português do Brasil. Este vocabulário se caracteriza pela função descritiva e pretende estruturar termos que não se encontram sistematizados em dicionários brasileiros.

O objetivo é o de apresentar uma análise preliminar do que consideramos como brasileirismos terminológicos, com base em pesquisa no NDA (2004). A classe dos verbos foi escolhida por seu caráter mais particular na terminologia que, comumente, se ocupa da descrição dos nomes. A proposta de reescrever as definições do NDA (2004) se constitui também em um esforço de contribuir para os estudos acerca da definição terminológica.

## Lista de Abreviaturas

<i>Autom.</i>	Automobilismo	<i>Jorn.</i>	Jornalismo
<i>Basq.</i>	Basquetebol	<i>Jur.</i>	Jurídico
<i>Cap.</i>	Capoeira	<i>Mar.</i>	Marinha
<i>Carp.</i>	Carpintaria	<i>Mar. G.</i>	Marinha de Guerra
<i>Cineg.</i>	Cinegética	<i>Marinh.</i>	Marinharia
<i>Cir.</i>	Cirurgia	<i>Mat.</i>	Matemática
<i>Econ.</i>	Economia	<i>Poét.</i>	Poético
<i>Escol.</i>	Escolar	<i>Rel.</i>	Religião
<i>Esport.</i>	Esportes	<i>Teatr.</i>	Teatro
		<i>Turfe.</i>	Turfe

## Estrutura do verbete



<sup>27</sup> Todos os exemplos apresentados no vocabulário de verbos são de nossa autoria.



## A

---

**afinar**, *Fut.* Acovardar-se (jogador ou time de futebol) em uma disputa. • *A seleção brasileira afinou na partida decisiva com a França e perdeu a Copa do Mundo.*

**afundar**, *Escol.* Ir mal (aluno, turma de alunos ou suas notas) na escola. • *O aluno afundou na primeira prova de matemática* • *A nota média da turma em inglês só afunda* • *A turma afundou na recuperação.*

**agregar**, *Mar. G.* Retirar nome de oficial da escala numérica do corpo ou quadro a que pertence • *O comandante agregou o oficial para fim de inatividade.*

**assentar**, *Rel.* Fixar entidade espiritual em uma pessoa ou objeto. • *É necessário um ritual preparatório para assentar um orixá.*

## B

---

**bater**, *Rel.* Celebrar cerimônia religiosa ao som de atabaques. • *Ouvimos os terreiros batendo* • *Já foi proibido bater candomblé.*

**beber**, *Autom.* Consumir (o carro) combustível. • *Esse carro não é bom porque bebe muito.*

**benzer**, *Cap.* Fazer o sinal da cruz (capoeirista) antes de entrar na roda de capoeira. • *Todos devem benzer-se antes de entrar na roda de capoeira.*

**bolar**, *Rel.* Incorporar uma entidade espiritual. • *O som dos atabaques ajuda o médium a bolar.*

## C

---

**caquear**, *Teatr.* Improvisar as falas em uma peça teatral para obter efeito cômico. • *Ela é uma atriz muito engraçada, sabe caquear.*

**codizar**, *Mar. G.* Codificar uma mensagem de texto. • *Elas tiveram que trabalhar em grupo para codizar a mensagem que chegou.*

**concentrar**, *Esport.* Estar em reunião ou promover a reunião de atletas antes de uma disputa. • *O técnico optou por concentrar a seleção brasileira longe dos jornalistas.*

**cozinhar**, *Jorn.* Preparar reportagens para publicação em um jornal. • *O jornalista cozinhava as notícias quando a informação foi divulgada na televisão.*

## D

---

**defender**, *Fut.* Proteger o gol. • *A goleira, atenta, conseguiu defender a cabeçada.*

**derrubar**, *Turfe.* Divulgar informações falsas entre apostadores. • *Ele sempre derrubava os apostadores novatos.*

**desacostar**, *Rel. V.* desincorporar (1) • *A entidade, finalmente, desacostou.*

**descalar**, *Marinh.* Tirar (o leme da embarcação) do lugar. • *Com a força do vento, o barco descalou.*

**descer**, *Rel.* Manifestar-se (uma entidade espiritual) em uma pessoa. • *A pomba-gira desceu naquela mulher durante a cerimônia.*

**desenvolver**, *Rel.* Criar ou desenvolver faculdades mediúnicas. • *Não há idade ideal para começar a desenvolver.*

**desincorporar**, *Rel.* 1. Abandonar (uma entidade espiritual) o corpo da pessoa que a incorporou; desacostar. • *Depois de muito tempo a entidade desincorporou.* 2. Experimentar o processo de desincorporar (1). • *O médium desincorporou assim que a música parou*

## E

---

**embalsamar**, *Mar. G.* Sentir-se enjoado durante uma viagem. • *Por causa do balanço constante da embarcação, ele embalsamou.*

**encastelar**, *Cineg.* Passar (a perdiz) da direção vertical para a horizontal, voando sem grande esforço. V. serenar. • *Quando todos menos esperavam, a perdiz conseguiu encastelar.*

**encruzar**, *Rel.* Fazer cruzeiros nas pessoas que participam da sessão de umbanda para facilitar a comunicação com as entidades espirituais. • *O pai-de-santo encruzou os médiuns antes de iniciar a cerimônia.*

**enterrar**, *Basq.* Enfiar a bola na cesta com as mãos tocando o aro. • *Aos 18 anos, ela era a melhor jogadora do time e já sabia enterrar.*

**escantilhar**, *Carp.* Cortar uma peça de madeira de modo que os ângulos não fiquem retos. • *Para conseguir um melhor resultado, escantilhou a peça.*

## I

---

**impronunciar**, *Jur.* Determinar ser improcedente a denúncia ou queixa contra um acusado.

• *A juíza impronunciou a denúncia.*

**inflacionar**, *Econ.* Provocar a desvalorização da moeda. • *As medidas do presidente inflacionaram o mercado.*

**instrumentar**, *Cir.* Auxiliar o cirurgião ao dar a ele o material usado em procedimento cirúrgico. • *Começou instrumentando cirurgias antes de tornar-se médico.*

**investir**, *Mar.* Dirigir-se (a embarcação) a. • *A embarcação investiu corajosamente contra as ondas.*

## L

---

**lenhar**, *Autom.* Inutilizar um automóvel ou parte dele • *No primeiro dia, já lenhou a moto que ganhou de aniversário.*

## M

---

**manutenir**, *Jur.* Conceder mandado de manutenção a. • *A medida visou a manter a liberdade dos trabalhadores.*

**matar**, *Fut.* Amortecer o impacto da bola. • *Matou a bola no peito antes de chutar para o gol.*

**maximizar**, *Mat.* Elevar uma função ao seu valor máximo. • *A fórmula foi usada para maximizar a função.*

**morrer**, *Autom.* Parar de funcionar (o motor) de um carro. • *O carro morreu perto do posto de gasolina.*

## P

---

**passar**, *Esport. Fut.* Lançar a bola a um companheiro de equipe. • *O técnico orientou o atacante a passar mais a bola.*

**pegar**, *Mar. G.* Ir mal um empreendimento. • *Por falta de dinheiro, o projeto pegou.*

**podar**, *Autom.* Ultrapassar (um carro a outro) de forma brusca. • *Estava com muita pressa e foi podando todos os carros no caminho.*

**pontear**, *Turfe.* Manter-se em primeiro lugar em uma competição. • *Considerado o melhor cavalo, ponteceu a competição do início ao fim.*

**possear**, *Jur.* Ocupar uma extensão de terra. • *O grupo possuiu as terras improdutivas.*

**pular**, *Cap.* Jogar capoeira. • *As crianças gostam muito de pular capoeira.*

## Q

---

**queimar**, *Esport.* Ultrapassar as delimitações impostas em uma competição esportiva. • *Tentou marcar o ponto, mas o saque queimou.*

## R

---

**rabear**, *Autom.* Derrapar (o automóvel) pelas rodas traseiras. • *Não notou o óleo na pista e rabeou.*

**rasgar**, *Mús.* Tocar o rasgado. • *Todos vieram ouvi-lo rasgar a viola.*

**rebarbar**, *Mar. G.* Reivindicar direitos. • *Foi até seu superior para rebarbar.*

**receber**, *Rel. V.* bolar. • *Ele estava pronto para receber ontem durante o culto.*

**reduzir**, *Autom.* Reduzir a tração da marcha do carro. • *Ao ver o animal na pista, reduziu.*

**remar**, *Turfe.* Conduzir o cavalo de corridas fazendo com os braços movimentos que lembram remadas. • *Conduziu o cavalo remando rapidamente.*

**rodar**, *Cin.* Filmar. • *Ele decidiu rodar seu último filme em Roma.*

## S

---

**serenar**, *Cineg. V.* encastelar. • *A ave serenou quando viu o obstáculo.*

# T

---

**tabelar**, *Fut.* Fazer uma jogada entre dois (ou mais) jogadores na qual a bola passa de um para o outro. ● *Marta tabelou com Formiga antes de marcar o gol.*

**tesar**, *Mar. G.* Exigir de (um subordinado), com rigor, o cumprimento das suas obrigações. ● *O comandante tesava sua equipe.*

**turturinar**, *Poét.* Cantar (a rola). ● *As aves turturinavam durante a manhã.*

Nesta dissertação, propusemos-nos a investigar e analisar uma categoria nova proposta por Faulstich (2004), a de brasileirismos terminológicos. Da perspectiva tradicional, está claro na literatura que os brasileirismos representam um enriquecimento lexical do PB em relação ao PE. Na nossa perspectiva, que abrange as questões de Terminologia discutidas ao longo deste trabalho, os brasileirismos são considerados como termos, unidades da língua que têm origem no latim, tipificadas em dicionários da Língua Portuguesa como brasileirismos pela marca Bras., e que se especializaram em um domínio. Essa nova perspectiva, que enxerga os brasileirismos no interior de um quadro de natureza terminológica, suscita discussões importantes acerca da dinâmica entre língua comum e linguagens de especialidade, bem como do estatuto do termo na língua.

Ao confrontar, em cada matriz valencial, a seleção dos argumentos realizada pelos verbos na língua comum e nas linguagens de especialidade o que se constatou foi que a especialização do verbo em um domínio refletirá, não apenas nos aspectos semânticos, mas também, muitas vezes, nos aspectos sintáticos. Por isso, buscamos uma classificação sintático-semântica desses verbos na análise que propusemos nesta dissertação.

A escolha do recorte de categoria gramatical proposta neste trabalho, que enfocou primordialmente o verbo, buscou contemplar uma categoria menos estudada em Terminologia, bem como abranger as discussões sobre os termos para além dos processos de denominação. Dessa forma, a análise dos verbos permitiu que fosse observada a dimensão sintagmática do uso dos termos, além da relação sintático-semântica que o verbo, base da predicação, estabelece com os elementos que o cercam.

A classificação dos verbos por classes permitiu que mudanças de classe, possivelmente sofridas por eles no percurso da especialização, fossem investigadas, o que resultou na constatação de que, dos 51 verbos analisados nesta pesquisa, apenas cinco mantiveram-se na mesma classe e com a mesma seleção argumental. Dez foram considerados estritamente terminológicos. Esses verbos já são sentidos como vocabulário comum, é o caso de rabear/derrapar (o carro), reduzir (a marcha), rasgar (a viola). Trinta e



seis apresentaram algum tipo de mudança, seja ela de classe, seja ela na seleção argumental feita pelo verbo.

Essa análise foi fundamental para alcançarmos o objetivo de elaborar um vocabulário de verbos, para o qual consideramos os 51 verbos analisados nesta pesquisa como brasileirismos terminológicos. Aplicamos, ainda, o modelo de definição terminológica estabelecido por nós no capítulo 1.2. No âmbito da Terminologia, é importante que outros trabalhos e pesquisas também enfoquem essa dimensão, que abrange a concepção dos termos como parte viva do léxico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

BARBOSA, Maria Aparecida. *Etno-Terminologia e Terminologia Aplicada: Objeto de estudo, campo de atuação*. In: As ciências do léxico. Lexicologia, lexicografia, terminologia, volume III. Aparecida Negri Isquierdo, Ieda Maria Alves (Orgs.). Editora UFMS, Campo Grande. Associação Editorial Humanitas. São Paulo, 2007.

BAKER, Mark C. *Lexical Categories: Verbs, Nouns, and Adjectives*. Cambridge University Press. United Kingdom, 2003.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *A formação e a consolidação da norma lexical e a lexicográfica no Português do Brasil*. In: História do Saber Lexical e Constituição de um Léxico Brasileiro. pp: 62-82. José Horta Nunes e Margarida Petter (Orgs.). Humanita/FFLCH/ USP: Pontes. São Paulo, 2002.

BESSÉ, Bruno de. *Terminological Definitions*. In: Handbook of Terminology Management. Volume 1. Sue Ellen Wright, Gerhard Budin (Orgs.). John Benjamins Publishing Company. Amsterdam/Philadelphia, 1997.

BORBA, Francisco da Silva. *Organização de Dicionários: Uma introdução à Lexicografia*. Editora Unesp. São Paulo, 2003.

BORBA, Francisco da Silva. *Uma gramática de valências para o português*. Editora Ática S.A. São Paulo, 1996.

BORBA, Francisco S. (et alii) *Dicionário de usos do Português do Brasil*. Editora Ática. São Paulo, 2002.

BRÉAL, Michel. *Ensaio de Semântica*. São Paulo: Pontes, 1992.

CABRÉ, Maria Tereza. *Do we need an autonomous theory of terms?* In: Terminology: International journal of theoretical and applied issues in specialized communication. pp. 5-19. Vol. 5. n. 1. John Benjamins Publishing Company. Amsterdam/Philadelphia, 1998/1999.

CABRÉ, M. Teresa. *La terminologia. La teoria, els mètodes, les aplicacions*. Editorial Empúries. Barcelona, 1992.

CABRÉ, M. Teresa. *La terminología. Teoria, metodología, aplicaciones*. Editorial Antártida/Empúries. Barcelona, 1993.

CAFÉ, Lúcia. *Terminologia: aplicação do (re)modelo de Simon Dik*. In: In: Linguística Aplicada à Terminologia e à Lexicologia. 1 ed. Enilde Faulstich e Sabrina Pereira de Abreu (Orgs.). Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, 2003.

CAMARA JR, J. Mattoso. Dispersos de J. Mattoso Camara Jr. Coleção Estante da Língua Portuguesa. 2 ed. Editora da Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 1975.

CAMARA JR., J. Mattoso. Princípios de Lingüística Geral: como introdução aos estudos superiores da Língua Portuguesa. 6 ed. Padrão Livraria Editora. Rio de Janeiro, 1980.

CAMBRIDGE ADVANCED LEARNER'S DICTIONARY ONLINE. Disponível em: <<http://dictionary.cambridge.org>> Acesso em: 20 out. 2008.

CHAFE, Wallace L. Significado e estrutura lingüística. Livros técnicos e científicos Editora S.A. Rio de Janeiro, 1979.

COELHO, Olga. *Léxico, Ideologia e a Historiografia Lingüística do Século das Identidades*. In: Revista Letras, n. 61, especial, p. 153-166. Editora UFPR. Curitiba, 2003.

CORREIA, Margarita. Neologia e terminologia In: Terminologia: questões teóricas, métodos e projectos. n. 4. Publicações Europa-América, LDA. Portugal, 1998. Disponível em: <http://www.iltec.pt/?action=investigadores&act=view&id=mcf>. Acesso em: 07.08.2008.

COSERIU, Eugenio. Principios de Semántica Estructural. Biblioteca Románica Hispánica. Editorial Gredos. Madrid, 1977.

COSTA. Bruna E. Pré-edição de um dicionário de brasileirismos terminológicos. Projeto de Iniciação Científica (PIC), CNPq/UnB. Brasília, 2006.

CUNHA, Celso. Língua, nação, alienação. Coleção Logos. Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 1981.

DAHLBERG, Ingetraut. *Terminological definitions: characteristics and demands*. In: Problèmes de la définition et de la synonymie en terminologie. Actes du Colloque International de terminologie. pp 15-31. Girsterm – OLF – DGTD. Université Laval, Quèbec, 1982.

DIK, Simon C. The Theory of Functional Grammar Part 1: The Structure of the Clause. Mouton de Gruyter. Berlin, New York, 1997.

DUBUC, Robert & LAURISTON Andy. *Terms and contexts*. In: Handbook of Terminology Management. Volume 1. Sue Ellen Wright, Gerhard Budin (Orgs.). John Benjamins Publishing Company. Amsterdam/Philadelphia, 1997.

FAULSTICH, Enilde & STREHLER, René G. *A propósito de brasileirismos*. Artigo não publicado, 1998. Disponível em: <<http://www.unb.br/il/liv/enilde/documentos>> Acesso em: 01 jul. 2008.

FAULSTICH, Enilde. *A socioterminologia na comunicação científica e técnica*. In: Ciência e Cultura. v.58. n.2. São Paulo, abr./jun. 2006. Disponível em:

<[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252006000200012&lng=pt&nrm=iso](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252006000200012&lng=pt&nrm=iso)> Acesso em: 20 jul. 2008.

FAULSTICH, Enilde. *A Terminologia na Universidade de Brasília*. In: *Terminômetro* Número Especial: Terminologia no Brasil. 13-15, 1998. Disponível em: <<http://www.termilat.info/public/env682.rtf>> Acesso em: 20 jul. 2008.

FAULSTICH, Enilde. *Duas questões em discussão: o que são brasileirismos nos dicionários de Língua Portuguesa? Existem brasileirismos terminológicos?* In: Jornada sobre “Variación Geolectal i Terminología”. Red Panlatina de Terminología Realiter / IULAterm / Institut Universitari de Lingüística Aplicada. Barcelona, Espanha. 24 de novembro de 2004. Disponível em: <<http://www.realiter.net/spip.php?article209>> Acesso em: 01 jul. 2008.

FAULSTICH, Enilde. *Formação de termos: do constructo e das regras às evidências empíricas*. In: *Lingüística Aplicada à Terminologia e à Lexicologia*. 1 ed. Enilde Faulstich e Sabrina Pereira de Abreu (Orgs.). Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, 2003.

FAULSTICH, Enilde. *Lexicologia: a linguagem do noticiário policial*. Brasília: Horizonte, 1980.

FAULSTICH, Enilde. *Principes formels et fonctionnels de la variation en terminologie*. In: *Terminology: International journal of theoretical and applied issues in specialized communication*. pp. 93-106. Vol. 5. n. 1. John Benjamims Publishing Company. Amsterdam/Philadelphia, 1998/1999.

FERREIRA, Alice Maria de Araújo. *Para um Vocabulário Fundamental da Obra de Milton Santos (com equivalência em francês)*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa – Século XXI*. 3 ed. Editora Positivo, 2004.

FINATTO, Maria José Bocorny Finatto. *A definição terminológica do dicionário TERMISUL: expressão lingüística de relações conceptuais complexas*. In: *As ciências do léxico. Lexicologia, lexicografia, terminologia*. Ana Maria Pinto Pires de Oliveira, Aparecida Negri Isquerdo (Orgs). Editora UFMS, Campo Grande, 1998.

GUEDES, Inêz Gomes. *Estudo da valência de alguns verbos da culinária arcaica*. Dissertação de Mestrado, UnB. Brasília, 2001.

HOUAISS, Antônio. *O Português no Brasil: Pequena Enciclopédia da Cultura Brasileira*. Unibrade Centro de Cultura. Rio de Janeiro, 1985.

KAGEURA, Kyo. *Theories 'of' terminology: A quest for a framework for the study of term formation*. In: *Terminology: International journal of theoretical and applied issues in*

specialized communication. pp. 21-40. Vol. 5. n. 1. John Benjamins Publishing Company. Amsterdam/Philadelphia, 1998/1999.

KATZ, Jerrold J. *Teoria Semântica*. In: A Semântica na Lingüística Moderna: O Léxico; seleção, introdução e revisão técnica de Lúcia Maria Pinheiro Lobato. Livraria Francisco Alves Editora S.A. Rio de Janeiro, 1977.

KATZ, J. J. e FODOR, A. *Estrutura de uma Teoria Semântica*. In: A Semântica na Lingüística Moderna: O Léxico; seleção, introdução e revisão técnica de Lúcia Maria Pinheiro Lobato. Livraria Francisco Alves Editora S.A. Rio de Janeiro, 1977.

KRIEGER & MACIEL (Orgs.). *Temas de Terminologia*. Ed. Universidade/UFRGS/Humanitas/USP, 2001.

KRIEGER, Maria da Graça. Terminologia Revisitada. In: Delta: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada. Delta vol. 16 no 2. São Paulo, 2000. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44502000000200001](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502000000200001)> Acesso em: 05 out. 2008.

L'HOMME, Marie-Claude. *What can Verbs and Adjectives tell us about Terms?* Canadá, 2002. Disponível em: <<http://www.olst.umontreal.ca/pdf/tke2002.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2008.

LYONS, John. *Semantics Vol. 1*. Cambrigde University Press. Great Britain, 1984.

LYONS, John. *Semantics Vol. 2*. Cambrigde University Press. Great Britain, 1984.

MOREIRA, Janaina Thaines. Uma visão lexicográfica de brasileirismos. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, UnB. Brasília, 2005.

OLIVEIRA, Sheila Elias. *Um espaço de enunciação para dizer os brasileirismos*. In: História do Saber Lexical e Constituição de um Léxico Brasileiro. pp. 83-98. José Horta Nunes e Margarida Petter (Orgs.). Humanita/ FFLCH/ USP: Pontes. São Paulo, 2002.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires. *O Português do Brasil: Brasileirismos e Regionalismos*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista, UNESP/Araraquara. Araraquara, 1999.

OXFORD: COMPACT ENGLISH DICTIONARY OF CURRENT ENGLISH ONLINE. Disponível em: <<http://www.askoxford.com/?view=uk>> Acesso em: 20 out. 2008.

PAVEL, Silvia & NOLET, Diane. *Manual de Terminologia*. (Adaptação para a língua portuguesa por Enilde Faulstich). Ministro de Obras Públicas e Serviços Governamentais do Canadá, 2002.

PINTO, Edith Pimentel. O Português do Brasil: textos críticos e teóricos, 1: 1820/1920: Fontes para a teoria e a história / seleção e apresentação de Edith Pimentel Pinto. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A. São Paulo: EDUSP, 1978.

PINTO, Edith Pimentel. O Português do Brasil: textos críticos e teóricos, 2 1920/1945: Fontes para a teoria e a história / seleção e apresentação de Edith Pimentel Pinto. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A. São Paulo: EDUSP, 1981.

POTTIER, Bernard. A definição semântica nos dicionários. In: A Semântica na Linguística Moderna: O Léxico; seleção, introdução e revisão técnica de Lúcia Maria Pinheiro Lobato. Livraria Francisco Alves Editora S.A. Rio de Janeiro, 1977.

POTTIER, Bernard; AUDUBERT, Albert; PAIS, Cidmar Teodoro. Estruturas Lingüísticas do Português. 2 ed. Difusão Européia do Livro. São Paulo, 1973.

REY, Alain. *Terminology between the experience of reality and the command of signs*. In: Terminology: International journal of theoretical and applied issues in specialized communication. pp. 121-134. Vol. 5. n. 1. John Benjamins Publishing Company. Amsterdam/Philadelphia, 1998/1999.

RIBEIRO, Ernesto Carneiro. Estudos Gramaticais e Filológicos – Ligeiras Observações: origem e filiação da língua portuguesa, da crase em português, elementos de gramática portuguesa, gramática portuguesa filosófica. Obras completas vol. 3. Editora Aguiar & Souza LTDA. Salvador, Bahia, 1957.

RIBEIRO, João. Brasileirismos A Língua Nacional e outros estudos lingüísticos. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, Aracaju: Governo do Estado de Sergipe, 1979.

RIBEIRO, João. Brasileirismos In: Revista de Língua Portuguesa – Archivo de Estudos relativos ao idioma e literatura nacionaes pp.43. Publicação Bimestral dirigida por Laudelino Freire. Anno II. n. 7. Rio de Janeiro, 1920.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Contribuição para a etimologia dos brasileirismos. Revista Portuguesa de Filologia, Coimbra, Vol. IX, tomos I e II, 1958-1959, pp. 1-54.

SAGER, Juan.C. *In seach of a foundation : Towards a theory of the term*. In: Terminology: International journal of theoretical and applied issues in specialized communication. pp. 41-57. Vol 5. n. 1. John Benjamins Publishing Company. Amsterdam/Philadelphia, 1998/1999.

SAGER, Juan C. *Term Formation*. In: Handbook of Terminology Management. Volume 1. Sue Ellen Wright, Gerhard Budin (Orgs.). John Benjamins Publishing Company. Amsterdam/Philadelphia, 1997.

SAUSSURE, Ferdinand. Curso de Lingüística Geral. Editora Cultrix LTDA. São Paulo, 1999.

SCHAFF, Adam. Introdução a Semântica. Coleção Perspectivas do Homem. Vol. 46. Séries Estudos Semânticos. Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1968.

SILVA NETO, Serafim da. Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil. Coleção Linguagem 1. Editora Presença. 5 ed. Rio de Janeiro, 1986.

STREHLOW, Richard A. *Frames and the display of definitions*. In: Handbook of Terminology Management. Vol. 1. Sue Ellen Wright, Gerhard Budin (Orgs.). John Benjamins Publishing Company. Amsterdam/Philadelphia, 1997.

TEMMERMAN, Rita. *Why traditional terminology theory impedes a realistic description of categories and terms in the life sciences?* In: Terminology: International journal of theoretical and applied issues in specialized communication. pp. 77-92. Vol. 5. n. 1. John Benjamins Publishing Company. Amsterdam/Philadelphia, 1998/1999.

ULLMANN, Stephen. *Language y estilo*. Editora Aguilar. Espanha, 1977.

ULLMANN, Stephen. *Semântica: Uma introdução à ciência do significado*. 4 ed. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa, 1964.

WRIGHT, Sue Ellen. *Term Selection: The Initial Phase of Terminology Management*. In: Handbook of Terminology Management. Vol. 1. Sue Ellen Wright, Gerhard Budin (Orgs.). John Benjamins Publishing Company. Amsterdam/Philadelphia, 1997.

WÜSTER, Eugene. *La teoría general de la Terminología: una zona fronterera entre la Lingüística, la Lògica, l'Ontologia, la Informàtica i les ciènces especialitzades*. In: Terminologia. pp. 153-204. Selecció de textos d'E. Wüster. M. Teresa Cabré (dir.). Servei de Llengua Catalana Univesitat de Barcelona. Barcelona, 1996.

### 1. Afinar

- a) <http://www.livrodereceitas.com/diversos/vidaesaude/index.html>
- b) <http://forum.cifraclub.terra.com.br/forum/11/175953/>
- c) <http://www.cruzeiro.org/noticia.php?id=33724>
- d) [http://www.lancenet.com.br/blogs\\_colunistas/pvc/comentarios.asp?idpost=16249](http://www.lancenet.com.br/blogs_colunistas/pvc/comentarios.asp?idpost=16249)
- e) <http://www.alide.com.br/wforum/viewtopic.php?f=22&t=687>
- f) <http://www.papodebola.com.br/24horas/20040409.htm>

### 2. Afundar

- a) <http://pt.wiktionary.org/wiki/afundar>
- b) <http://www.flogao.com.br/juh3000/foto/02/39547503>
- c) [http://aprendendo.ig.com.br/antenado/checktemplate.cfm?action=view&sec\\_id=25&mat\\_id=4932&template=verde](http://aprendendo.ig.com.br/antenado/checktemplate.cfm?action=view&sec_id=25&mat_id=4932&template=verde)
- d) [http://www.jornalistadofuturo.blogger.com.br/2006\\_06\\_01\\_archive.html](http://www.jornalistadofuturo.blogger.com.br/2006_06_01_archive.html)
- e) [http://immortal\\_angel.weblogger.terra.com.br/](http://immortal_angel.weblogger.terra.com.br/)
- f) <http://www.forumpci.com.br/topico/6026085/7>

### 3. Agregar

- a) [http://www.mbc.org.br/mbc/pgqp/index.php?option=com\\_noticia&task=noticias\\_detalhes&Itemid=38&id=1473](http://www.mbc.org.br/mbc/pgqp/index.php?option=com_noticia&task=noticias_detalhes&Itemid=38&id=1473)
- b) [http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pro\\_licen/port\\_3185\\_15\\_9\\_05.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pro_licen/port_3185_15_9_05.pdf)
- c) [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L5821.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L5821.htm)
- d) [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1990-1994/D0684.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/D0684.htm)

### 4. Assentar

- a) <http://recantodasletras.uol.com.br/contosdefantasia/268997>
- b) [http://www.sergiocigano.com.br/osorixas\\_quijilas.htm](http://www.sergiocigano.com.br/osorixas_quijilas.htm)



- c) <http://fotolog.terra.com.br/mariwo:13>
- d) <http://www.xapana.com.br/obrigacoes.htm>
- e) [http://www.choupanadeobaluaie.com/index.php?option=com\\_content&task=view&id=70&Itemid=2](http://www.choupanadeobaluaie.com/index.php?option=com_content&task=view&id=70&Itemid=2)
- f) <http://www.ufsc.br/~esilva/Candomble.html>

## 5. Bater

- a) [http://www.literaturaperiferica.blogger.com.br/2007\\_09\\_01\\_archive.htm](http://www.literaturaperiferica.blogger.com.br/2007_09_01_archive.htm)
- b) [http://www.palmares.gov.br/005/00502001.jsp?ttCD\\_CHAVE=603](http://www.palmares.gov.br/005/00502001.jsp?ttCD_CHAVE=603)
- c) <http://www.uspleste.usp.br/eventos/lazer-debate/anais-cristina.pdf.pdf>
- d) [http://www.viamagia.org/federacao/espiritualidade\\_origem.php](http://www.viamagia.org/federacao/espiritualidade_origem.php)
- e) <http://www.jangadabrasil.com.br/revista/dezembro73/fe73012a.asp>
- f) <http://www.cultura.ba.gov.br/noticias/na-midia/impresso/tradicao>

## 6. Beber

- a) [http://www.saudenainternet.com.br/portal\\_saude/por-que-beber-agua-.php](http://www.saudenainternet.com.br/portal_saude/por-que-beber-agua-.php)
- b) <http://carros.hsw.uol.com.br/como-comprar-um-carro-economico1.htm>
- c) [http://www.primeiramao.com.br/editorial/SuperAuto/editorial\\_avaliacao203.asp](http://www.primeiramao.com.br/editorial/SuperAuto/editorial_avaliacao203.asp)
- d) <http://g1.globo.com/Noticias/Carros/0,,MUL592668-9658,00-SAIBA+SE+SEU+CARRO+ESTA+BEBENDO+COMBUSTIVEL+ADULTERADO.html>
- e) <http://diario.liquidoxide.com/archives/002686.html>
- f) [http://carros.viaki.com/veiculo\\_a\\_diesel.html](http://carros.viaki.com/veiculo_a_diesel.html)

## 7. Benzer

- a) <http://www.planetagol.com.br/modules.php?name=News&file=article&sid=15803>
- b) <http://www.artecapoeira.com/content/view/56/68/>
- c) <http://www.capoeiras.com/capoeiras/2007/11/07/kilombolas-manganga-mtonho-materia-gcmanganga-2004/>

- d) <http://www.virtu.ufjf.br/artigo%20a36.pdf>
- e) <http://www.asterrocapoeira.com.br/proposta.html>
- f) [http://www.eeffto.ufmg.br/licere/pdf/licereV10N02\\_a8.pdf](http://www.eeffto.ufmg.br/licere/pdf/licereV10N02_a8.pdf)

## **8. Bolar**

- a) <http://www.n-a-u.org/Amaral&Silva1.html>
- b) [http://www.uucab.com.br/uucab\\_orixas\\_iniciacao.html](http://www.uucab.com.br/uucab_orixas_iniciacao.html)
- c) <http://magiadeodara.blogspot.com/2008/06/ritmos-e-repertrios.html>
- d) <http://www.anped.org.br/reunioes/28/textos/gt21/gt21241int.doc>
- e) <http://milpovos.prefeitura.sp.gov.br/interna.php?com=26&lang=1&id=598>

## **9. Caquear**

- a) <http://www.millarch.org/artigo/os-cacos-que-faltaram-para-mais-humor-de-xandu>
- b) <http://forumch.com.br/index.php?s=790b39285f198a9fc18cd78bda31c869&showtopic=2334&st=225&p=168773&#entry168773>

## **10. Codizar**

Não há exemplos.

## **11. Concentrar**

- a) <http://forum.cifraclub.terra.com.br/forum/11/192060/>
- b) <http://globoesporte.globo.com/Espportes/Noticias/Times/Botafogo/0,,MUL701527-9861,00-ALIMENTACAO+E+JUSTIFICATIVA+PARA+CONCENTRACAO+ANTECIPADA.html>
- c) <http://santaclipping.blogspot.com/2008/07/diretoria-do-santa-decide-concentrar.html>
- d) <http://www.santistaroxo.com.br/artigo/?id=2068>
- e) <http://forum.acemprol.com/viewtopic.php?f=128&t=727>
- f) <http://www.meusport.com/forum/showthread.php?t=40483>

## 12. Cozinhar

- a) <http://paracozinhar.blogspot.com/>
- b,c,d) <http://www.brunoamaral.com/post/como-cozinhar-um-press-release/>
- e) <http://dominiopublico.wordpress.com/2006/10/08/jornalismo-e-salsicha/>
- f) <http://www.canaldaimprensa.com.br/canalant/midia/trint1/midia6.htm>

## 13. Defender

- a) [http://www.fmc.org.br/noticias\\_ler.asp?id=2007](http://www.fmc.org.br/noticias_ler.asp?id=2007)
- b) <http://esportes.terra.com.br/futebol/libertadores2008/interna/0,,OI2986554-EI10786,00-Goleiro+descarta+rotulo+de+heroi+apos+defender+penaltis.html>
- c) <http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas/2008/03/26/ult59u151010.jhtm>
- d) [http://www.nominuto.com/esporte/souza\\_faz\\_boa\\_jogada\\_mas\\_goleiro\\_defende/2365/](http://www.nominuto.com/esporte/souza_faz_boa_jogada_mas_goleiro_defende/2365/)
- e) [http://www.bluebus.com.br/show/1/85426/goleiro\\_que\\_defendeu\\_cabecada\\_de\\_pele\\_depoe\\_em\\_filme\\_da\\_jwt](http://www.bluebus.com.br/show/1/85426/goleiro_que_defendeu_cabecada_de_pele_depoe_em_filme_da_jwt)
- f) <http://zerohora.clicrbs.com.br/zerohora/jsp/default.jsp?uf=2&local=18&section=Esportes&newsID=a2027963.xml>

## 14. Derrubar

- a) [http://www.estadao.com.br/internacional/not\\_int178104,0.htm](http://www.estadao.com.br/internacional/not_int178104,0.htm)
- b) <http://jockeyclubmg.vilabol.uol.com.br/marcio/cronica16.htm>

## 15. Desacostar

- a) <https://www.apdl.pt/gca/index.php?id=1142613535>

## 16. Descalar

- a) [http://www.historiadomar.com.br/naufragios\\_10\\_05.htm](http://www.historiadomar.com.br/naufragios_10_05.htm)

## 17. Descer

- a) [http://www.scielo.br/pdf/rlae/v15n2/pt\\_v15n2a10.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rlae/v15n2/pt_v15n2a10.pdf)
- b) <http://hawa.rajimaa786.com/medium.html>
- c) <http://inforum.insite.com.br/33840/3672510.html>
- d) <http://fantastico.globo.com/Jornalismo/Fantastico/0,,AA1075479-5023,00.html>
- e) <http://povodearuanda.wordpress.com/2007/01/31/as-sete-linhas/>
- f) [http://www.umbandausa.com/docs/Palestras/U\\_Trabalhos\\_No\\_Euripedes.php](http://www.umbandausa.com/docs/Palestras/U_Trabalhos_No_Euripedes.php)

### **18. Desenvolver**

- a) <http://www.espirito.org.br/portal/artigos/amilcar/como-desenvolver.html>
- b) <http://www.espirito.org.br/portal/artigos/gebm/mediunidade-teoria.html>

### **19. Desincorporar**

- a) <http://www.camarapiracicaba.sp.gov.br/camara07/index1.asp?id=4950>
- b) <http://www.discoverykidsbrasil.com/pais/artigos/linguagem/>
- c) [http://cethrio.vilabol.uol.com.br/modelos/arqs\\_praticas/arqs\\_praticas3.htm](http://cethrio.vilabol.uol.com.br/modelos/arqs_praticas/arqs_praticas3.htm)
- d) <http://br.geocities.com/marcsvini/apontamentos-tipomediunidade.html>
- e) [http://www.paimaneco.org.br/texto\\_pai%20fernando\\_5.htm](http://www.paimaneco.org.br/texto_pai%20fernando_5.htm)
- f) <http://somostodosum.ig.com.br/clube/artigos.asp?id=4749>
- g) [http://www.solitari.com.br/tuctcmj/cmedium\\_2a.asp](http://www.solitari.com.br/tuctcmj/cmedium_2a.asp)

### **20. Embalsamar**

- a) <http://www.xamanismo.com.br/Poder/SubPoder1191826033It001>

### **21. Encastelar**

- a) <http://todososfogos.blogspot.com/2007/10/as-vivas-das-quintas-feiras.html>

### **22. Encruzar**

- a) <http://www.ufpel.tche.br/pelotas/omeurosilho.html>
- b) <http://www.maroladomar.com.br/PontodePretoVelho.htm>

- c) <http://www.flogao.com.br/Modulos/Flogs/ReadNews.aspx?id=2464041&idfl og=7350837>
- d) [http://www.abguarbastos.com.br/tre\\_01.htm](http://www.abguarbastos.com.br/tre_01.htm)
- e) <http://umbanda.wordpress.com/2006/12/03/>
- f) [http://personales.com/uruguay/montevideo/lode/puntos\\_de\\_pretovelho.htm](http://personales.com/uruguay/montevideo/lode/puntos_de_pretovelho.htm)

### **23. Enterrar**

- a) [http://www.fundevap.org.br/curs\\_brom.html](http://www.fundevap.org.br/curs_brom.html)
- b) <http://pbf.blogspot.com/2008/06/candace-parker-enterra-na-wnba.html>
- c) <http://portuguese.cri.cn/183/2007/06/25/1@69833.htm>
- d) <http://blog.paulomurilo.com/2006/09/25/os-orfaos-da-enterrada/>
- e) [http://ultimosegundo.ig.com.br/esportes/basquete/2007/09/06/elas\\_querem\\_e nterrar\\_993589.html](http://ultimosegundo.ig.com.br/esportes/basquete/2007/09/06/elas_querem_e nterrar_993589.html)
- f) <http://blogblogs.com.br/tag/enterrar>

### **24. Escantilhar**

- a) <http://www.cmop.mg.gov.br/site/memorial/casacamara.php>

### **25. Impronunciar**

- a) [http://209.85.215.104/search?q=cache:Ogp5csJhwR8J:www.esmp.sp.gov.br/ estagiarios/material\\_apoio/palestra\\_juri.doc+impronunciar&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=5&gl=br](http://209.85.215.104/search?q=cache:Ogp5csJhwR8J:www.esmp.sp.gov.br/ estagiarios/material_apoio/palestra_juri.doc+impronunciar&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=5&gl=br)
- b) [http://www.dji.com.br/codigos/1941\\_dl\\_003689\\_cpp/cpp413a421.htm](http://www.dji.com.br/codigos/1941_dl_003689_cpp/cpp413a421.htm)
- c) [http://guia.ipatinga.mg.gov.br/dic\\_glos.asp?page=132&LastPage=0&RegCo unt=0&stpesq=3&PagAbs=133&PagSize=10&cdprofissid=0&cdatividadein t=dic\\_glos&cbsiteid=0&nmtermo=&cdtemaid=0&cdsttermo=1](http://guia.ipatinga.mg.gov.br/dic_glos.asp?page=132&LastPage=0&RegCo unt=0&stpesq=3&PagAbs=133&PagSize=10&cdprofissid=0&cdatividadein t=dic_glos&cbsiteid=0&nmtermo=&cdtemaid=0&cdsttermo=1)
- d) [http://www.geocities.com/saulobrumleal/artigos\\_e\\_acordaos/pronunciaecrim esconexos.htm](http://www.geocities.com/saulobrumleal/artigos_e_acordaos/pronunciaecrim esconexos.htm)
- e) [http://www.tjap.gov.br/apjurisnet\\_new/intteor.php?id=5098](http://www.tjap.gov.br/apjurisnet_new/intteor.php?id=5098)

### **26. Inflacionar**

- a) [http://www.ipea.gov.br/pub/bccj/bc\\_67k.pdf](http://www.ipea.gov.br/pub/bccj/bc_67k.pdf).
- b) [http://www.sindiracoes.org.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=87&Itemid=81](http://www.sindiracoes.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=87&Itemid=81)
- c) <http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u112695.shtml>
- d) <http://www.cinform.com.br/conteudo/?codigo=3614>
- e) <http://elbrasileno.blogspot.com/2006/02/inflacionando-o-mercado.html>

### **27. Instrumentar**

- a) <http://www.impop.com.br/2006/12/12/a-aldeia-global-de-curumin/>
- b) <http://www.projetos.unijui.edu.br/gipec/cie-inov-criat/maria4.pdf>.
- c) <http://tudosobreraquel.blogspot.com/2007/03/internato-fase-1clinica-cirurgica.html>
- d) <http://www3.catho.com.br/vag/busca/search.php?q=instrumentadora%20cirurgica>
- e) <http://coren-df.org.br/site/materias.asp?ArticlesID=846>
- f) [http://www.hc.ufmg.br/enfermagem/temp/regimento\\_colegiado\\_gestor04\\_07\\_06.pdf](http://www.hc.ufmg.br/enfermagem/temp/regimento_colegiado_gestor04_07_06.pdf).

### **28. Investir**

- a) <http://www.ccs.saude.gov.br/revolta/revolta2.html>
- b) [http://www.grandesguerras.com.br/artigos/text01.php?art\\_id=46](http://www.grandesguerras.com.br/artigos/text01.php?art_id=46)
- c) [http://pt.wikipedia.org/wiki/Porta-avi%C3%B5es\\_japon%C3%AAs\\_Zuikaku](http://pt.wikipedia.org/wiki/Porta-avi%C3%B5es_japon%C3%AAs_Zuikaku)
- d) [http://www.historiadomar.com.br/transporte\\_01.htm](http://www.historiadomar.com.br/transporte_01.htm)
- e) <http://www.fernandodannemann.recantodasletras.com.br/visualizar.php?id=671220>
- f) <http://www.filateliamosaico.com.br/revista34-03.htm>

### **29. Lenhar**

- a) [http://www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia\\_n14\\_p22.pdf](http://www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia_n14_p22.pdf)
- b) <http://www.autoracing.com.br/forum/lofiversion/index.php/t39610-600.html>
- c) <http://www.celtaclube.com.br/forum/index.php?showtopic=42516>
- d) <http://forum.outerspace.com.br/showthread.php?t=5590>
- e) <http://www.forumnow.com.br/vip/mensagens.asp?forum=94106&grupo=178842&topico=2743462&pag=4&v=1>

### 30. Manutenir

- a) <http://www.alide.com.br/wforum/viewtopic.php?f=5&t=21&p=30531>
- b,c) <http://www.jornalpequeno.com.br/2006/12/3/Pagina46618.htm>
- d) [http://www.ampb.org.br/ponto\\_de\\_vista.jsp?id=7](http://www.ampb.org.br/ponto_de_vista.jsp?id=7)

### 31. Matar

- a) <http://www.cenargen.embrapa.br/cenargenda/noticias2007/oestenews270107.pdf>
- b) [http://www.vipcomm.com.br/assessoria/index.php?destino=noticia&cod=20&destino\\_cod=5678](http://www.vipcomm.com.br/assessoria/index.php?destino=noticia&cod=20&destino_cod=5678)
- c) <http://placar.abril.com.br/materias/futebolfeminino/>
- d) <http://werg.14.forumer.com/viewtopic.php?p=18&sid=da959c27fb18e2ff91300843a7a90bd0>
- e) <http://www.futebolnarede.com/noticias/verumanoticia.php?var=60713>
- f) <http://www.saopaulofc.com.br/news.php?cod=26509>

### 32. Maximizar

- a) <http://www.cmi.no/publications/publication/?2786=por-que-as-empresas-no-deviam-sempre-maximizar-os>
- b,c) [http://www.mat.uc.pt/~jsoares/research/opti\\_2005\\_05\\_06.pdf](http://www.mat.uc.pt/~jsoares/research/opti_2005_05_06.pdf)
- d,e) <http://www.einstein.br/biblioteca/artigos/Programacao%20linear%20traduzidos.pdf>
- f) [http://files.sapo.pt/turma/Correcao\\_exames2006/correcao\\_mate\\_735\\_1F\\_2006.pdf](http://files.sapo.pt/turma/Correcao_exames2006/correcao_mate_735_1F_2006.pdf)

### 33. Morrer

- a) <http://tecnologia.terra.com.br/interna/0,,OI762038-EI4802,00.html>
- b) <http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20061206015604AAJawqP>
- c) <http://globoesporte.globo.com/ESP/Noticia/Motor/0,,MUL222041-1310,00.html>
- d) <http://www.carrosnaweb.com.br/dicasmotores.asp>
- e) [http://rcgrupos.com.br/html/index.php?option=com\\_content&task=view&id=178&Itemid=50](http://rcgrupos.com.br/html/index.php?option=com_content&task=view&id=178&Itemid=50)
- f) [http://www.primeiramao.com.br/Editorial/superauto/editorial\\_veneno317.asp](http://www.primeiramao.com.br/Editorial/superauto/editorial_veneno317.asp)

### 34. Passar

- a) <http://www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php?cod=308813&edicao=12035&anterior=1>
- b) <http://esporte.uol.com.br/copa/2006/ultnot/brasil/2006/06/30/ult3505u625.jhtm>
- c) [http://www.fpr.pt/ficheiros\\_site\\_fpr/outros/destaques/FPR\\_Textos\\_material\\_treinadores.doc](http://www.fpr.pt/ficheiros_site_fpr/outros/destaques/FPR_Textos_material_treinadores.doc)
- d) <http://www.inf.ufrgs.br/proctpar/disc/cmp134/trabs/T2/981/yuzo.html>
- e) <http://www.howtothings.com/sports-and-recreation/como-jogar-basquete>
- f) <http://sportlife.terra.com.br/index.asp?codc=725>

### 35. Pegar

- a) <http://www.diarioon.com.br/arquivo/4519/lazer/lazer-17248.htm>

### 36. Podar

- a) [http://www.europenet.com.br/euro2003/index.php?cat\\_id=167&pag\\_id=13683](http://www.europenet.com.br/euro2003/index.php?cat_id=167&pag_id=13683)
- b) <http://www.e-eaglesrest.com/portuguese/n%C3%A3otepreocupes.html>



- c) <http://forum.cifraclub.terra.com.br/forum/11/171305/>
- d) <http://www.odemocrata.com.br/260507/frango.asp>
- e) <http://inema.com.br/mat/idmat025858.htm>
- f) <http://www.clubecalibra.com.br/forum/index.php?act=Print&client=printer&f=11&t=11692>

### **37. Pontear**

- a) <http://tianix.wordpress.com/2008/07/>
- b) [http://www.studbook.com.br/boletin/boletim\\_01\\_01.html](http://www.studbook.com.br/boletin/boletim_01_01.html)
- c) [http://robertofonseca.zip.net/arch2007-10-28\\_2007-11-03.html](http://robertofonseca.zip.net/arch2007-10-28_2007-11-03.html)
- d) <http://www.jcb.com.br/colunas/interna.asp?id=141>
- e) [http://www.folhape.com.br/fohape/materia.asp?data\\_edicao=30/07/2007&mat=54458](http://www.folhape.com.br/fohape/materia.asp?data_edicao=30/07/2007&mat=54458)
- f) [http://www.jockeysp.com.br/turfe\\_internacional75.asp](http://www.jockeysp.com.br/turfe_internacional75.asp)

### **38. Possear**

- a) <http://mtiete.nireblog.com/>
- b) <http://www.epapromocoes.com.br/jornalnossaterra/achado/pagina03.htm>
- c) <http://www.imaculada.org/memorias/4%20Mem%C3%B3ria%20de%20Caconde.pdf>
- d) [http://www.unimontes.br/unimontescientifica/revistas/Anexos/artigos/revista\\_v5\\_n2/03\\_dossie\\_agregacao.htm](http://www.unimontes.br/unimontescientifica/revistas/Anexos/artigos/revista_v5_n2/03_dossie_agregacao.htm)
- e) <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/PDF/1998/a183.pdf>

### **39. Pular**

- a) <http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20070227104045AAZluNN>
- b) <http://www.conjur.com.br/static/comment/44128>
- c) <http://www.capoeira-ma.de/content/gesang.html>
- d) <http://www.capoeira.de/musik/archiv3.html>
- e) <http://www.comexpressao.com/Home/Music/A>

#### 40. Queimar

- a) [http://veja.abril.com.br/especiais/amazonia/p\\_020.html](http://veja.abril.com.br/especiais/amazonia/p_020.html)
- b) <http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20080608125819AAziceH>
- c) <http://portalsaofrancisco.com.br/alfa/fute-tenis/regras-do-fute-tenis.php>
- d) <http://mesatenista.net/modules.php?name=Forums&file=viewtopic&p=68680>
- e) <http://www.tenissite.com.br/glossario.htm>
- f) <http://www.tamboreu.com.br/regras/>

#### 41. Rabear

- a) <http://absorto.blogspot.com/2005/02/cauda-da-serpente.html>
- b) <http://edson-bezerra.blogspot.com/2007/05/por-uma-frao-de-segundos-ou-essa-ia.html>
- c) <http://www.revistapiaui.com.br/artigo.aspx?id=376&pag=3&anteriores=1&anterior=102007>
- d) <http://srp.ptgamers.com/index.php?showtopic=4529>
- e) [http://blogmulsanne.blogspot.com/2007\\_09\\_01\\_archive.html](http://blogmulsanne.blogspot.com/2007_09_01_archive.html)
- f) [http://www.playstation.com.br/jogos/preview/231-sega\\_rally\\_revo\\_ps3\\_preview.htm](http://www.playstation.com.br/jogos/preview/231-sega_rally_revo_ps3_preview.htm)

#### 42. Rasgar

- a) <http://www.inovacaotecnologica.com.br/noticias/noticia.php?artigo=super-papel---nanopapel-e-mais-dificil-de-rasgar-que-o-ferro>
- b) [http://www.sescsp.org.br/sesc/hotsites/mpb/mpb4/04\\_canhoto.htm](http://www.sescsp.org.br/sesc/hotsites/mpb/mpb4/04_canhoto.htm)
- c) <http://www.oestadaomatogrossense.com.br/noticia.php?id=823>
- d) [http://www.universia.es/html\\_trad/portada/actualidad/noticia\\_actualidad\\_trad/params/anyo/2008/mes/Abril/noticia/jgbaj.html](http://www.universia.es/html_trad/portada/actualidad/noticia_actualidad_trad/params/anyo/2008/mes/Abril/noticia/jgbaj.html)
- e) <http://www.noticiashoje.com.br/?a=noticias&id=516>

#### 43. Rebarbar

- a) [http://www.bosch.pt/content/language1/html/734\\_5581.htm](http://www.bosch.pt/content/language1/html/734_5581.htm)

#### **44. Receber**

- a) [http://oglobo.globo.com/esportes/brasileiro2008/mat/2008/10/24/jogadores\\_do\\_flamengo\\_vao\\_receber\\_bencao\\_de\\_sao\\_judas\\_tadeu-586097159.asp](http://oglobo.globo.com/esportes/brasileiro2008/mat/2008/10/24/jogadores_do_flamengo_vao_receber_bencao_de_sao_judas_tadeu-586097159.asp)
- b) <http://umbanda.wordpress.com/2007/03/29/alguns-erros-de-diversos-terreiros/>
- c) <http://www.filologia.org.br/revista/39/05.htm>
- d) <http://www.universia.com.br/materia/materia.jsp?materia=12404>
- e) <http://www.paimaneco.org.br/pesnochao.html>
- f) [http://www.umbandacarismatica.org.br/dinamica/juca/2007\\_09\\_01\\_archive.html](http://www.umbandacarismatica.org.br/dinamica/juca/2007_09_01_archive.html)

#### **45. Reduzir**

- a) <http://www.ief.com.br/finanpe.htm>
- b) <http://www.ondeir.rec.br/veiculos/artigo6.asp>
- c) <http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20060727112934AAR0nQj>
- d) <http://www2.uol.com.br/bestcars/ct-ptacco.htm>
- e) <http://www.forumnow.com.br/vip/mensagens.asp?forum=94106&grupo=178842&topico=2790693&pag=2&v=1>
- f) <http://www.tuning4girls.com.br/artigos.php?id=73>

#### **46. Remar**

- a) <http://www.santistaroxo.com.br/artigo/?id=2516>

#### **47. Rodar**

- a) <http://www.jogos.antigos.nom.br/piao.asp>
- b) <http://info.abril.com.br/aberto/infonews/112006/01112006-8.shl>
- c) [http://gente.ig.com.br/materias/2008/07/09/michelle\\_williams\\_planeja\\_rodar\\_filme\\_sobre\\_heath\\_ledger\\_1430115.html](http://gente.ig.com.br/materias/2008/07/09/michelle_williams_planeja_rodar_filme_sobre_heath_ledger_1430115.html)
- d) <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u420000.shtml>

- e) <http://www.cinemacafri.com/noticias.jsp?id=962>
- f) <http://g1.globo.com/Noticias/Cinema/0,,MUL583142-7086,00.html>

#### **48. Serenar**

- a) <http://www.destakes.com/tag/serenar>

#### **49. Tabelar**

- a) <http://www.sinpaf.org.br/modules/smartsection/item.php?itemid=298>
- b) [http://blog.estadao.com.br/blog/piza/?title=tres\\_craques\\_alem\\_frenteira&more=1&c=1&tb=1&pb=1](http://blog.estadao.com.br/blog/piza/?title=tres_craques_alem_frenteira&more=1&c=1&tb=1&pb=1)
- c) <http://www.gremiocopero.com/index.php/2008/07/06/estatisticas-e-a-realidade/>
- d) <http://www.saopaulofc.com.br/news.php?cod=32443>
- e) [http://jc.uol.com.br/2008/07/28/not\\_175062.php](http://jc.uol.com.br/2008/07/28/not_175062.php)
- f) <http://www.verdao.net/forum/index.php?act=Print&client=printer&f=2&t=1971>

#### **50. Tesar**

Não há exemplos.

#### **51. Turturinar**

- a) [http://www.iacat.com/Revista/recrearte/recrearte07/Seccion2/2.%20musica%20na%20E%20infantil.FEEH\\_MARILEIA27022006%5B1%5D.pdf](http://www.iacat.com/Revista/recrearte/recrearte07/Seccion2/2.%20musica%20na%20E%20infantil.FEEH_MARILEIA27022006%5B1%5D.pdf)
- b) [http://www.eduardobpinto.com/cronica\\_lisboa.html](http://www.eduardobpinto.com/cronica_lisboa.html)
- c) [http://www.jmesquita.brtdata.com.br/1927\\_Cavilhada.pdf](http://www.jmesquita.brtdata.com.br/1927_Cavilhada.pdf)